

Primeiras Palavras

ANA PAULA KALSING, ANDRÉA PALATNIK,
FELIPE CARNEIRO E MICHELLE KAPLAN



Depois de mais de um mês de trabalho em plenas férias de julho, os ecléticos editores, às voltas com plantões de Pan-americano, Campeonato Brasileiro, Copa América e afins, aqui estão para entregar mais uma edição da **Revista Eclética**. Coordenado pelo professor e obstetra Fernando Sá, o parto – apesar do fórceps e das complicações – foi bem sucedido, rendendo boas experiências para todos os envolvidos.

As cidades não são feitas apenas de vigas e concreto, mas também de personagens, vivências e suas relações. A 24ª **Eclética** traz como tema o cenário urbano, em especial o do Rio de Janeiro – alguns foram mais longe e trouxeram histórias do Rio Grande do Sul e até de Nova York.

Porteiros, taxistas, prostitutas, flanelinhas, artistas de rua; feiras, cinemas, festas, bairros, praias. Onde quer que bata um coração carioca, lá estavam os ecléticos repórteres em busca de boas histórias. Não aquelas pautadas por editores mau-humorados e sem criatividade, com sua tradicional falta de boa vontade com estagiários, mas aquelas saídas de nossas quase diplomadas cabeças. Cabeças que, desde o tema da revista até a escolha das pautas e estilos, gozaram de total liberdade para trabalhar.

Mas não pense o leitor que faltaram critério ou senso crítico na escolha das matérias impressas nessas páginas. O mesmo mês citado ali no primeiro parágrafo foi cheio de extenuantes discussões acerca do que devia ou não chegar à revista, fora todo o tempo gasto pelos quase 100 alunos na apuração e redação dos artigos que você agora tem em mãos.

“Em caso de chuva, não utilize sua Revista Preliminar para secar a cadeira”. O apelo está no site do clube Atlético Paranaense, dono da publicação, que é distribuída aos torcedores em dia de jogo. Acreditamos ser a frase que melhor resume o que no fundo todo jornalista gostaria de pedir: antes de embrulhar o peixe ou forrar o chão para receber o pipi do cachorro, leia com carinho, vale a pena – e deu trabalho.

Sumário

ATÉ O DIA RAIAR	2
MÚSICA BLACK PARA SE DANÇAR NAS RUAS.....	7
CINEMAS CARIOCAS	11
UM ESPAÇO PARA A ARTE	15
ENTRE A CASA E A RUA	20
O CULPADO MORA AO LADO	23
O VIGIA DA PORTA	26
GANHANDO A VIDA SOBRE RODAS	30
OS DONOS DA RUA	34
O GUIA DAS RUAS	38
UM CONDOMÍNIO CHAMADO VILA MIMOSA.....	43
O PLANEJAMENTO URBANO E A CONSAGRAÇÃO DA RUA ..	47
OS BASTIDORES DE UMA FEIRA LIVRE	52
BARULHOS CARIOCAS	57
DIREITO À MORADIA	62
DO OUTRO LADO DA PONTE	68
A “GRANDE” BARRA DA TIJUCA	72
A ROÇA DA ZONA SUL	75
IPANEMA: ONTEM, HOJE E SEMPRE	80
RIO DE JANEIRO: UMA CIDADE DEFICIENTE	84



ECLÉTICA É UMA REVISTA SEMESTRAL DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PUC-RIO, ESSE NÚMERO FOI PRODUZIDO PELAS TURMAS DE 2007.1 DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, HABILITAÇÃO EM JORNALISMO, DA DISCIPLINA DE EDIÇÃO EM JORNAL, RÁDIO E TELEVISÃO.

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

PROF. CÉSAR ROMERO JACOB

COORDENAÇÃO EDITORIAL

PROF. FERNANDO SÁ

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA

PROF. AFFONSO ARAÚJO – CAPA BASEADA EM ARTES DE ERIC DROOKER E FRANS MASEREL

ALUNOS EDITORES

ANA PAULA KALSING, ANDRÉA PALATNIK, FELIPE CARNEIRO E MICHELLE KAPLAN

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

RUA MARQUÊS DE S. VICENTE, 225 – ALA KENNEDY

6º ANDAR – GÁVEA – RIO DE JANEIRO – RJ

CEP: 22453-900 – TEL.: (21) 3527-1603

IMPRESSÃO: GRÁFICA EDIL

Até o dia raiar

Ruas do Rio se destacam pela grande movimentação madrugada adentro

ANA LUIZA GARCIA, ANTONIO TOLIPAN, FELIPE CARNEIRO E LAURA SILVEIRA

Esquentando...

E meia-noite de sábado. O quadrilátero das ruas Felipe Camarão, Ribeiro Guimarães, dos Artistas e Dona Zulmira forma a Praça Varnhagen, o Baixo Tijuca. Ali há gente de todas as idades e regiões, desde os tijucanos mais tradicionais até moradores de bairros próximos da Zona Norte, como Vila Isabel e Maracanã. Quem ouve o burburinho sabe que a noite está longe de acabar. Os vários bares e a boate cercam a praça, funcionam até altas horas da madrugada e indicam que quem quiser se divertir tem diferentes opções à disposição. E é exatamente essa diversidade que atrai a estudante Maria Fernanda Lima, 23 anos, moradora de Vila Isabel, frequentadora da região desde os 18 anos.

“Eu gosto daqui porque tenho várias opções. Posso não gastar nada e ficar apenas batendo papo na praça, comer uma pizza no Garota da Tijuca, tomar uma cerveja no Só Cana ou até dançar na boate do Buxixo”, diz a estudante.

Luiza, Carla, João e Felipe moram em Copacabana e também costumam sair à noite na região. Eles também concordam que não é preciso gastar muito para se divertir. “O clima é muito bom e os preços são mais baratos do que em qualquer outro bar da Zona Sul. É uma excelente opção para beber, comer e não gastar muito”, afirma João Mendes, 25 anos.



Preços baratos e boate garantem o movimento do Buxixo até de madrugada

Inaugurado em agosto de 2001, o Buxixo se tornou um sucesso por reunir bar – no andar de baixo – e boate, na parte de cima. Com lotação garantida nos finais de semana, o bar é considerado a melhor opção em dias de jogos no Maracanã – ou mesmo em outros estádios –, já que conta com um telão e vários televisores espalhados pelas paredes. Os torcedores, muitas vezes, nem entram e preferem ficar torcendo do lado de fora.

A picanha de carne de sol com macaxeira e manteiga de garrafa é uma das opções para matar a fome da madrugada. O dono do estabelecimento, Carlos Alberto, garante que o caldinho de feijão da casa é o mais procurado, mesmo no verão.

Para muitos, o Baixo Tijuca é onde a noite começa, o local de encontro para definir onde será a noite. No entanto, são muitos os que preferem passar a noite toda na Praça.

O movimento não agrada somente quem está lá para se divertir. Os taxistas que trabalham por perto também lucram com a procura por transporte no final da noite, como é o caso de Marco Aurélio Soares, que faz ponto no local há mais de 10 anos. “Desde que comecei a trabalhar aqui, a Praça sempre está cheia e só começa a esvaziar a partir das 4h da manhã, mas consigo pegar passageiro até depois das 5h, que é quando o pessoal começa a sair da boate”, conta o taxista.

A noite continua

Em 20 minutos é possível chegar até a Lapa, berço da boemia carioca. O bairro, espremido entre a Glória e a Cinelândia, nunca foi de dormir à noite. Entre suas muitas opções de diversão, o Beco do Rato é uma mistura de trilhas sonoras que vêm dos diversos bares, sinucas, boates e restaurantes que ficam na Rua Joaquim Silveira. O choro e o samba, o *hip-hop*, o *funk*, o *reggae*, o forró e outros ritmos embalam o caldeirão cultural chamado Lapa.

O local é ponto final do bairro para rastafáris, cabelos coloridos, skatistas, gringos e patricinhas que se divertem em lugares próximos, como a Fundação Progresso, o Circo Voador, o Teatro Odisséia e o Estrela da Lapa. Por isso, às 4h da manhã, é até difícil andar pela rua. O carioca Bernardo Marones costuma ir ao Beco para tomar a última cerveja, mas garante que uma noite nunca é igual à outra.

“Às vezes eu venho sozinho e encontro um pessoal jogando sinuca, no Boteco da Lapa. Alguns amigos meus gostam de ficar no Bar Semente, que tem samba e choro ao vivo, mas eu também curto ouvir um *reggae*, pois opções não faltam”, diz.

Marones aproveitou a noite de sexta-feira para levar o amigo Julien Colichet, francês de férias no Brasil, para conhecer a rua onde moraram Jacob do Bando-lim e Nelson Cavaquinho. “Gostei muito daqui. É muito diferente de qualquer outro lugar que eu já tenha ido. Outro dia me levaram em uma boate em Ipanema, mas isso tem em qualquer lugar. Aqui não. Espero ter a oportunidade de voltar mais vezes”, elogia o turista.

Julien pode achar que a noite está acabando, mas para os *habitues* da região é comum trabalhar até o dia clarear. Dona Marinalva, que mora no número 80 da Jo-



Fim de noite no Beco do Rato. Difícil de andar

aquim Silva, vende bebidas alcoólicas nas proximidades de casa há mais de 15 anos. Ela garante que a venda de cerveja não pára até às 5h30 da manhã. “Há dez anos não dava para andar aqui, e por incrível que pareça o movimento não diminui. No começo da rua rola um pagodão, que vara a ma-drugada. Na outra ponta da rua, uma equipe de som coloca um *funk*. Eu vendo 20 caixas de cerveja e em algumas noites ainda falta”, comemora a comerciante.

Na Zona Sul

No começo de Copacabana, próximo ao bairro do Leme, a Avenida Prado Júnior é conhecida, desde a década de 1950, por ser o destino daqueles que buscam uma saideira para o fim de noite. Ligando a Rua Barata Ribeiro à Avenida Atlântica, na Prado Júnior é possível assistir aos *shows* eróticos da Boite Barbarella, comer um sanduíche de *filet mignon* com queijo e abacaxi no Cervan-

tes ou tomar uma cerveja importada no Bar Français Alexandra. Os frequentadores são os mais variados: turistas desavisados se misturam a travestis, prostitutas, cafetões e assaltantes.

Nessa confusão, são muitos os casos de assaltos, furtos e golpes no estilo “Boa Noite Cinderela”, que acontecem não apenas nas ruas, mas também nos bares e boates. Frequenteador assíduo do Bar Sunset, Frederico Minotti, 47 anos, conta que os casos de furto na região são corriqueiros e que normalmente a polícia é chamada. “Semana passada mesmo, um turista alemão acusou uma prostituta de roubar a sua carteira. Começou a maior discussão e chamaram a polícia. Foram os dois pra delegacia. Isso é normal por aqui. Tem que ficar ligado o tempo todo”, lembra.

Funcionário da Farmácia do Leme, que funciona 24 horas, Julio Santos, 56 anos, conta que já testemunhou muitas brigas na



Cerca de mil sanduíches são vendidos diariamente no Cervantes

madrugada. “Teve uma vez que rolou um quebra-quebra na porta do Barbarella aqui do lado. Um bando de velho rico saiu correndo. A gente pensou até em fechar as portas quando a polícia chegou.

Vira e mexe tem briga na rua, mas a gente não fecha as portas. A farmácia fica aberta 24 horas”, diz ele, orgulhoso.

Mas nem a violência é capaz de apagar o que ainda há de interessante na Prado Júnior. No início da avenida, quase na esquina com a Rua Barata Ribeiro, fica o restaurante Cervantes, com mais de 50 anos de existência, conhecido pelos famosos sanduíches que matam a fome de quem quer fechar a noite com chave de ouro.

Por noite saem em torno de mil sanduíches. Os mais pedidos são os de pernil com abacaxi e de filé com queijo, o que não impede que pratos como a salada de salpicão façam sucesso e sejam servidos

até às 6h da manhã nas sextas e sábados.

O sociólogo Sérgio de Mendonça frequenta o restaurante há 40 anos. O Cervantes era um ponto de encontro de boêmios e intelectuais de esquerda nos tempos da ditadura militar. “Nós saíamos para grafitar no subúrbio do Rio. Sempre de madrugada. Depois, lá pelas 5h da manhã, íamos todos comer um sanduíche e tomar um chope no Cervantes. A casa mudou muito pouco daqueles tempos pra cá. A comida continua excelente e por isso eu frequento até hoje. Sempre de madrugada”, conta Mendonça.

Além de bares e boates, a Prado Júnior oferece outros serviços 24

Problemas com os vizinhos

Ruas que nunca dormem: alegria dos notívagos, desespero dos moradores. É assim em qualquer lugar do mundo. Donos de bares, boates e restaurantes fazendo o que podem para ficar em bons termos com a lei do silêncio, enquanto boêmios e insones falam alto, o tráfego movimentado produz muitos decibéis e, não raro, a música escapa das caixas de som de boates e porta-malas.

A angústia dos vizinhos por causa do “burburinho” não pára por aí. Uma série de pequenas situações que se repetem sempre acaba por tornar a vida dessas pessoas, que só querem chegar em casa em paz e dormir tranquilamente até a manhã seguinte, um inferno. Dona Márcia, moradora de um dos prédios no entorno da Praça Santos Dummont – mais conhecida como Baixo Gávea –, tem problemas para chegar em casa de carro depois das 22h.

“A rua fica coberta de gente. Eu tenho que vir andando a 2 km/h, e ainda por cima enfrentar os olhares de reprovação de todas as pessoas, como se a errada nessa história fosse eu. Eu só quero chegar em casa! Imagine meu estado de nervos quando eu estou atrasada ou com pressa para algum compromisso...”, desabafa a dona-de-casa.

Pode parecer rabugice de Dona Márcia, mas Carlos Maciel mostra que o incômodo é realmente grande. Ele mora na Rua Felipe Camarão, 237, praticamente dentro da Praça Varnhagen. Quando se mudou para o endereço, Carlos achou que não poderia haver localização melhor para fixar moradia. Meses depois, aprendeu a pesar prós e contras, e já não pensa da mesma maneira.

“Eu saí da casa dos meus pais com 21 anos e quis vir morar aqui. Para mim seria o paraíso. Descer o elevador e pronto, cheguei na bombação. E no começo eu realmente adorava, mas fui me incomodando com os probleminhas. Toda vez que eu chego em casa tem alguém bebendo sentado na minha portaria. Tenho que pular os caras, às vezes eles não se dão ao trabalho nem de chegar um pouco para o lado... Sem falar no barulho, que muitas vezes emenda a noite de domingo no barulho normal das manhãs de segunda”, conta. Carlos diz que cansou da “bombação” e quer se mudar, mas está difícil passar o imóvel adiante. “Parece que a única pessoa que achava que ia ser legal morar aqui sou eu. As pessoas vêm ver o apartamento, mas sempre oferecem menos dinheiro do que eu paguei, alegando que o barulho da noite desvaloriza minha casa. E eu fico com cara de tacho, porque sei que é verdade”, lamenta.

Um dos garçons do bar Buxixo, que pediu para não ser identificado, confirma os problemas com a vizinhança: “Eles reclamam sempre, às vezes chamam a polícia, mas não adianta. O povo também tem o direito de se divertir, oras. Tem muitos anos que essa praça é assim, já era hora de eles se acostumarem ou irem embora”.



horas. Na esquina com a Avenida Nossa Senhora de Copacabana, a *lan house* Tudo Fácil disponibiliza serviço de telefonemas interurbanos, acesso à Internet e impressão de arquivos. Os turistas que se hospedam nos hotéis próximos à rua, aproveitam os diferentes fusos para ligar para seus países. O funcionário Anderson Moura conta que os serviços são bastante requisitados durante toda a noite. “O movimento é menor durante a semana. Sábado e domingo é que enche mais. Mesmo assim vale a pena funcionar 24 horas. Quase não tem *lan house* 24 horas nessa área. Acho que somos a única”, diz.

Ainda mais tarde

No Leblon, também na Zona Sul da cidade, a noite ainda está apenas começando. O bairro tem bastante movimento durante a noite e início da madrugada. Quem anda em direção ao Alto Leblon pela Avenida Ataulfo de Paiva começa a ver os primeiros sinais de diversão ao passar pelo cinema Leblon, e, mais adiante, no tradicional bar Jobi, onde as mesas na calçada são tampos de madeira apoiados sobre barris de chope.

Mas o ponto alto da noite fica um pouco mais adiante, na própria Ataulfo de Paiva, na esquina com a Rua Aristides Espínola, onde fica a quase quarentona Pizzaria Guanabara. Situada na região conhecida como Baixo Leblon, quem vai à pizzaria pode escolher entre comer o pedaço de pizza a R\$ 2,00 no balcão – para acompanhar o chope – ou fazer o pedido à *la carte*. Este último é o preferido das famílias, que levam a garotada mais nova para ver o movimento do lugar. O balcão ainda é a melhor escolha para os mais jovens, que às vezes sentam nas mesas da calçada para aproveitar os últimos momentos antes de voltar para casa. Na pizzaria,



Pizzaria Guanabara às 4 da manhã

50 funcionários se revezam em dois turnos – sim, eles trabalham 12 horas em pé – para atender a um movimento que se estende das 9h da manhã às 7h da manhã do dia seguinte. As duas horas que passa fechada são reservadas para a limpeza dos equipamentos.

“Geralmente viemos pra cá porque não existe aquela dúvida de que pode estar fechada. E também porque se eu chegar aqui sozinha, tenho certeza que vou encontrar meus amigos que estudaram no meu colégio, o pessoal da minha academia de ginástica ou alguém que trabalha comigo”, conta a estudante de Administração Tatiana Lemos, que acabava de sair de uma boate direto para a pizzaria, “para fechar a noite.”

A fila de carros estacionados na Avenida Ataulfo de Paiva chega a ser tripla em dias como sexta-feira ou sábado. O guardador de carros que faz ponto no restaurante Diagonal, localizado em frente à Pizzaria Guanabara, diz que já se acostumou com a concorrência de outros guardadores. “A hora de maior movimento é lá pelas três da manhã. Dá pra tirar uns R\$

70,00 por noite. Mas o que irrita mesmo não é ter outros (guardadores). É quando as pessoas não pagam. Aqui tem muito calote, apesar de não parecer. Se não paga na hora e vem com aquele papinho que vai dar o dinheiro depois, aí eu já até sei que não vai sair nada”, explica.

Ao lado da Pizzaria, na calçada da Aristides, a doçaria Petit Four atende aos desejos dos mais gulosos, atrás de um doce ou de um café ou chocolate quente para esquentar a madrugada. É a sobremesa de quem sai da Pizzaria Guanabara. Forma-se ali um aglomerado com tanta gente que para quem quer apenas passar seguindo o caminho é melhor atravessar a rua e desviar da multidão.

Na esquina oposta há a opção para os que querem matar a fome da noite com uma comida mais leve e natural, “a cara do Rio de Janeiro”, como afirma o advogado Paulo Torres, 28 anos. O BB Lanches tem o açaí com guaraná, que apesar da hora avançada “dá para encarar”, como dizem os frequentadores. “Quem pensa que não dá para tomar um açaí


com guaraná e comer o pastel de camarão com queijo Catupiry porque está tarde, não conhece a qualidade daqui. Dá para comer muito e dormir tranqüilo. E de manhã ainda acordo com disposição”, conta Paulo.

Segundo o advogado, como os clientes já são conhecidos pelos atendentes da lanchonete, o pedido não precisa nem ser feito formalmente. Basta chegar e acenar para os funcionários. A confiança é tanta que dá para atravessar a rua e dar uma passada na Guanabara, só para ver se tem algum conhecido por lá, e ainda voltar a tempo de pegar o pedido no BB Lanches.

Novidade do verão, mas que veio para ficar. É assim que os freqüentadores do Baixo Leblon definem a Koni Express, inaugurada em janeiro de 2007. Ao lado do Diagonal e de frente para o BB Lanches, a casa, com letreiro laranja, já chama atenção pelo espaço que ocupa. Minúsculo, praticamente um balcão com pequenas mesinhas do lado de fora, funciona até às 5h da manhã vendendo aqueles cones japoneses recheados, com preços que variam entre R\$ 5,00 e R\$ 7,00.

O leque de sabores inclui os cones salgados, como os básicos atum, salmão e Califórnia. Mas

quem prefere sair um pouco do tradicional pode escolher entre os elaborados Nutella com morango, Romeu e Julieta e salmão com mousse de maracujá.

Por noite chegam a ser vendidos 700 cones. A falta de espaço para mesas é compensada pela refeição feita na calçada mesmo, ali, apoiada nos carros estacionados em frente ao lugar. Nada que incomode ou aborreça os freqüentadores do Baixo Leblon. Afinal, mais do que matar a fome que bate de madrugada, comemorar um aniversário ou bater um papo com os amigos, o importante é conhecer pessoas novas e ver gente bonita. 

Ruas que nunca dormem pelo mundo

Assim como os notívagos são figuras universais, as ruas que nunca dormem também estão espalhadas por todo o mundo. São locais marcados pela intensa vida noturna, pela variedade gastronômica ou, muitas vezes, pelo comércio que não fecha as portas durante as 24 horas do dia.

Em Barcelona, na Espanha, a farra fica por conta de Las Ramblas, avenida que liga a Praça da Catalunha ao Monumento a Cristóvão Colombo. Considerada a rua mais movimentada e famosa da cidade, Las Ramblas é repleta de turistas e imigrantes. É quase uma versão simplória e festiva da sede da Organização das Nações Unidas. São pessoas de todos os lugares do mundo, que ali se encontram e se divertem em perfeita comunhão. Lotada de artistas de rua, acrobatas, vendedores de flores, ambulantes, bancas de revistas e flores, cafeterias, restaurantes de calçada e bares, Las Ramblas reúne milhares de pessoas diariamente, formando um caldeirão cultural incomparável. Nas muitas noites em que o time de futebol do Barcelona vence suas partidas, Las Ramblas também serve de palco para as animadas comemorações. Localizada no centro de Buenos Aires, a Avenida Corrientes mantém acesa a tradição cultural argentina. Com um grande número de teatros, incluindo o Teatro San Martín, a Corrientes ainda conta com outros pontos famosos, como o Passeio La Plaza, o Estádio Luna Park e o Mercado de Abastecimento, que funciona como um centro comercial. No encontro da Avenida Corrientes com a Avenida 9 de Julio fica o Obelisco, emblema da cidade de Buenos Aires. Toda noite, moradores se reúnem pela rua, lotando as livrarias e cafés, que ficam abertos durante toda a madrugada. Na verdade, nada é mais portenho do



Las Ramblas em Barcelona

que a tradição de sentar-se em uma das múltiplas e aristocráticas cafeterias da Corrientes para tomar café ou chá e passar horas entre a leitura de livros e o bate-papo com os amigos.

É impossível pensar em ruas que permaneçam acesas dia e noite, em lojas que não fecham e encontros culturais sem lembrar da Times Square, em Nova York. Considerada um formigueiro humano, esse paraíso capitalista é repleto de opções para todos os gostos. São bares, boates, festas, shows, jogos – sem esquecer da Broadway, com mais de 40 opções diferentes de peças. Não há dia, ou noite, em que a área não ferve. Em raras ocasiões, como nos dias que sucederam aos ataques de 11 de setembro, a vida fervilhante da Times Square descansa. E afinal, com tanta atração, para quê descansar?

Música *black* para se dançar nas ruas

Festas em locais abertos atraem público fiel e garantem dança e diversão em ruas do Centro e da Zona Norte da cidade

ELAINE RAMOS, MARINA SCHNEIDER E RAQUEL LEME

Das 8h às 18h, de segunda-feira a sábado, apenas mais um estacionamento na Zona Norte do Rio de Janeiro. De 20h às 5h, todos os sábados, 1.500 pessoas se divertem ao som de Racionais, 50 Cent, Orixás, Lauryn Hill e outros astros da *Black Music* atual. Esta é a rotina sob o viaduto Negrão de Lima, no bairro de Madureira, desde 1990. Há ainda outras atividades como campeonatos de basquetebol, grafite e *street dance* que movimentam o dia a dia no local.

A *black music*, *soul music*, *R&B* ou apenas charme atingiram seu apogeu nos subúrbios cariocas entre as décadas de 1970 e 1980. O nome em português, escolhido por Corello DJ, tem a ver tanto com a identificação do público com seu repertório, quanto pela auto-estima elevada e o rigor dos frequentadores em relação a suas roupas e acessórios. A atitude é influenciada pelo movimento Black Rio – versão carioca do movimento norte-americano “Black is Beautiful”, que entusiasmou negros e negras do mundo inteiro na época.

Na cidade conhecida internacionalmente pelo carnaval e pelo samba de roda, o estilo negro norte-americano também tem seu lugar. As festas *black* já eram frequentadas desde a década de 1960, quando James Brown esquentava as pistas dos clubes cariocas. Mas foi no baile do viaduto que o ritmo se popularizou. Segundo Alexandre – ou apenas DJ “A” – a ideia era fazer um baile alternativo e manter o melhor do *soul* e *R&B*. “No início eram poucos, mas com o tempo a propaganda “boca-a-boca” funcionou e hoje lotamos o espaço”, diz Alexandre, que é DJ há 18 anos e se orgulha por ter participado da fundação do evento.

O baile começa às 22 horas, mas para a maioria o melhor horário de chegada é depois da meia-noite. É o que explica a frequentadora Márcia. “Eu venho de Jacarepaguá e gosto de chegar por volta das 22h,

RAQUEL LEME



Baile na Cinelândia

mas fico do lado de fora conversando com os amigos. É um ponto de encontro”, diz ela, que já frequenta o baile há 10 anos. Os charmeiros ouvem o som que vem do viaduto sentados nas mesas das barraquinhas improvisadas junto ao local do baile. São variadas as opções de tira-gostos, aperitivos e bebidas: cerveja, suco, vinho, caipirinha, sopa, salgadinhos, sanduíches, etc.

O clima é diferente da maioria das festas que acontecem em boates da Zona Sul do Rio ou na noite da Lapa. “As pessoas vêm para dançar, curtir a música e exaltar a cultura negra e não para azarar e ficar. Mas se acontece uma paquera ninguém reclama”, brinca Ronaldo, o DJ Mil, que também toca em outras festas e frequenta o baile todo sábado. Para muitos, o Baile do Viaduto é o “baile do passinho” porque há grupos que ensaiam passos de dança em casa. Para quem nunca frequentou esse tipo de even-



De dia estacionamento, de noite...



to, impressiona o clima tranqüilo e ao mesmo tempo animado, com dezenas de pessoas dançando como que em uma coreografia, e outras tantas curtindo a música sem se importar com os outros.

Para o DJ Fernando, que tocou na estréia do Baile do Viaduto, em 1990, o público da festa é segmentado e vai se renovando com o passar do tempo. Já o DJ Michell, que além de tocar charme há 13 anos é freqüentador assíduo do baile, afirma que antigamente o charme era popular no subúrbio: “Hoje é um movimento mais uniforme, atrai pessoas de várias partes do Rio de Janeiro e já recebeu até caravanas de charmeiros de outras cidades”. Blogs e sites de relacionamento como o Orkut são as principais formas de divulgação das festas.

Gabriel Batista, 28, é morador da Gávea e começou a freqüentar o baile quando tinha 15 anos. Cos-

tumava ir também a outros eventos de *black music* e acompanhou algumas mudanças na festa do Viaduto Negrão de Lima: “Hoje está bem diferente, as pessoas não dançam tanto como antigamente. É outra época, mas continua muito legal”.

O Charme do Viaduto virou referência para novas iniciativas

O sucesso da festa no Viaduto incentivou outros DJs e passou a não ser mais o único charme nas ruas do Rio. Há 12 anos, a partir das 19h, toda última sexta-feira do mês, cerca de 2 mil pessoas se reúnem nas Ruas Álvaro Alvim e Francisco Serrador na Cinelândia, Centro do Rio.

O evento começou com um churrasco organizado por cinco casais de amigos que se reuniam depois do trabalho para conversar, comer, beber e ouvir música *black* no som do carro de Ilton Vieira, que até hoje

Cultura e música *black*

De alguns anos para cá, além de divertir, a Black Music desenvolve formas dinâmicas de promover cultura. No Ponto Chic, por exemplo, além do charme, os idealizadores se reúnem para organizar atividades semanais com crianças e adolescentes do bairro. Antes do início do baile, os moradores podiam fazer aulas de capoeira e maculelê. Segundo Ângelo Oliveira, a iniciativa da Prefeitura de criar uma lona cultural no bairro seria uma boa solução. “Além do samba de roda que

fazíamos antes do baile, também tínhamos atividades durante a tarde. Isso era uma opção de lazer que pretendemos reativar com a volta do baile e ainda temos projetos para outras atividades”, conta. Já em Madureira, o Viaduto Negrão de Lima é aproveitado para diversas atividades culturais. A Central Única das Favelas (CUFA) ocupou o espaço com diversas atividades e fez do local uma de suas bases no Rio de Janeiro. Segundo a CUFA, o Viaduto Negrão de Lima é um espaço público, mas



Ângelo Oliveira

também se tornou um lugar de diversão, cultura e educação. O local é utilizado para realizar campeonatos de basquete de rua promovidos pela Liga Brasileira de Basquete de Rua, LIBBRA. Além disso, há oficinas de DJs e aulas de skate e basquete.

organiza a festa, além de ser advogado e “tocador de CDs”. Seu equipamento de som é colocado na calçada da esquina onde até três anos atrás funcionava o bar Tangará, onde as pessoas bebiam e curtiam a música. Atualmente o bar está fechado, mas a festa continua e só é adiada quando chove muito. “Durante a semana, é papel para lá, papel para cá... Mas na última sexta-feira do mês é CD para cá e CD para lá...”, conta o advogado DJ, animado com mais um dia de festa.

Na primeira rodada musical Ilton e DJs convidados tocam *jazz*, promovendo um *happy hour* para muitos trabalhadores do Centro. Depois das 22h os DJs vão mudando o ritmo, optam por músicas mais dançantes, e o público vai aumentando. Sobre os frequentadores, Ilton afirma: “Alguns vêm para paquerar, beber e conversar, mas muitos vêm para dançar. Aqui também acontecem as rodas de *soul*, comuns nas festas *black* da década de 1970, em que uma pessoa vai para o meio da roda para mostrar o que sabe. Cada um à sua maneira, mas todo mundo dança!”, garante.

Ainda no Centro do Rio acontece o Charme do Camelódromo. Há quatro anos a Rua Uruguaiana

se transforma às sextas-feiras em um *happy hour*, que começa às 19h e reúne cerca de 500 pessoas. “O objetivo da festa é divulgar a *black music*, divulgar novos artistas”, afirma o DJ Mil, um dos organizadores do evento.

Na Zona Oeste, em frente ao bar Ponto Chic, em Padre Miguel, também tem charme na rua. A festa que acontecia semanalmente começou em 1998 mantendo o mesmo estilo e grande público. O evento foi interrompido em 2005, retomado e novamente interrompido no ano passado, deixando saudades nos antigos frequentadores. “O charme no Ponto Chic era muito bom, mais uma opção para ouvir música boa, se divertir com tranquilidade e rever amigos”, conta Sergio Rodrigues, morador de Campo Grande. Apesar dos problemas para fazer o evento, os organizadores garantem que a festa voltará com força total ainda este ano.

Dificuldades acontecem todos os dias

A convivência entre comerciantes e vendedores ambulantes nem sempre é harmônica. Para alguns, as festas são boas porque aumentam o movimento dos bares, que também utilizam o espaço das ruas

O que é CUFA?

Desde 1998, a CUFA funciona como um pólo de produção cultural, que através de parcerias, apoios e patrocínios forma e informa jovens de comunidades, oferecendo perspectivas de inclusão social.

A CUFA promove atividades nas áreas da educação, lazer, esportes, cultura e cidadania e trabalha com oito elementos do hip hop:

- Grafite: movimento organizado das artes plásticas em que o artista aproveita espaços públicos e cria uma nova identidade visual em territórios urbanos;
- DJ: artista que alia a técnica à performance, utilizando pick-ups e discos de vinil;
- Break: estilo de dança de rua originário do movimento hip hop;
- Rap: “ritmo e poesia”, estilo musical herdado da cultura negra norte-americana onde uma pessoa rima em cima de uma base musical calcado em batidas de surdo e caixa;



- Audiovisual: valorização da imagem como instrumento de mobilização social;
- Basquete de rua: esporte oficialmente embalado pelo rap;
- Literatura: onde os jovens expressam sua arte e suas vivências através da escrita e entram em contato com escritores e suas obras;

- Projetos sociais: conjunto de ações que busca transformação social dentro comunidades carentes.

Além disso, a CUFA promove, produz, distribui e veicula a cultura hip hop através de publicações, discos, vídeos, programas de rádio, shows, concursos, festivais de música, cinema, oficinas de arte, exposições, debates, seminários e outros meios. Ao longo desses quase 10 anos, a CUFA tornou-se um referencial para as comunidades e possui hoje bases de trabalho em vários estados do Brasil, como São Paulo, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Ceará, Distrito Federal, Mato Grosso e Bahia. No Rio de Janeiro, há núcleos de trabalho na Cidade de Deus (Jacarepaguá), Madureira, Complexo Acari, Jardim Nova Era (Nova Iguaçu), Jacarezinho e Pedra do Sapo, para citar algumas. Estas informações foram tiradas do site da CUFA – Central Única de Favelas – www.cufa.com.br



Vendedor ambulante na Cinelândia

para colocarem suas mesas. Wagner Feitosa, por exemplo, é freqüentador assíduo do baile charme da Cinelândia há 10 anos. Ele fica com os amigos no bar Café Rival e também dança e adora a música que toca na festa: “Sempre gostei de charme, venho aqui toda sexta-feira”, diz. Mas, para Lúcio Peixoto, um dos sócios do bar e restaurante Doradinho, que fica em frente às caixas de som da Rua Álvaro Alvim, a festa atrapalha o faturamento. Ele trabalha no bar há dois anos e diz que quando começa o baile o local fica vazio porque sua clientela não gosta do tipo de música que toca na rua. Além disso, ele se diz prejudicado pelos camelôs: “Os ambulantes vendem cerveja em lata e, além de os freqüentadores da festa não comprarem o chope do meu bar, querem usar os banheiros”, reclama Peixoto.

Os vendedores ambulantes realmente vêem na festa uma boa oportunidade para vender bebidas. Milton da Silva Torres trabalha na região há dois anos, vende caipirinha e batidas de frutas a R\$ 3,00, faturando cerca de R\$ 200,00 quando o movimento é grande. “Aqui é muito tranquilo de trabalhar. Na Lapa, por exemplo, há mais ambulantes e a pertur-

bação é maior”, afirma o camelô. Ele diz que nunca viu brigas ou confusões no evento da Cinelândia.

Tanto Ilton, organizador da festa na Cinelândia, quanto o DJ “A”, do Viaduto, afirmam que embora na maioria das vezes os eventos sejam um sucesso, os problemas enfrentados nos bastidores são diários. No caso da festa do Ponto Chic Charm, algumas dificuldades têm impedido que o evento ocorra. Segundo um dos organizadores do baile de Padre Miguel, Ângelo Oliveira, o evento foi suspenso, pois os comerciantes não apóiam sua realização. Além de ser um bairro residencial, um dos principais motivos é o prejuízo no faturamento dos comerciantes e a ausência de banheiros públicos durante o evento. Mas os produtores do baile estão em fase de acordo com a Prefeitura para que a festa volte a ser realizada ainda este ano. “Nosso evento não é só o charme. Através da festa fazemos várias atividades culturais atreladas ao projeto do baile. Em Padre Miguel não há opções culturais para a população, não temos teatro, cinema, nada! Vamos trazer de volta o cinema para as crianças, capoeira, maculelê, etc”. Ângelo diz esperar que a Prefeitura apóie a construção de uma lona cultural no bairro, evitando assim os conflitos com comerciantes e moradores.

De acordo com a Secretaria de Governo da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, para se fazer qualquer festa na rua é necessário pedir uma permissão à subprefeitura da região, e a partir daí seguir os trâmites necessários. No caso da festa no Viaduto Negrão de Lima, em Madureira, o espaço foi liberado para as atividades e tem total apoio da Prefeitura por ser uma iniciativa que atende e beneficia um grande número de pessoas. “Nós não nos opomos e até apoiamos este tipo de iniciativa, desde que esteja de acordo com as normas previstas”, afirma Marcio Fonseca, da assessoria da Prefeitura. Quanto à festa na Cinelândia, a Prefeitura também não se opõe. Já sobre a realização do baile no Ponto Chic, em Padre Miguel, o assessor não forneceu nenhuma informação.



Para saber mais:

- **Basquete de rua - LIBBRA:** www.libbra.com.br
- **Central Única de Favelas - CUFA:** <http://www.cufaviaduto.com.br/>
- **Baile Charm do Camelódromo e outros eventos de black music:** www.blackpointsoul.blogspot.com
- **Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro:** www.rio.rj.gov.br



Cinemas cariocas

As mudanças e adaptações dos cinemas de rua do Rio de Janeiro para sobreviver à era dos “multiplex”

BERNARDO AMARO EYNG, FELIPE ANDRADE GOMES E GUILHERME SCHUTZE

Ainda está para nascer alguém que diga que não suporta cinema. Há, sem dúvida, os que não ligam, os que preferem teatro, ou até mesmo os que só vão porque não tiveram idéia melhor ao chamar a “ficante” para sair. O “cineminha”, para os íntimos, pode não ser o programa favorito da grande maioria dos cariocas, mas é, sem dúvida, um programa indispensável.

No entanto, a ida ao cinema no final de semana mudou consideravelmente nos últimos anos. O ritual era um clássico: escolher a sessão no jornal, ver se o bonequinho está batendo palmas, sair de casa e ir até o cinema predileto, comprar os ingressos, a pipoca e, quem sabe, algumas balinhas com o vendedor simpático que fica na porta. Depois, esperar na fila e correr para escolher o melhor lugar. É difícil negar que este processo não desperte lembranças na cabeça de todos os que viveram a era dos cinemas de rua.

Adaptação aos novos tempos

Na internet consultamos uma relação de todos os filmes, horários e salas disponíveis em dois ou três cliques. Compramos no cartão, imprimimos em casa mesmo e com a chave do carro nas mãos, saímos de casa. O estacionamento fica no próprio shopping e é proibi-



Marcelo Janot, crítico de cinema

DIVULGAÇÃO

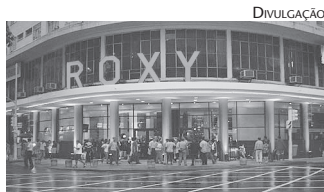
do entrar com pipoca se esta não for vendida pelo próprio cinema. Antes de entrar na sessão, com lugares marcados, escolhemos o melhor combo-super-mega-plus-blaster que inclui pipoca e refrigerante em tamanhos norte-americanos e preços europeus.

Alguns dizem que o cinema perdeu a graça, mas na verdade muitas mudanças vieram para o bem. Dentro dos *shoppings*, os estacionamentos são mais seguros e existe o conforto de saber que sempre haverá vagas. As salas em forma de estádio evitam problemas com os mais altos da cadeira da frente. As poltronas têm apoio para cabeça – não deve haver saudosista que consiga defender as poltronas que só iam até os ombros – e são reclináveis, com apoio para o refrigerante. Na hora de ir embora, não há mais o risco de andar pelas ruas nas sessões que terminam tarde da noite.

“Qual a razão para eu ficar meia hora procurando uma vaga, deixar meu carro em lugar pouco seguro e ainda ter que ver o filme em uma sala de cinema desconfortável? Quando eu vejo na internet em que cinema vou, nem penso em ir em cinema de rua”, opina André Carvalho, estudante de Administração.

Mas ainda assim existem os nostálgicos, que enxergam os cinemas de rua como sobreviventes dos tempos modernos. “Meu ritual inclui ir andando da minha casa até o Roxy. Compro balas com o baleiro da rua, que já me conhece, e vejo os filmes no meu cinema favorito”, conta Julio Tavares, estudante de Cinema.

No entanto, não devemos ser tão radicais ao analisar a troca dos cinemas de rua pelos “multiplex”. Assim como nessa recente mudança, o Grupo Severiano Ribeiro, segundo maior exibidor



Roxy, em copacabana

Alguns dizem que o cinema perdeu a graça, mas na verdade muitas mudanças vieram para o bem

Os donos de cinemas de rua renovaram suas salas e deram uma cara nova ao circuito mais tradicional. Grandes reformas introduziram poltronas mais confortáveis, lanchonetes e, assim como os cinemas de shopping, a venda pela internet

do Brasil, com mais de 200 salas, participou da implantação do sistema CinemaScope, trazendo para o país, em primeira mão, a exibição de filmes com som estéreo magnético para o Cine Palácio, na Cinelândia, no Rio de Janeiro. Nos anos 1990, a empresa convenceu os proprietários dos novos centros comerciais de que a inclusão das salas exibidoras seria lucrativa e atrairia público. Em 2002, a empresa criou a marca

Kinoplex, que dá nome aos mais modernos complexos cinematográficos da empresa, o maior deles com 15 salas, em Campinas, São Paulo.

Com a chegada desta nova categoria, os donos de cinemas de rua renovaram suas salas e deram uma cara nova ao circuito mais tradicional. Grandes reformas introduziram poltronas mais confortáveis, lanchonetes e, assim como os cinemas de *shopping*, a venda pela internet. Na verdade, hoje a maioria dos cinemas de rua oferece as mesmas facilidades e o mesmo conforto dos “multiplex”, mas também apresentam o charme dos cinemas de antigamente.

Contudo, o público das salas mais clássicas nem sempre está em busca da melhor pipoca ou da poltrona que facilita um “amasso” entre namorados, mas sim de um circuito de cinema mais alternativo. E o Cine Odeon é um exemplo disso. “O Odeon é incrível, pois até hoje é um dos poucos cinemas que oferece opções de filmes não hollywoodianos e, além disso, tem as maratonas que são sempre cheias de boas produções pouco apreciadas pelo circuito comercial. Um cinema de *shopping center* jamais exibiria obras como estas”, acredita Julio.

De fato, o Odeon não é um cinema comum. Existem sessões com filmes campeões de bilheteria e pré-estréias, mas também a Sessão do Meio-dia, a sessão Cine Black, o Cachaça Cine Clube, a Sessão Cineclube e ainda o Festival Fora de Época. Além disso, é freqüente a existência de ciclos homenageando importantes diretores mundiais, com a exibição seqüencial de obras significativas de sua filmografia.

Mas o Odeon não é o único cinema que diversificou sua programação. Diante da forte con-

corrência, donos de cinemas de rua tiveram que criar argumentos mais fortes do que simplesmente o charme para atrair o público para suas salas. As reformas foram o primeiro passo, seguidas por convênios com estacionamentos rotativos próximos (como no caso do Unibanco Arteplex, no bairro de Botafogo) ou com manobristas pagos (como o Cinema Leblon). Mas existem também lugares como o Cine Íris, no Centro do Rio. Famoso por sua programação pornográfica, a enorme sala de cinema abriu seu espaço para *shows*, como a gravação do DVD da banda Los Hermanos, e para festas periódicas como a LOUD, a DDK e a Noite Livre.

Saudosismo

A paixão pelos cinemas de rua pode chegar a situações extremas, como o Centímetro Conservatória. É uma réplica perfeita do Metro Tijuca, demolido em 1977 para dar lugar a uma loja de departamentos. Inaugurado em agosto de 2005, o cinema de 60 lugares é a realização de um sonho do advogado Ivo Junior, 60 anos, apaixonado pelas clássicas salas de cinema. Ivo escolheu a pacata cidade de Conservatória, no sul Fluminense, para construir o último exemplar existente de um cinema Metro.

Todos os detalhes remetem à época de ouro da produtora Metro Goldwin Meyer (MGM): a arquitetura *art déco*, os objetos originais e o frio exagerado do ar-condicionado. Entre 1940 e 1970, os suntuosos cinemas da Metro eram programa obrigatório dos cariocas nos fins de semana.

A MGM foi pioneira no modelo de salas com cortinas, tapetes e ar-condicionado para abafar o som externo. No entanto, ao longo dos anos, no entanto, elas foram mo-



dernizadas e acabaram perdendo suas características originais. O extermínio das salas ocorreu em todo o mundo – hoje apenas dois prédios permanecem originais: o de Montevideu, no Uruguai, e em Buenos Aires, na Argentina.

“O Metro acabou com a Cinelândia, pois eram cinemas muito melhores. Não esqueço o filme ‘Rosa de Esperança’. Depois da sessão, as mulheres ganhavam rosas”, lembra Alice Gonzaga, diretora executiva da Cinédia, famosa produtora brasileira dos anos 1930 e 40.

Quem já foi à réplica de Ivo Júnior, garante que o ambiente é quase idêntico. O que sobrou dos cinemas Metro Passeio, Boa Vista, Copacabana e Tijuca foi garimpado pelo advogado quando os prédios foram demolidos para dar lugar a igrejas evangélicas,

supermercados e lojas de roupas. Assim, Ivo encontrou os painéis em madeira onde eram exibidos os cartazes dos filmes na calçada. Também as roletas, as placas sinalizadoras de entrada e saída e a urna de vidro em que os espectadores depositavam os ingressos – uma destas Ivo achou ainda com alguns tíquetes dentro. As luminárias foram adquiridas em um ferro-velho, e os projetores, obsoletos, foram doados por Luiz Severiano Ribeiro, o então proprietário das salas.

A história do advogado lembra o enredo do filme *Cinema Paradiso*, dirigido por Giuseppe Torna-

tore em 1988. Ainda menino, Ivo preferia acompanhar os filmes ao lado do operador, no Cinema Santo Afonso, na Tijuca, ao invés de assisti-los com os amigos nas poltronas. O hábito se tornou uma paixão e, desde então, Ivo coleciona tudo o que se refere aos filmes e cinemas da MGM. “O Centímetro vai ser mais do que um museu da Metro. Quero trazer estudantes de Cinema para fazer *workshops* aqui. Quem não tem onde exhibir suas produções também terá espaço, e o próximo festival de cinema de Búzios será fracionado aqui”, revela Ivo.

A escolha do lugar não foi casual. Ivo quis aliar o cinema à tradição cultural da Capital das Serestas, como é conhecida a pacata cidade de cinco mil habitantes. Como tinha um terreno em Conservatória, aproveitou o espaço para erguer o prédio. A casa foi crescendo ao redor e, para entrar no Centímetro, os visitantes estranham a passagem pelo quintal do advogado.

Durante a exibição para os visitantes – o cinema ainda não oferece sessões regulares, é preciso marcar com antecedência –, há pipoca com pipoqueiro, música na sala de espera e até o ingresso é uma réplica dos originais. Ele mesmo faz questão de operar os projetores. No meio da sessão, sempre com filmes clássicos, um intervalo para a troca do rolo. “Se depender de mim, a história desses palácios não vai ter o famoso ‘The End’”, afirma Ivo.

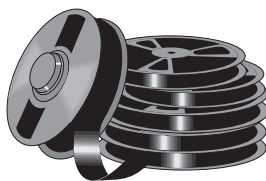
Profissionais do meio cinematográfico também sentem falta dessas salas, que marcaram época na vida de algumas pessoas. “O cinema de rua de que tenho mais saudade é o Bruni-Copacabana, que ficava na Rua Barata Ribeiro, entre as ruas Anita Garibaldi e Santa Clara, onde hoje funciona



Fachada modernizada do Odeon

“O Odeon é um dos poucos cinemas que oferece opções de filmes não hollywoodianos. Um cinema de shopping center jamais exibiria obras como estas”

Julio Tavares



a Modern Sound, a poucos metros da casa dos meus avós. Era um cinema meio poeira em relação aos outros de Copacabana (Art Palácio, Roxy, Copacabana, Condor, etc.), às vezes cheirava a mofo e a bomboniêre era bem simples, mas tinha uma programação diferenciada: era o único cinema comercial que exibia filmes italianos, especialmente comédias populares como *As loucas aventuras do Rabi Jacob*, os filmes da dupla Terence Hill e Bud Spencer, entre outros que fizeram minha cabeça de cinéfilo na infância e começo da adolescência. Foi ali que vi o filme em que eu mais chorei de tanto rir em toda a minha vida: *Deu a louca no mundo*, de Stanley Kramer”, conta o jornalista Janot, também crítico de cinema e DJ.



Um espaço para a arte

Artistas fazem de ruas e praças do Rio um palco a céu aberto

FRANCISCO MARCELO E MANOELA TELLES

Dessoas se aglomeram na rua. Formando um círculo, elas estão atentas, concentradas. É o público que ri, participa e presta atenção a cada detalhe e cada movimento feito pelo artista. Todos os dias as vias públicas do Rio são usadas como local de trabalho e palco para apresentações irreverentes de mágicos, palhaços, músicos, escultores e atores. Artistas de rua têm a capacidade de encantar o público com truques de ilusionismo, malabares, piadas, esculturas, descontração e improviso.

Francisco Marcelo



Bira (direita), Turano e as "Mulheres de Areia"



Marcelo equilibra o ovo cru: mais um dos objetos usados para fazer embaixadinhas

Muitos deles trabalham no Largo da Carioca, Centro do Rio, onde o fluxo de pessoas é intenso. O local é cosmopolita; o público, heterogêneo: estudantes, vendedores, compradores, *office-boys*, executivos, pais e filhos. O ambiente é democrático, ideal para as performances dos artistas.

Ao caminhar pela Rua Uruguaiana, chama atenção um bonequinho suspenso no ar que obedece às ordens de seu dono. “Levanta, Pit. Vai para casa, Pit. Paga dez flexões, Pit”. O público assiste fascinado, sem entender como acontecem os movimentos. O boneco em questão é feito de papel, linha e uma dose de amor. Seu criador, Edson José de Souza, conhecido como “Edson Pit”, é cozinheiro, tem 40 anos e está na rua há mais de 10. A arte foi a saída encontrada para driblar o desemprego.

O dia a dia de Edson Pit, como ele mesmo define, é uma maratona. Morador de São Gonçalo, enfrenta pesados engarrafamentos para chegar ao Centro do Rio, principal palco de suas apresentações. Trabalha

de segunda a sábado. Chuva, sol e vento atrapalham a performance, afirma o artista, que diz preferir os dias nublados.

Sempre acompanhado do boneco Pit, ele também se apresenta em eventos infantis e comunidades carentes no Rio de Janeiro. Edson conta a história que mais lhe marcou. “Um pai levou o bonequinho para o filho que não falava. Chegou em casa, botou o bonequinho pra dançar, conversou com ele. Quando o garotinho viu o Pit, começou a falar. Dali em diante, falou tudo. Depois ele até trouxe o menino para eu conhecer”.

O músico Thiago Carvalhal, 23 anos, é um dos que assistem fascinados ao *show* de Pit. “Acho o trabalho maravilhoso. Muito bom! O rapaz que interpreta é demais. Sempre que eu estou aqui, paro para olhar. Eu e todo mundo. É uma atração maravilhosa, prende a nossa atenção”, diz.

Ainda na Rua Uruguaiana, um pouco mais adiante, outra roda de pessoas é formada. O centro das

atenções aqui é Marcelo Ribeiro da Silva, o Marcelo das Embaixadinhas. Como o nome indica, ele faz embaixadas com desenvoltura e habilidade. No entanto, a bola não é seu principal instrumento de trabalho. Ele também se vale de moeda, bola de tênis, peteca, frutas diversas (laranja, coco, maçã) e até ovo cru para mostrar seu dom.

O sonho de Marcelo era ser jogador de futebol, e desde cedo mostrava um controle sobre a bola impressionante. Sem apoio, dedicou-se ao ofício de ascensorista. Nas horas vagas, fazia embaixadinhas em público. Pura diversão. Foi assim que a produção do Fantástico, programa da Rede Globo, descobriu seu talento e o revelou ao Brasil. Com o sucesso da reportagem, Marcelo foi incentivado a levar o dom a sério. Famoso, gravou recentemente um comercial ao lado de Ronaldinho Gaúcho, para promover os Jogos Pan-americanos 2007.

“Vivo na praça há seis anos, fazendo esse trabalho. Através dele, mostro às pessoas o que o artista de rua tem de melhor. Não são só os artistas de televisão que são bons, os de rua também têm qualidade”, afirma.

A poucos metros dali, no Largo da Carioca, o mágico Orlando da Conceição, conhecido como Liberdade, interage com o “respeitável público”. Baiano de origem, carioca de coração, entre idas e vindas, ele está na rua há mais de 15 anos. Começou suas atividades nas ruas com apresentações de capoeira. Hoje, faz mágicas e truques aprendidos com um colega ilusionista.

Durante o espetáculo ao ar livre, Liberdade aproveita para vender um sabão que promete tirar manchas do corpo e eczemas. As maiores dificuldades apontadas pelo mágico são a repressão da Guarda Municipal e de seguranças de lojas. Algumas pessoas também chegam para incomodar e afirmam que o número é macumba. O mágico usa seu “jeitinho” para contornar a situação.

Ele roda o Brasil com seu trabalho. Já viajou para Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia, entre outros estados. Sempre por conta própria. “Trabalho todos os dias. Encaro como um trabalho normal. Igual a outro qualquer. Se eu ficar dois dias sem vir na rua, fico nervoso. Trabalho de segunda a sábado, às vezes, domingo”, conta.

Francisco Marcelo



Uma platéia atenta assiste ao espetáculo



*Criador e criatura:
Edson Pit, ao lado
do bonequinho,
encanta o público*

Do circo para a rua

A origem do circo é controversa. Alguns estudiosos afirmam que o circo surgiu na Grécia Antiga e no Império Egípcio, onde já havia animais domados. Número circenses eram apresentados nas Olimpíadas, que começaram por volta do século 8 a.C., por exemplo.

Mas há quem diga que as práticas circenses se originaram na China, onde foram encontradas pinturas de quase 5.000 anos que retratam acrobatas, equilibristas e contorcionistas. Os guerreiros utilizavam a acrobacia como uma forma de treinamento.

Uma das figuras mais conhecidas do circo é o palhaço. Ele é expressão de alegria e irreverência. Sua intenção é divertir o público através do comportamento caricatural e ridículo.

Para manter viva a arte circense, o Quarteto Quatro Quartos mostra seu espetáculo a céu aberto. Antes de começar, seus integrantes se agrupam discretamente, arrumam os instrumentos musicais e preparam

as roupas e os instrumentos a serem usados na apresentação. Tudo pronto, os sons do tambor e do saxofone chamam atenção do público que começa a se aglomerar em volta dos artistas. É hora do *show* começar.

O grupo, formado por alunos e ex-alunos da Escola Nacional de Circo, além de um músico, apresenta números de malabarismo e acrobacias, inclusive com tochas de fogo. Em plena Rua Uruguaiana, um monociclo de mais de 2m de altura chama atenção. Em cima dele, o malabarista Fernando Nicolinni, 22 anos, veste capa vermelha e um capacete.

O público assiste a tudo atônito. A participação dos espectadores atrai ainda mais pessoas para ver o *show* do quarteto, que dura 20 minutos. No fim, uma salva de palmas e dinheiro no chapéu é o reconhecimento merecido.

Ulisses Oliveira, 26 anos, é dançarino e afirma que sempre que vai ao Centro assiste os artistas de rua. “Gosto de valorizar o trabalho dos artistas de rua. Às vezes os

famosos não têm tanto carisma quanto os que estão na rua. O trabalho deles é muito interessante”, elogia.

Apesar do carinho e atenção do público, o malabarista garante que a arte de rua não é muito valorizada no Brasil, diferente do que acontece na Argentina e nos países europeus, por exemplo. Ele destaca ainda que o Centro do Rio é um dos lugares mais difíceis de se trabalhar. “Tem diferença grande entre trabalhar aqui no Centro e trabalhar no Campo de São Bento, em Niterói. Lá o público é receptivo, mais família. Aqui o público não se envolve muito”, observa.

Como artista, Fernando já viajou para cidades como São Paulo e Goiânia. A alegria e a esperança movem este jovem que, sempre descontraído, tenta manter viva a alegria da arte circense.

Uma arte para encantar turistas

A mulher brasileira é famosa por sua beleza e formosura. Na praia de Copacabana, todos os dias quatro delas chamam atenção de quem passa pela Avenida Atlântica. Deitadas de bruço, suas formas impressionam. Detalhe: as moças são feitas de areia. Elas são criação de Ubiratan dos Santos, o Bira. Há mais de 10 anos na praia, o ex-decorador diz que pretende continuar com as ornamentações “até quando Deus permitir”.

“O pai comprou o boneco para o filho, que não falava. Quando ele viu o Pit, começou a falar e não parou mais”

Edson Pit

“Trabalho todos os dias. Encaro como um trabalho normal. Igual a outro qualquer”

Liberdade

“Quando o gringo viu a escultura, desceu correndo do táxi e se jogou em cima da mulher de areia” (Risos)

Ubiratan dos Santos


Batizadas pelo artista como “Mulheres de Areia”, as esculturas viraram mais uma atração da praia de Copacabana. Turistas e cariocas olham para a obra com curiosidade. Quem caminha no calçadão normalmente pára para admirar as modelos de areia.

O trabalho meticuloso, quase perfeito, é fruto de muita determinação. Ubiratan explica que aprendeu o ofício observando um amigo que trabalhava esculpindo mulheres na areia. No entanto, elas eram muito desengonçadas. “Elas eram todas deformadas. Eu queria fazer a mulher perfeita. Fui tentando, tentando. Já teve polêmica sobre as mulheres porque algumas pessoas achavam que eram muito nuas”, lembra.

O assédio é tanto que Bira preparou uma cadeira de praia exclusivamente para turistas tirarem fotos ao lado de sua obra. O escultor conta que foi justamente um estrangeiro o protagonista da cena mais inusitada envolvendo as “Mulheres de Areia”. “O gringo passou de táxi na avenida, desceu correndo e se jogou em cima das mulheres. Um outro veio tirar foto, tirou a roupa e se jogou em cima também. Eu chamei atenção, mas é engraçado. Não acredito que é de areia. Uns põem a mão na bunda da mulher, aí cai tudo. Tenho que retocar quando isso acontece”, diz, conformado.

O reconhecimento do trabalho vem através das doações dos passantes, em sua maioria turistas, impressionados com as formas perfeitas dos corpos das mulheres. Para a manutenção das esculturas, Bira tem a ajuda de seu assistente, Sérgio Roberto Eleotério, o Turano. Sérgio explica que a vigilância à obra é constante e eles fazem revezamento durante o dia e na vigília noturna. “Precisamos tomar conta das esculturas 24 horas por dia, senão algumas pessoas destróem. Principalmente os menores que vivem nas ruas”, lamenta.

Os 10 anos de dedicação ao trabalho renderam a Bira o segundo lugar num concurso promovido pela Prefeitura em maio deste ano, com votação pública. O objetivo era divulgar e homenagear os jogos Pan-Americanos de 2007 através de esculturas de areia. Bira criou nadadoras numa piscina, em homenagem às atletas participantes da competição.

A arte de Bira é mais uma manifestação entre tantas outras presentes nas ruas do Rio de Janeiro. Mais do que isso, foi a alternativa encontrada por pessoas talentosas para o problema do desemprego. Por meio da promoção de suas habilidades nas ruas e praças, os artistas vivem exclusivamente da renda obtida com as apresentações. Como destacou Marcelo das Embaixadinhas, a arte de rua também tem qualidade. Isso já basta para ser admirada. O público agradece. 

Entre a casa e a rua

Privatização e controle do espaço público

ANA CAROLINA MORETT, JOANA PARANHOS, THAÍSA COELHO E UYARA ASSIS

Não faz muito tempo que o antropólogo Roberto DaMatta definiu em seu livro *A casa e a rua* a diferença cultural entre o espaço público e o espaço privado. Segundo o cientista social, a rua é o lugar do anonimato, do impessoal, onde não há espaço para elos mais especializados. A casa, ao contrário, é o lugar da cordialidade, das relações íntimas. A separação entre esses dois ambientes, tão opostos e tão complementares, no entanto, já não é mais tão simples. As inovações tecnológicas, aliadas ao clamor da sociedade por segurança, têm tornado a linha da separação entre o público e o privado cada vez mais tênue. Para Ilana Strozemberg, antropóloga e pesquisadora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o principal responsável pela nova intersecção entre a casa e a rua é a presença de câmeras na cidade. “Com a instalação de câmeras nas ruas, o domínio público está sendo registrado como nunca foi. Esses mecanismos de segurança estabelecem um espaço de maior controle onde havia maior liberdade de trânsito”, explica Strozemberg.

Segundo a pesquisadora, o maior problema da transformação dos lugares públicos em espaços vigiados é o fato de as pessoas não estarem necessariamente alertas para a vigilância. A publicitária Cristiane



Laranjeira, 35 anos, está acostumada a frequentar locais equipados por câmeras e concorda com a opinião da antropóloga. “O problema das câmeras não é o simples fato de elas estarem ali, nos observando, mas o fato de nós esquecermos que existe um olhar nos espreitando. Se entro no elevador sozinha e vejo um espelho, não vou pensar duas vezes em ajeitar o cabelo, a roupa ou até tirar um pedaço de comida que está preso entre os dentes. E vou fazer tudo isso sem atentar para o fato de que estou sendo filmada. Para mim, isso não deixa de ser invasão de privacidade”, reclama a publicitária.

O porteiro do prédio em que Cristiane trabalha, Sidney Antunes, também acredita que as câmeras sejam invasivas. O funcionário, conhecido como Bill, passa 12 horas por dia trancado na sala de monitoramento do edifício e se diverte assistindo o comportamento das pessoas nos elevadores e corredores. Para ele, as câmeras funcionam como um “Big Brother” particular. “É incrível, porque quando estão sozinhas as pessoas agem como se estivessem em casa. Elas sabem que o elevador é público, mas por estarem desacompanhadas e em local fechado se comportam como se aquele espaço fosse privado. Todos fazem isso com a maior naturalidade, sem nem notar a placa que diz: ‘sorria, você está sendo filmado’”, conta o porteiro.

De acordo com Strozemberg, o fato de sermos vigiados sem saber que somos – ou sem notar – faz com que vivamos na “sociedade do controle”, como dizia o filósofo francês Michel Foucault. Por isso, a antropóloga acredita que o que deve ser observado não é a presença da câmera em si, mas o uso que se faz dela. No ambiente de



trabalho, por exemplo, a instalação de câmeras pode servir para aumentar o controle e a cobrança aos funcionários por parte dos patrões. “Os chefes querem aumentar o controle do capital trabalho, observando se o empregado conversa, se se levanta muito, etc. Aí também há um interesse em controlar a vida das pessoas. Temos que perceber as diferenças entre cada situação. Temos que tomar cuidado para não fazer generalizações”, alerta.

Para Mauro Freitas, sociólogo e professor da PUC-Rio, não há dúvidas de que a difusão das câmeras na cidade representa uma tendência à privatização do espaço público e à expansão dos mecanismos de controle e vigilância. Mas, assim como Strozemberg, ele acredita que o cerne dessa transforma-


ção seja a tênue linha que separa o desejado aumento da segurança e do controle sobre o comportamento dos indivíduos. “Como segurança, liberdade e privacidade são direitos que envolvem valores, fica muito difícil definir fronteiras. O que é mais importante? Segurança ou liberdade? Não há uma resposta definitiva para a questão. Resta apenas a árdua tarefa, mas necessária, de se discutir publicamente qual preço estamos dispostos a pagar pela garantia destes direitos, haja vista que eles podem ser em alguma medida contraditórios”, diz Freitas.

O uso de câmeras como forma de controle, centro de debate de estudiosos e especialistas no assunto, não é mera especulação. Segundo a gerência da concessionária de segurança Celg, o núme-

***“Com instalação de câmeras nas ruas,
o domínio público está sendo registrado
como nunca foi” Ilana Strozemberg***

ro de comerciantes que solicitam a instalação de câmeras para fiscalizar o trabalho de funcionários e evitar roubos é cada vez maior. A demanda por equipamentos com esse objetivo já é maior que a procura por câmeras de segurança para casas e condomínios residenciais. Ainda segundo a empresa, as vendas cresceram 30% nos últimos três anos.

Apesar dos números apontarem para uma tendência da cidade se tornar cada vez mais vigiada, Strozemberg tem uma visão otimista. A pesquisadora crê que a própria sociedade saberá impedir que os novos mecanismos de segurança se transformem em ferramentas de controle, já que ninguém vai querer ficar aprisionado dessa forma. “Acredito que quando as coisas chegam a um abuso, as sociedades reagem de forma a preservar algum meio de ordem e de manutenção”, afirma.

Para Freitas, não há como definir o que vai acontecer com a instalação de um número cada vez maior de câmeras nos espaços públicos quanto nos espaços privados da cidade. O sociólogo acredita que tudo vai depender de uma questão de bom senso. “Câmeras em si não são boas nem más. O que pode ser bom ou mal é o uso que se faz delas”, define. 



É incrível, porque quando estão sozinhas, as pessoas agem como se estivessem em casa” Sidney Antunes

“Câmeras em si não são boas nem más. O que pode ser bom ou mal é o uso que se faz delas” Mauro Freitas

Câmeras de segurança escondem rostos

As câmeras de segurança, presentes na maioria dos lugares públicos, têm o uso criticado pela invasão de privacidade que geram. Pensando nessa polêmica, pesquisadores norte-americanos desenvolveram um aparelho que cobre com uma marca oval as faces das pessoas que aparecem nos vídeos. De acordo com a publicação *Technology Review*, o equipamento ainda está em teste. Os cientistas afirmam que a câmera poderá ser utilizada com a mesma aplicação das demais, permitindo que a marca usada para proteger a identidade das pessoas seja retirada, se necessário, para uma investigação.

Por enquanto, a câmera pode esconder o rosto de pessoas que estão vestindo um marcador, na forma de um chapéu amarelo ou uma vestimenta verde. Em testes, o equipamento identificou corretamente 93% das pessoas com marcadores. Em condições de luz mais uniforme, o sucesso se repetiu e a taxa foi de 96%.

Para especialistas no assunto, mesmo que esses sistemas sejam colocados em uso, haveria um grande debate sobre o que seria necessário para tirar a proteção fornecida pelo equipamento. O assunto ainda vai render discussões entre Estado, população e pesquisadores.

O culpado mora ao lado

Amor e ódio entre vizinhos e muita história para contar

MARCELA VILLAS BÔAS, MARIANA BARRA E PATRÍCIA TEIXEIRA

Na maioria das vezes, tudo começa com um sonho. Duas pessoas se conhecem, se casam e se mudam para o lar tão desejado. Mas e depois? Bom, o sonho pode acabar sendo perturbado por algum fator externo. Foi o que aconteceu em um prédio no bairro da Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio de Janeiro. A jornalista Fernanda Costalonga, 33 anos, mora há 9 com o marido Eduardo Mello, 36 anos, e dois cachorros em um quarto-sala. Seria normal, se não fosse o restante do prédio. “Já aconteceram algumas coisas tão estranhas que, se contar, ninguém acredita”, afirma a jornalista.

Tudo começou quando Fernanda teve o carro roubado dentro da garagem do prédio. “O porteiro abriu a porta da garagem achando que era um amigo meu que tivesse vindo pegar o carro emprestado às 2h da manhã, sendo que nenhum amigo meu fez algo parecido”, conta a jornalista que hoje consegue rir dessa história. O problema piorou com as interferências que passaram a acontecer por causa dos vizinhos. É normal haver reclamações. Apesar disso, os limites não são tão bem demarcados como deveriam. Foi o que Fernanda percebeu quando sua cozinha inundou porque o vizinho de cima resolveu lavar a varanda e a água acabou entrando pela janela. “Quando percebi, minha cozinha estava completamente alagada! Dá pra acreditar?”, relembra.

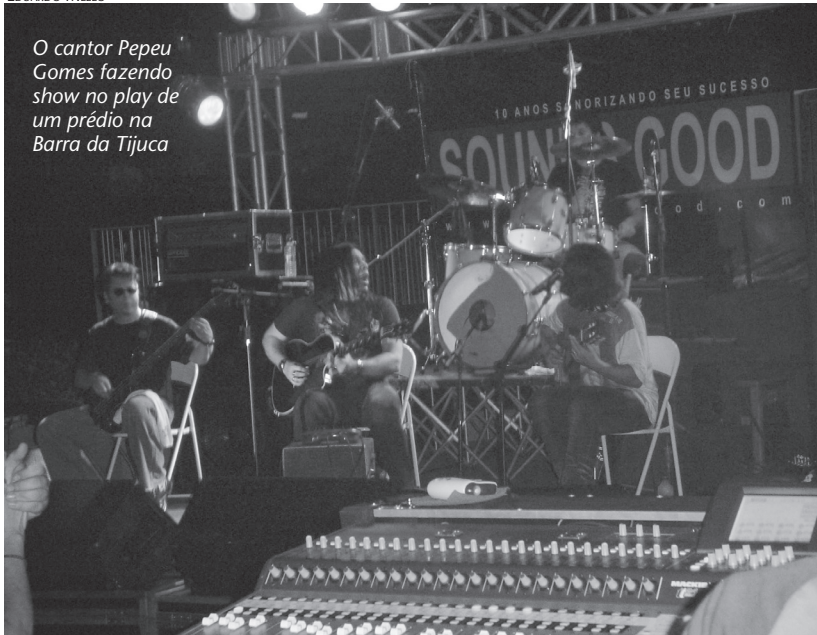
O momento mais curioso aconteceu em uma tarde de sábado, em dezembro de 2006. Ao voltar de um passeio com o marido, Fernanda se assustou com um barulho vindo do lado de fora do apartamento. Ela abriu a porta da varanda, olhou para baixo e viu um palco armado no *playground* do prédio, onde algumas pessoas pareciam estar testando os equipamentos para serem usados em algum show. Para confirmar, Fernanda ligou imediatamente para a portaria. “O porteiro me disse que ia ter mesmo um show lá no meu *play*! Liguei para o síndico reclamando do barulho e ele me disse para esperar até às 22h, porque iria desligar a luz se o barulho não acabasse”. Quando o evento começou, Fernanda reconheceu a voz do

EDUARDO MELLO



Fernanda, Eduardo e os cachorros Whisky e Wendy

EDUARDO MELLO



O cantor Pepeu Gomes fazendo show no *play* de um prédio na Barra da Tijuca

“A proximidade pelo fato de sermos vizinhos ajudou muito, tanto no ato de conhecer um ao outro, quanto no desenrolar de toda a nossa história” Amanda Cirillo

cantor. Mas como da varanda não conseguia ter a certeza de quem era, pediu ao marido que descesse para descobrir. “Quando ele chegou lá embaixo com uma máquina fotográfica e me ligou confirmando que era o Pepeu Gomes, eu fiquei surpresa! O que ele estava fazendo no meu *play*? Pensei logo que ele deveria estar morrendo de fome pra fazer *show* aqui!”, diz a jornalista. Só depois ela descobriu que o show era uma homenagem de aniversário a um produtor musical que também mora no prédio. “Já estava acostumada com festinhas de aniversário e karôkê, mas não com o Pepeu”, conta Fernanda.

Foram aproximadamente duas horas de *show*, com direito a bis. A apresentação do cantor acabou antes das 22h, e ela não precisou ligar para o síndico novamente. Mesmo com todos esses acontecimentos, Fernanda e seu marido não quiseram se mudar. “Acredito que todos os prédios são assim. Têm histórias que você só acredita vendo, ou vivendo”, brinca.

Amor de elevador

Rua Olegário Maciel, 145 – Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Prédio Mar de Prata, apartamentos 1409 e 1707. Amanda Cirillo, 21 anos, e Márcio Coelho, 34, eram vizinhos há mais de sete anos e tinham se visto apenas duas vezes: em um alerta de incêndio e na piscina do edifício onde moravam.

O cenário de encontro dos dois não foi nada convencional. Era uma quarta-feira. Amanda voltava de uma boate às 6h da manhã e Márcio chegava de um bar. Os primeiros olhares se cruzaram no elevador social do Mar de Prata, quando ambos buscavam apenas um banho e uma cama quente.

Nos três dias que se seguiram, o elevador continuou propiciando inusitados “esbarrões”. Até que em um deles, Márcio pediu o telefone da vizinha, que, neste momento, já chamava bastante a sua atenção.



“Ele me ligou no sábado para sairmos, mas eu tinha uma festa de aniversário e não fui. Depois ele não me ligou mais. Na semana seguinte, fui ao supermercado comprar um chocolate, às 22h, e parei meu carro ao lado do dele. Não acreditei, pois no estacionamento só tinham uns três carros e eu não conhecia o carro dele. No dia seguinte, ele me ligou e nós saímos. Foi engraçado, pois nos encontramos às 19h30 e voltamos para o prédio somente às 10 horas do dia seguinte”, disse Amanda.

A noite teve direito a cinema, jantar, boate e café da manhã em uma padaria da rua onde moram. Além de terem tido a oportunidade de se conhecer melhor, os dois puderam perceber que, apesar da diferença de idade, algo apaixonante e intenso estava por nascer. Um mês depois, ao som de muito *techno* e *trance*, em uma *rave* no Riocentro, o namoro foi oficializado. Queríamos casar com dois meses de namoro. No entanto, passei a morar com ele quando tínhamos seis meses de relacionamento. Não tivemos a menor dúvida de nada! Minhas amigas me acharam maluca de casar tão nova, os amigos dele nem tanto. Mas meu pai, minha mãe e minha sogra sempre deram o maior apoio e torceram pela nossa felicidade”, conta.

A história de Amanda e Márcio é um exemplo de relação entre vizinhos que deu certo e que em vez de ódio, suscitou o amor. Ao contrário das brigas corriqueiras, das fofocas, das discussões em reuniões de condomínio, dos barulhos que incomodam, o casal soube aproveitar o espaço do prédio, da rua e de todo o ambiente em comum que desfrutavam, para fazer surgir uma relação de respeito mútuo, carinho e amor.

Às vezes, uma mudança vale a pena...

A convivência com alguns vizinhos pode se tornar insuportável quando algumas regras de boa convivência não são respeitadas. Em outros casos, a pura implicância com quem mora ao lado gera um universo de conflitos e aborrecimentos, e muitas vezes o jeito mais prático para mudar o quadro é um dos dois se mudarem. Foi exatamente o que aconteceu com a estudante de jornalismo Paula Haefeli, 21 anos.

Paula morava desde a infância em uma espaçosa casa no bairro de Vila Isabel com a mãe e o irmão. Na casa ao lado, vivia um casal um pouco diferente. Sempre que brigavam, a mulher cantava ópera enlouquecidamente para irritar o próprio marido. “Eu ouvia ele gritando para ela calar a boca, ficar quieta, mas quanto mais ele pedia, ela cantava ainda mais alto”, lembra Paula.

A vizinha cantora ainda possuía algumas particularidades que irritavam profundamente a mãe da estudante. Ela começou a perceber que estavam aparecendo vários ratos na sua casa, sem que ela soubesse a causa. Depois de certo tempo, descobriu-se que a tal vizinha empilhava uma grande quantidade de jornais

PAULA HAEFELI



“Eu ficava angustiada com aquele choro. Eu pegava ração e jogava da minha janela para ele. Era impressionante como o cão se animava e comia sem parar”

Paula Haefeli

RICARDO BALBI



Acima e abaixo: Amanda e Márcio no casamento

e lixo em casa, o que atraía os roedores. Em outra casa vizinha, havia um morador que abandonara o seu cachorro e, todos os dias, o animal chorava de fome. “Eu ficava angustiada com aquele choro. Eu pegava ração e jogava da minha janela para ele. Era impressionante como o cão já se animava e comia sem parar”. Para completar o cenário, atrás da casa de Paula havia uma Igreja Metodista que ensaiava hinos de louvor a Deus, todos os sábados e domingos, às 6h da manhã. “Era uma barulheira só”, diz a estudante.

Cansada de ter que aturar esse tipo de vizinhança, a família de Paula resolveu se mudar para o Grajaú. “Agora eu moro em um prédio de três andares, sendo um apartamento por andar. Um está vazio, e no outro mora um dentista, amigo da família, que fica mais tempo em São Pedro da Serra do que no próprio prédio”, conta Paula.



Dois porteiros
controlam a
entrada do
Edifício Rajá



O vigia da porta

Entre cartas, rádio, TV e muitas histórias

BRISA ALBUQUERQUE, BRUNA LEÃO RUA, MARINA NEVES E NATALIE REINOSO

Verdade seja dita: uma das maiores invenções da humanidade foi a porta. Só depois que o homem fechou a primeira, surgiu o conceito de privacidade, e tudo o mais que lhe é associado. Com a porta, surgiu a porta ao lado, a porta acima, a porta abaixo e o portão do edifício. Eis que, com tantas portas concentradas, foi criada a profissão do porteiro.

De olho em quem entra e quem sai, na maioria das vezes eles ficam escondidos atrás de mesas amontoadas de cartas, que dividem espaço com um radinho e uma pequena TV. Há quem diga

que, depois da privacidade, o porteiro foi a melhor invenção das grandes cidades. Os mais críticos discordam, e defendem que não existe nada pior do que ter alguém vigiando a vida dos vizinhos 24 horas por dia.

Diferentes opiniões. Semelhante, porém, o tratamento. Grande parte dos porteiros do Rio sofre o preconceito de moradores que os consideram, além de fofoqueiros, funcionários de pouca importância. Mesmo diante das críticas, eles continuam à frente do condomínio. E não importa qual a motivação – prazer ou sobrevivência – esses profissionais têm desejos e histórias como todo mundo.

“Não gostaria de ser porteira. Você passa a vida toda servindo, e sem ter o que fazer”, reconhece a arquiteta Ângela Beteille, moradora do Bairro Peixoto. Mas não é essa a opinião do pernambucano Antonio da Silva, porteiro há 25 anos. “Faço o que gosto. Nada é chato”, garante. As mais de duas décadas de experiência fizeram dele um professor. Veterano, é solicitado para esclarecer dúvidas de todos os iniciantes na arte do faz-tudo.

E disso José Guilherme Ribeiro entende. Trabalhando há oito anos como porteiro no Bairro Peixoto, ele conta que desde pe-

queno percebeu o dom de fazer “tudo”. Nunca fez curso. Aprendeu olhando.

“Sempre que preciso de ajuda, grito: ‘Guilherme!’. Ele é meu anjo da guarda”, conta Ângela, que mora no prédio em que o porteiro trabalha. “Troco lâmpada, conserto os canos, sou carpinteiro”, diz ele. Tal qual um bom mineiro, está sempre pronto para um “dedim de prosa” com os moradores. O assunto principal, “claro que é futebol!”, exclama o fiel torcedor do Flamengo.

Um reduto bucólico e pacato, assim é o Bairro Peixoto, onde trabalham Seu Antonio e Guilherme. Um lugarejo que se assemelha a uma cidade tranqüila do interior, dentro da frenética Copacabana. Lá, o ambiente é familiar e os moradores são, em sua maioria, muito atenciosos com os porteiros. A relação ultrapassa a simples prestação de serviço. “Somos uma grande família”, revela Ângela.

Ainda mais devagar é o dia a dia nas portarias, isso Seu Antonio não nega. Com 51 anos, ele está a postos para servir aos moradores a qualquer momento. “Se o senhor se candidatasse a vereador, teria mais votos do que muitos famosos”, reconheceu, certa vez, uma moradora. Seu Antônio não é o tipo de porteiro requisitado somente quando alguém deseja pedir silêncio, em caso de festa na casa do vizinho. Isso porque, quando há alguma festa, na maioria das vezes, ele é um dos convidados.

Porteiro, morador e síndico

Um pouco distante da portaria de Seu Antonio, mas também em Copacabana, José Reinaldo de Holanda descobriu que queria ser mais do que porteiro. O paraibano deslumbrou-se com a Zona Sul do Rio, e decidiu que era o lugar onde queria morar. Foi quando um pri-

*“Sempre que preciso
de ajuda, grito:
‘Guilherme!’. Ele é
meu anjo da guarda”*

Ângela Beteille

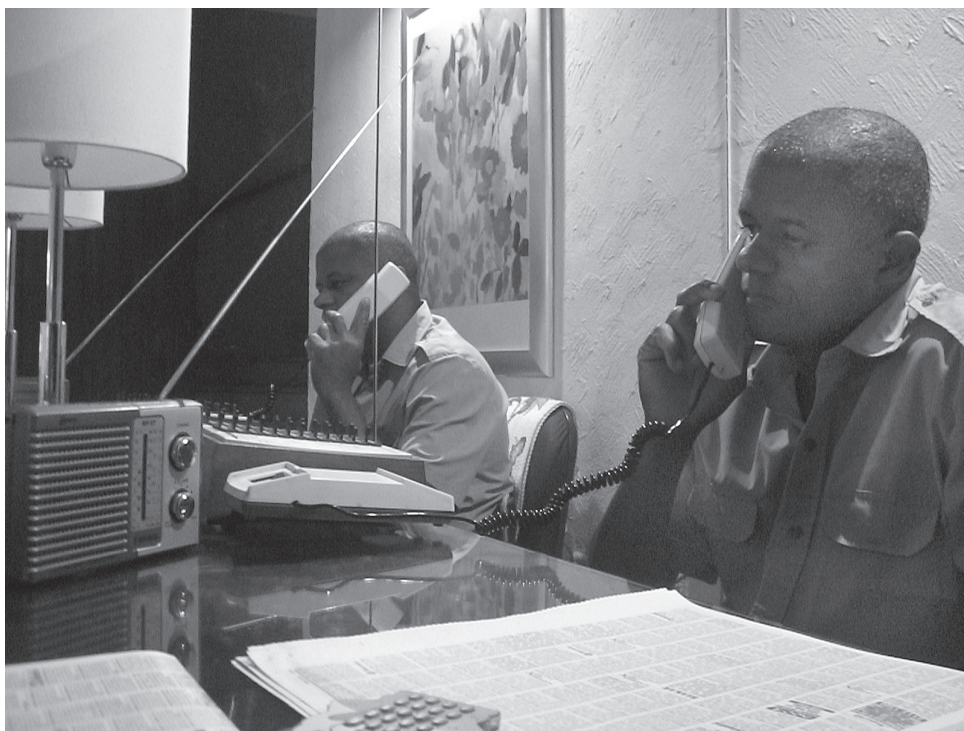
mo de seu pai lhe disse: “Então, vai trabalhar em prédio, que aí dão moradia”. Dito e feito. Conseguiu o emprego como faxineiro e, três meses depois, foi promovido ao cargo de porteiro chefe.

José não sossegou. Resolveu aprimorar-se. Fez cursos de bombeiro, pedreiro e administrador de condomínio. Queria, agora,

ser o síndico. Para isso, precisava ter uma propriedade no edifício. Juntou as economias, vendeu um carro antigo e foi ao banco tentar um financiamento. No primeiro, nada. “Sabe como é... Porteiro. Existe preconceito, não é?”, comenta.

Seguiu, no entanto, confiante em direção a outro banco. O gerente tampouco lhe foi atencioso. Mas José descobriu como conquistá-lo: “Vi que ele era torcedor do Botafogo. Eu também sou, mas nunca tinha comprado uma camisa oficial. Comprei três, uma para ele e as outras para seus filhos”, conta. Depois de 15 dias, veio o financiamento.

Comprou, então, o apartamento e continuou como porteiro, esperando a próxima Assembléia. “Não contei ao síndico que me candidataria, com medo de ser mandado embora”, explica. O grande desafio, agora, era estudar



Guilherme, seu radinho e o interfone

a estratégia para conseguir reunir votos. Bom, no edifício de 190 apartamentos, a maioria era alugado. A solução foi ligar para o máximo possível de proprietários. “Marcava hora e ia à casa de cada um, levando uma procuração. Explicava minha história, dizia que conhecia o prédio na teoria e na prática”. Foi assim que juntou 64 procurações.

Mas ainda faltava. “Precisava de um cabo eleitoral. Não tenho muita munição para debater”, diz. No prédio, conhecia um morador que sempre discordava do síndico. Holanda foi bater à sua porta. Perguntou se ele não queria se candidatar, torcendo para que a resposta fosse “não”. E foi o que aconteceu. “Então, eu me candidato e o senhor me apóia e ajuda na administração”, sugeriu. Em contrapartida, o morador exigiu: “Só se o senhor tiver 30 procurações”. Era pouco... Holanda retirou mais de 60 da pasta. Acordo fechado!

Há 10 anos, José acumula as funções de síndico e porteiro, com apenas uma folga por semana. Continua abrindo o elevador para os moradores, mantém o bom humor e está sempre bem vestido. Muito comunicativo, ele hoje resolve quase todos os problemas do prédio. De vazamentos a conflitos entre moradores.

“Tenho 99% de aprovação”, comemora ele, já no quinto mandato. O síndico e porteiro credita o sucesso da atuação à vantagem de ser funcionário. “Como estou o tempo todo na portaria, o contato com os moradores é direto. Isso dá mais agilidade. Vou delegando funções e acertando o que está errado”.



Guilherme: prestativo e sempre com boa vontade

Quando porteiro, sua maior insatisfação era levar um pedido ao síndico e nada ser resolvido. “Agora que ocupo esse posto, o morador faz um pedido, e eu logo tento solucionar”.

Reclamações...

Os porteiros sabem bem o que isso significa. Se um cachorro late, eles precisam ligar para o dono e pedir para parar. Se o som está alto, mais uma missão para resolver. “É uma aporrinhção atrás da outra”, queixa-se Antonio de

Sousa, porteiro de um prédio no Leblon. E desabafa: “Temos que ser prestativos, mesmo sem querer”.

A entrevista é interrompida pelo síndico. Ele pergunta de quem é o carro vermelho no estacionamento e diz saber que não pertence a nenhum morador do edifício. “É do amigo do morador”, responde Sousa, que, sem receio, critica a própria profissão. Segundo o porteiro, estar ali é, nada menos, do que falta de opção. Sousa reclama também do baixo salário e da distância entre moradores e portei-

“É uma aporrinhção atrás da outra”

Antonio de Sousa



Seu Antônio: mais de duas décadas como porteiro

“Temos que ser porteiro, psicólogo e conselheiro” Cleiton Dias

ros. “Não tenho estudo para ser outra coisa”, conforma-se. “Mas uma mínima formação é necessária para ser porteiro. Quem não sabe ler e não sabe falar, não pode lidar com esse povo instruído”, completa Sousa. “Esse pessoal não se aproxima da gente. Estamos na casa dos outros”, ressaltou. Na sua mesa, não tem rádio nem TV. Regras do condomínio. Ele tampouco pode sair à rua. “Não posso deixar a portaria um minuto. Quando saio para ir ao banheiro, logo reclamam”, diz Sousa.

Diferente do Bairro Peixoto, o clima de amizade e cordialidade

não reina no Leblon. Isso é o que garante o porteiro Edinaldo Agostinho. “O morador respeita. Mas são eles lá, e a gente aqui”, diz o paraibano, que preferiu não abrir o portão para falar com a equipe. Ficou atrás das grades do edifício, por segurança.


“Porteiro bom é aquele que não fala com você, que não te traz problema e com quem você não tem intimidade”, defende um morador da Barra da Tijuca, que não quis se identificar “por medo de ganhar a antipatia dos seus vizinhos”. Ainda que anonimamente, ele explica que talvez o tamanho

do condomínio onde mora, com cerca de 20 mil m², seja a razão para a distância entre porteiros e moradores.

O jovem tem razão. Chegar até à portaria é tarefa difícil. O portão é distante da entrada, que, por sua vez, exhibe pelo menos dois interfones de comunicação com o porteiro. O profissional fica quase escondido entre duas estantes e uma mesa.

Nos grandes edifícios fica difícil para o porteiro conhecer todos os moradores, como no Prédio Rajá, em Botafogo, que abriga mais de mil moradores. Neste, até atropelamento com moto no corredor já ocorreu. O lugar foi comandado por uma facção criminosa, mas os traficantes foram expulsos, segundo os porteiros. “O prédio está passando por uma transição, e hoje não tem mais tráfico e prostitutas”, explica Jonas Fernandes, um dos porteiros.

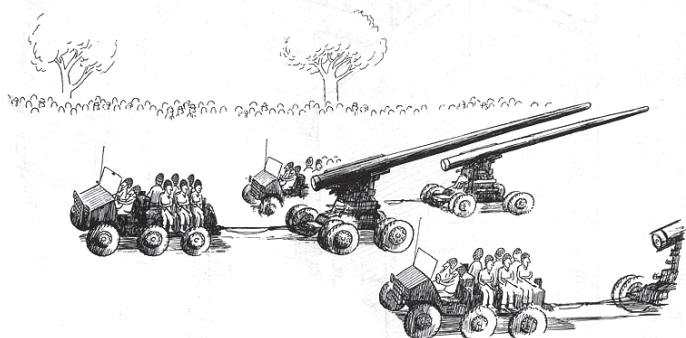
Segundo eles, a mudança vem ocorrendo desde a nova administração, implantada há seis anos. Foi instalado um sistema de controle na entrada, câmeras nos corredores, dois porteiros, além de um segurança. Como não há interfone, o visitante só pode subir depois de deixar o número da identidade.

Cleiton Dias, que divide a mesa de entrada do Rajá com Fernandes, afirma que o lado positivo da profissão é lidar com todo tipo de gente. O problema é que algumas vezes eles têm de aturar desabafos de pessoas que chegam ali e, em cinco minutos, fazem o relato da vida inteira. “Temos que ser porteiro, psicólogo e conselheiro”, enumera Cleiton. E ainda agüentar a fama de fofoqueiros. 

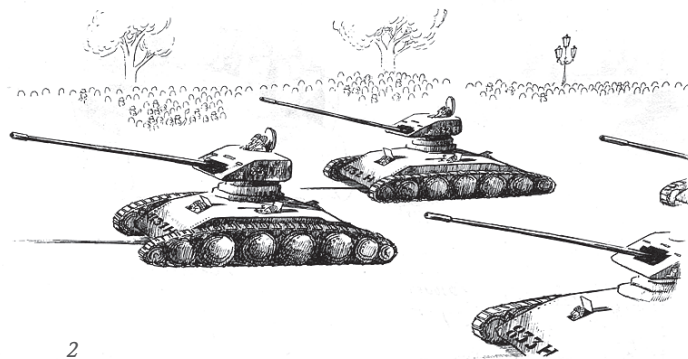
Ganhando a vida sobre rodas

Como vendedores informais do Rio conseguem garantir seu sustento com criatividade

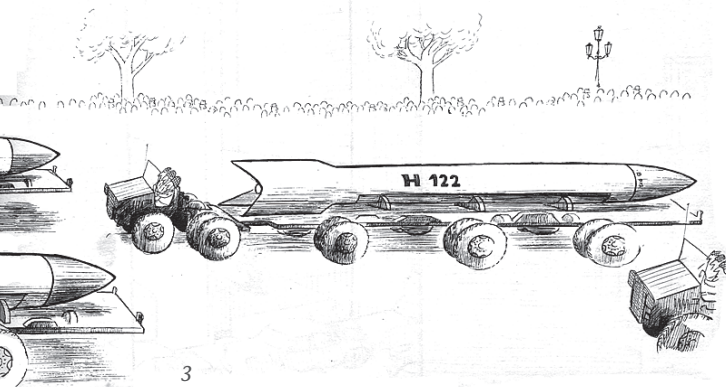
MARIANA RAAD, MARIANA REIS, RAFAEL HONÓRIO E SUZANA KERBER



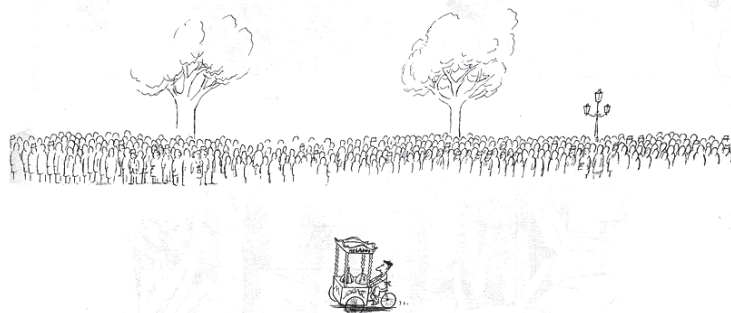
1



2



3



4

Sempé

E lá vão eles! Sobre uma, duas, três, quatro, ou quantas rodas forem necessárias, muitos trabalhadores expõem seus produtos pelas ruas da cidade e realizam, a cada dia de serviço, uma verdadeira maratona pela sobrevivência. O circuito varia de um vendedor para outro, mas, em geral, são todos conhecidos na vizinhança por onde passam. Para chamar a atenção dos fregueses, usam criatividade e alegria em famosos jargões, instrumentos de *marketing* eficientes utilizados nos mercados asiáticos, indianos e africanos desde os primórdios da civilização, e que se tornaram elementos de nossa cultura popular.

Andando por aí, fica fácil perceber a quantidade de pessoas que leva a vida na informalidade, batalhando pelas oportunidades. Diferente do que se poderia imaginar, muitas delas são pessoas animadas, felizes, que aceitaram e superaram suas dificuldades. Venceram indo além de um simples conformismo; construíram seus caminhos.

Os principais motivos apontados pelos economistas como responsáveis pela crescente taxa da informalidade no Brasil são a alta carga tributária e a grande competitividade no mercado de trabalho.

Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), apenas 46,6% dos trabalhadores

estão contratados seguindo as leis trabalhistas. Isso quer dizer que 53,4% não têm acesso aos benefícios essenciais que os contratos com carteira assinada oferecem, como auxílio doença, aposentadoria e férias.

A informalidade deixa milhões de trabalhadores desprotegidos e empresas sem condições de crescer. Há ainda outra consequência negativa importante: ela força o aumento do gasto público. Isso porque os gastos vão parar na conta do governo, ou seja, na conta de todos os contribuintes, que precisam arcar com o alto custo da assistência social a pessoas que não pagam impostos, ou não contribuem para a Previdência, mas que envelhecem e adoecem como todas as outras.

Por outro lado, o que fazer quando encontrar um emprego se torna algo próximo do impossível? Ou ainda, quando o salário do mês não paga as contas como deveria? Para aqueles que realmente querem e precisam trabalhar, recorrer ao mercado informal é a saída.

Felicidade e sustento sobre rodas

Uma forma muito peculiar de comércio encontrada no Rio faz uso daquela velha e conhecida ferramenta inventada durante a pré-história, considerada, até hoje, uma das maiores invenções do homem: a roda. São carrocinhas, triciclos, Kombis... O que não falta é criatividade.

É assim que José Alceu da Silveira consegue sustentar os dois filhos e a esposa. Vendedor de aipim há 48 anos, o pernambucano de Araripina veio para o Rio de Janeiro ainda adolescente, em busca de emprego. Recomeçar a vida na cidade grande não foi fácil. O primeiro trabalho de José foi como plantador de milho, no sítio de um conhecido de seus pais, em Sepe-tiba. Com o dinheiro que conseguiu juntar, o menino comprou um pequeno terreno em Campo Grande e iniciou seu próprio negócio. Desta vez o plantio foi de aipim, também conhecido como mandioca ou macaxeira. Para vender o produto, José usava um carrinho de mão doado por seu ex-patrão, e saía pelos arredores de Campo Grande. Hoje, aos 65 anos, o pernambucano conquistou a freguesia de mais cinco

bairros na zona oeste da cidade. Ele percorre cerca de 20 km por dia de trabalho. Quando o bairro é um pouco mais distante, José vai de ônibus, mas depois anda pelas ruas empurrando seu carrinho de mão.

“Cada dia da semana eu vendo meu produto em um lugar diferente. É uma forma de ampliar o número de consumidores e de ganhar a exclusividade do cliente. Todos esperam o dia que eu passo para comprar aipim, pois sabem que meu produto é de boa qualidade”, afirma o vendedor.

A professora Fátima Maio confirma. Moradora do bairro Jardim Sulacap, por onde José passa todos os sábados, ela é freguesa do vendedor há 30 anos. “Desde mocinha, minha mãe mandava que eu ficasse atenta aos chamados dele. Até hoje, quando eu escuto a voz do Zé vindo, ainda da outra rua, corro para meu portão e aguardo. É só ele gritar ‘Aipim!’, que a vizinhança toda vai comprar”, conta Fátima.

O jeito simples de José é proporcional ao grande sucesso de seu produto, que lhe rende em média R\$ 3 mil por mês. Com o dinheiro, além de sustentar a família, o pernambucano investe em sua plantação e ainda consegue fazer uma poupança para os períodos de baixo rendimento, quando o aipim está fora de época. Segundo José Alceu, o êxito do negócio é fruto do amor e da dedicação ao seu trabalho. “Gosto do que faço. E tudo o que fazemos com carinho dá certo!”.



Ivan Carlos(D) e Vitor Berlim (E) em mais um dia de trabalho rodeados por bicicletas, triciclos e scooters. Ao fundo, a Kombi da empresa.

Dos hotéis aos salgados, com muito orgulho

José Luis da Silva, de 54 anos, mais conhecido como César, vende salgados e bolos no mesmo ponto há 10 anos. Pai de família, religioso ferrenho, ele acorda diariamente às 3h para chegar à entrada do Condomínio Novo Leblon, na Barra da Tijuca, às 4h30 da manhã.

“Desde mocinha, minha mãe mandava que eu ficasse atenta aos chamados dele. (...) É só ele gritar ‘Aipim!’, que a vizinhança toda vai comprar” Fátima Maio

O trajeto de ônibus da Gardênia Azul até o local de trabalho dura em média 30 minutos. O público atendido durante o expediente, que costuma ir até às 10h, engloba desde aqueles que estão chegando para trabalhar pelas proximidades, até jovens famintos voltando da noite carioca.

Após anos trabalhando com hotelaria e na loja de roupas Dijon – com Luiza Brunet, ele faz questão de lembrar –, César resolveu trabalhar por conta própria. Queria ter mais tempo livre e sonhava aproveitar os fins-de-semana.

Os produtos de César são encomendados de uma mesma família há tempos. São alimentos que vão desde cocada e bolo de aipim a cachorro-quente de forno e joelho de queijo e presunto. O lanche completo, composto por um doce ou salgado e um café, chocolate quente ou suco, sai por R\$ 2,00. Fiado, nem adianta pedir. “Quando alguém pede fiado, eu prefiro dar gratuitamente. Uma vez vi um senhor fuchando a lata de lixo aqui da esquina. Falei para ele nunca mais fazer aquilo, pois aqui ele sempre encontraria uma refeição. Tudo que sobra também é oferecido para quem trabalha por aqui. Não levo nada de volta, é tudo fresquinho”.

César lucra em média de R\$ 1.500 por mês, que já permitiram que ele abrisse uma lojinha de lanches no Recife. Seus planos, porém, não param por aí. “Hoje, como do bom e do melhor. Sei que ainda vou abrir uma grande lanchonete e trabalhar com turismo em Porto de Galinhas (PE). Vou dar a volta por cima!”, acredita o vendedor.

Churros, sorrisos e bicicletas

Mais um exemplo de batalha está na história de César da Silva, 44 anos. Morador de Madureira, trabalhou durante muitos anos com carteira assinada, como segurança de carro forte.

A mudança ocorreu há 18 anos, quando ele se deu conta de que precisava de mais dinheiro, de tempo para si mesmo e que não queria mais receber ordens de patrão. Hoje, César é vendedor de churros na porta do colégio Santo Agostinho, na Barra da Tijuca.

César trabalha diariamente das 7h30 às 18h e é frequentemente contratado para eventos para os quais leva também suas barraquinhas de milho e algodão doce. A jornada diária começa após deixar o filho no colégio, na Freguesia. Faz o trajeto até à Barra de ônibus, já que seu carrinho de churros fica guardado próximo ao ponto de venda.

Para o vendedor, a melhor parte do serviço é a quantidade de amizades conquistadas. Conversa com alunos, pais e motoristas. Gosta mesmo é de fa-



César da Silva garante a qualidade dos seus churros e acaba se entregando à própria tentação

***“Esses aqui são diet!
Não engordam, não dão
estria... Só não garanto a
celulite!” César da Silva***



José Luis da Silva, o César, e sua fiel companheira: a carrocinha de doces e salgados

***“Hoje, como do bom e do
melhor. Sei que ainda
vou abrir uma grande
lanchonete e trabalhar
com turismo em Porto de
Galinhas” José Luis da Silva***


lar enquanto frita os churros, que têm massa feita por ele mesmo. “Um sai por R\$ 0,70 e dois por R\$ 1,20. Confesso que como uns dois por dia, mas não passa disso! Esses aqui são *diet*! Não engordam, não dão estria... Só não garanto a celulite!”, brinca.

Com recheios de doce de leite, chocolate ou misto, ele chega a vender cerca de 50 unidades por dia, o que dá um lucro médio mensal de R\$ 1.200,00. Atualmente, deseja comprar uma barraquinha melhor, já que a sua está com quatro anos de uso. Segundo ele, o problema é o preço, que pode chegar a R\$ 4.500,00. “Mas não tem problema, não posso reclamar. Depois que comecei a trabalhar no ramo, as coisas melhoraram muito”, diz.

Já Ivan Carlos e Vitor Berlim ganham a vida com

sua Kombi. Os empregados da loja Berlim Bicicletas visitam condomínios da Barra da Tijuca oferecendo seus serviços de manutenção, aluguel e venda de bicicletas, triciclos e scooters.

A empresa começou há 15 anos, mas o sucesso foi tanto que há cinco anos eles abriram uma loja, esta sem rodas, no *shopping* Mediterrâneo. Berlim, dono da marca, nunca abandonou seu passado: continuou trabalhando em condomínios, atendendo sua fiel clientela em casa.

Segundo os publicitários, “a propaganda é a alma do negócio” e Berlim não poderia deixar de lado sua paixão: além das comuns panfletagens, o micro-empresário usa bicicletas e triciclos com faixas e caixas de som para chamar a atenção de novos clientes. 

Por onde andam estas delícias?

O comércio sobre rodas pode marcar gerações. Quem se lembra dos famosos Churros del Uruguay? Um ônibus antigo, preso a um pequeno trailer, que ficava estacionado na Praça do Ó, em frente à praia da Barra da Tijuca, vendendo aquelas deliciosas massinhas fritas, recheadas com doces de diversos sabores e salpicadas com açúcar e canela em pó.

Tudo teve início no final dos anos 1970, quando os uruguaios Walter Angel e Francisco Silva começaram a vender churros em Montevideú. Rodaram a Argentina e o Paraguai com o trailer vermelho e prata até chegarem ao Rio Grande do Sul. Em meados dos anos 1980, vieram parar no Rio de Janeiro, onde a conquista da freguesia foi rápida. Na época, o local em que se instalaram passou a ser um dos pontos mais freqüentados da praia da Barra, graças aos churros mais famosos da cidade.

A origem do doce é espanhola. Nos EUA, ele é mais comprido, mas o recheio só foi acrescentado na América do Sul. No Rio de Janeiro, é fácil encontrar carrocinhas vendendo a delícia por ruas e pontos de ônibus, principalmente no centro



da cidade. Mas, segundo antigos fregueses, nada se compara aos Churros del Uruguay. O carioca Nader Couri, 50 anos, lembra o tempo em que freqüentava o local com a namorada, hoje sua esposa. “A época dos Churros del Uruguay foi um grande barato. Além de ser uma delícia, o programa era quase obrigatório no meio ou no final da noite. O sabor que mais gostava era doce de leite. Tudo era feito com muito capricho, e a fila podia se estender por muitos metros, dependendo da hora”, conta Nader. O sucesso era tanto que muitas pessoas iam até à Barra da Tijuca só para comer o quitute. É o caso do engenheiro Renato Matos, de 57 anos. Para ele, o segredo estava na maior diversidade em relação aos concorrentes da época. “O Churros del Uruguay oferecia recheios não só

de doce de leite, como também de creme de ovos e brigadeiro. E ainda vendiam deliciosas tortilhas, com cobertura doce ou salgada. Naquele tempo, não havia nada igual na cidade. Era muito bom!”, elogia o engenheiro.

O negócio se estendeu pelos anos 1990, mas parecia estar em decadência. De acordo com Renato, o número de fregueses era nitidamente menor na época em que passou a freqüentar o local acompanhado de sua filha, que também se tornou cliente. “Aqueles churros eram maravilhosos. E o mais legal é que era um programa da juventude do meu pai e depois também foi da minha infância e da minha adolescência” conta Karine, filha do engenheiro.

O motivo exato que levou os uruguaios a fecharem portas e janelas e retirarem o antigo trailer da Praça do Ó é desconhecido. Restou apenas a certeza de que os Churros del Uruguay deixaram saudades e marcaram gerações. “Bons tempos. Praia de um lado e churros do outro. Carros abertos, som alto, bate papo, sem nenhuma preocupação. Sempre me pergunto: por onde andam estes churros?”. Alguém aí sabe?



Sempre com muita educação

Os donos da rua

O que mais se vê na rua? Carro, buraco ou flanelinha? Dúvida cruel. Mas há quem diga que flanelinha é como mato, dá em todo lugar

DIOGO DANTAS E MARIANA MUNIZ



O relacionamento entre motoristas e flanelinhas é realmente muito passional. Um exemplo é o site de relacionamentos Orkut. Através de comunidades, os internautas exaltam o ódio desmedido sobre o trabalhador do mercado informal. Na comunidade de “Eu odeio flanelinha”, há mais

de 2.600 pessoas cadastradas. Mas não fica por aí. O sentimento de repulsa é tão grande que muito mais gente se une na saga que tem como único objetivo praticar o velho calote sobre os guardadores ilegais. Mais de 4.300 usuários se cadastraram na comunidade “Eu dou o cano no Flanelinha”.

Wilson Pereira, 53 anos, mora-

dor de São João de Meriti, trabalha como vendedor de tiquete na Tijuca. Segundo ele, mesmo que a região seja repleta de assaltos, em “sua” rua nada acontece com os carros. “Aqui eu já conheço a maioria e eles respeitam os carros do guardador e não vêm assaltar, pelo menos quando eu estou aqui”, garante.

Seu Wilson é um caso à parte quando o assunto é a relação complicada com os motoristas. Alvos comuns de ofensas descabidas, os guardadores regulares precisam de jogo de cintura para lidar com o descontentamento do motorista, que a cada esquina costumam se deparar com um boleto da Prefeitura. E a receita para isso é ganhar a simpatia em um primeiro contato. “Eu chamo sempre de senhor, senhora. A gente lida com o público, então tem que falar sem ignorância. Tem que saber conversar. Ninguém gosta de ser mal tratado”, ensina.

Ao receber os clientes, Seu Wilson procura sempre deixá-los à vontade. “Não quer pagar não paga, não vou debater com ele, não arrumo problema. Mas tem uns que dão R\$ 2,00 ou R\$ 3,00. E quem deixa faltando R\$ 0,20, aí a gente faz por menos uma vez”, explica. Mas na hora de falar do trabalho de seus companheiros de profissão que ainda permanecem na ilegalidade, o guardador não mede críticas. Segundo Seu Wilson, não há vantagem em ser flanelinha. “Eles ganham menos, e são muito discriminados, as pessoas não confiam”, relata.

Mas a falta de confiança é mais pela fama do que pela falta de opção de alguns flaneli-



nhas. O jovem Anderson Silva, de 18 anos, cuida dos carros em frente a uma padaria na Tijuca. Ele conta que já conversou com vendedores de tíquete regularizados, mas que não existe divulgação de como fazer para entrar legalmente no ramo.

Outra característica do contato com os flanelinhas é a generalização do tratamento. Como

não gostam de ser cobrados, os motoristas são mal-educados com os flanelinhas, que só estão na rua para sustentar suas famílias. Anderson da Silva é casado, pai de um bebê recém nascido, e diz que muitas vezes é mal tratado por motoristas. “A maioria é mal-educada sim. Você chega e já falam logo ‘Ai, pelo amor de Deus’”, conta.

Durante a entrevista, Anderson parou para atender uma senhora que saía com o carro. Ouvida pela reportagem, ela, que não quis se identificar, disse que prefere os guardadores regularizados com o boleto. “Não gosto de pagar não. Tem uns que você vê que são regularizados, que é trabalho, outros não”, diz a motorista.

A arrecadação

A renda mensal dos flanelinhas Anderson e Wilson é bastante desigual. Enquanto o primeiro tira por



Como não gostam de ser cobrados, os motoristas são mal-educados com os flanelinhas, que só estão na rua para sustentar suas famílias

mês cerca de R\$ 300,00, o segundo consegue arrecadar aproximadamente R\$ 900,00. Essa diferença se dá basicamente pela regularidade na cobrança dos tíquetes, comprados pelos guardadores na Prefeitura. Mas a compra mínima é de oito mil unidades. Por isso, eles se reúnem em sindicatos, que compram e distribuem os boletos. Cada boleto é dividido com a Prefeitura e com os chamados “donos dos pontos”.

A Prefeitura recebe R\$ 0,80 por tíquete e o vendedor fica com R\$ 1,20, o que totaliza R\$ 2,00. Somado a isso, o guardador deve quitar sua dívida com o representante do sindicato através da compra mínima de oito mil boletos, cujo valor gira em torno de R\$ 5.600,00. Surge a questão: quem tem R\$ 5.600,00 para gastar em oito mil tíquetes?

Dessa maneira, até o guardador regularizado faz bicos para ampliar a renda. Em dias de partidas de futebol no Maracanã, eles fazem a festa. “No domingo, trabalho de jaleco, mas sem talão. Aí os flanelas ganham quanto podem, mas se o motorista não quiser dar, ele não dá. Mas aí eu tiro de R\$ 50,00 a R\$ 60,00 por fora”, revela Wilson. Sabendo de seu erro, ele conta que também já foi preso. “Os policiais pegam a gente e ficam rodando até o jogo acabar, depois soltam”, relata.

As placas de duração do estacionamento variam entre 2 horas, 4 horas e período único. De acordo com a assessoria da CET-Rio, as placas têm o período de acordo com o local onde estão instaladas. Em regiões onde há maior comércio, as placas são de 2 ou 4 horas. E nas vias junto às praias, o período costuma ser único para que o cidadão possa aproveitar o lazer por mais tempo.



Caso de polícia

A assessoria da Prefeitura do Rio de Janeiro para assuntos de transporte explicou que os guardadores regularizados são apenas vendedores de tíquetes. Já os flanelinhas são responsabilidade da Polícia Militar. São eles que recolhem os guardadores ilegais e recebem chamados sobre denúncias de extorsão.



Diogo Dantas

Vendedor de tíquete
preenchendo o talão

O morador pode estacionar sem tíquete?

A CET-Rio implantou por todo o município, em 21 de julho de 2004, o Projeto Cartão Morador, que instituiu normas e procedimentos para o cadastramento de veículos de moradores em logradouros regulamentados por estacionamento rotativo. A posse do Cartão Morador proporciona gratuidade ao estacionar em qualquer vaga disponível de estacionamento regulamentado pelo Sistema Rio Rotativo, localizada no logradouro de sua residência. Cabe ressaltar que, evidentemente, a posse do Cartão Morador não garante a disponibilidade de vaga, nem permite o estacionamento em locais proibidos pelo Código de Trânsito Brasileiro (CTB). Mais informações em www.rio.gov.br/smtr

“Eu chamo sempre de senhor, senhora. A gente lida com o público, então tem que falar sem ignorância. Tem que saber conversar. Ninguém gosta de ser mal tratado”

Wilson Pereira



Fila de espera na Uruguiana

O guia das ruas

Um olhar em constante movimento

JÚLIA MACHADO, MONISE NICODEMOS, STEPHANY SANTOS E VERÔNICA FERREIRA



Ele a percorre em cada espaço com olhar crítico e postura observadora. Ela, ora arisca, ora tímida, oferece diferentes personalidades para serem conduzidas por entre suas curvas e retas. Ao fim, a relação entre os dois é de dependência: o taxista não apenas necessita da rua para exercer a profissão, mas contribui para que ela se mantenha notória.

Circulando pela cidade, os taxistas são um misto de *flâneur* e antropólogo, capazes de distinguir seus detalhes em meio à multidão. Conhecer os lugares e identificar os potenciais passageiros é fundamental para sobreviver na profissão. Dentro do carro, transitam na companhia das mais diferentes pessoas. E entre os espaços públicos e particulares, tornam-se, eles mesmos, personagens e narradores da própria história.

Centro do Rio, um caso particular

Benilton Correia, 45 anos, não viu grandes mudanças no ponto, localizado no Centro do Rio, em que fica com seu táxi desde os 25 anos de idade. Conhecida por ser um dos principais acessos à extensa e homônima praça pública, a Rua da República também tem como ponto de referência o Corpo de Bombeiros. É uma das principais passagens para o Saara, importante centro comercial popular do Rio.

As ruas do Saara – República do Líbano, Alfândega e Senhor dos Passos – estão sempre repletas de gente e de lojas, em um misto de cores, sons e movimentos que levam ao encontro da Rua Uruguaiana, uma das mais conhecidas do Centro. Neste espaço agitado, entre a Praça da Carioca e a Avenida Presidente Vargas, há uma longa fila de táxis. Ali, ao lado dos respectivos carros, os taxistas observam os rostos apressados de seus clientes.

Rua Uruguaiana

Paulo Barreto, com mais de 30 anos de profissão, sempre fez ponto na Uruguaiana e gosta muito de trabalhar no local: “A Uruguaiana é muito bela. Mais bonita ainda são as mulheres que passam por aqui”, diz. Ser taxista ajudou a perceber as mudanças ocorridas

ao longo do tempo. “Algumas ruas mudaram de mão, outras foram abertas, além das estradas... E mais passarelas foram construídas, aumentando o número de pedestres”, conta Paulo.

O taxista Luiz Alcântara, 27 anos, é outro que admira a Rua Uruguaiana. Seu ponto fica em frente ao camelódromo. O local é uma referência pelo aglomerado de pessoas, lojas, barraquinhas – com os mais variados tipos de produtos *made in China* ou *made in Taiwan*, e jovens entregadores de papeizinhos com propaganda de clínica dentária, empréstimos a juros baixos e sexo pago: R\$ 10,00 a hora, com direito a um chope.

Foi em busca dessa agitação que Luiz saiu de Cabo Frio, onde morava há três anos. “Lá as ruas são muito calmas, as pessoas também. Eu gosto muito de movimento, por isso que eu voltei para o Centro do Rio. Acabei trabalhando aqui na Uruguaiana”. Luiz é taxista há apenas um mês, mas já observou bem como é o local de trabalho. “Nesta rua o clima é mais povão. Há turistas, nordestinos, cariocas... O Centro é muito diversificado”, opina.

Luiz descreve as peculiaridades das vias públicas, mesmo próximas umas das outras, como a Uruguaiana e a Avenida Rio Branco. “As ruas são também locais de discriminação. Aqui você vê pessoas mais simples. Já na Rio Branco, as pessoas se vestem de

“A Uruguaiana é muito bela. Mais bonita ainda são as mulheres que passam por aqui”

Paulo Barreto

outra maneira, é uma avenida de mais acesso, a via arterial da cidade. E por mais que a Uruguaiana tenha muito comércio, a Avenida Rio Branco tem mais prédios que ajudam a se localizar, como o Edifício Central”, define Luiz.

Aspectos da profissão

Ao fim da Rua Uruguaiana está a Avenida Nilo Peçanha. É fácil identificar a área, entre a Praça Tiradentes, a Praça Carioca, a Uruguaiana e a Rio Branco. “Ela não mudou nada nestes cinco anos que estou aqui”, informa o taxista Fábio Barbosa, 38 anos, que complementa: “por isso ela é fácil de ser encontrada”.

Enquanto aguarda o próximo passageiro, Fábio ajuda transeuntes perdidos. “Onde fica a Rua da Assembléia?”. “Sabe me dizer como chegar à Presidente Vargas?”. O taxista explica pacientemente. “É só ir até o final desta rua aqui e virar à esquerda”, ou “entra nesta aqui e vai até o fim dela, que você vai dar de cara com a Presidente Vargas”. Após os agradecimentos, Fábio, um negro alto e corpulento, sorri e comenta, achando graça: “Além de ser taxista, eu sou um informante das ruas, um balcão de informações”, diz.

Foi o desemprego que fez com que Fábio seguisse a profissão do irmão. Já Eduardo dos Santos Nogueira, que trabalhava no setor de telecomunicações, há dois anos e meio trocou a antiga profissão atraído pela oportunidade de ganhar mais com o táxi.

“Liberdade é algo que o profissional da área sempre terá. Mas a profissão é sacrificante. Há muita violência hoje. Ser taxista é bom porque se ganha razoavelmente bem e se conhece vários lugares”, avalia Eduardo.



Acima momento de lazer na rotina de trabalho. Ao lado o Saara onde se vende de tudo





O movimento nas ruas do Saara

Outras histórias

Por presenciar as mais diferentes situações nas ruas, taxistas costumam ter muitas histórias para contar. Benilton já teve até uma briga de casal em seu carro, na qual a mulher estapeou o homem para que ele calasse a boca. Paulo “levou uma volta” de um cliente – gíria usada pelos taxistas quando o passageiro não paga a viagem.

***“Além de ser taxista,
eu sou um informante
das ruas, um balcão
de informações”***

Fábio Barbosa

Luiz foi testemunha ocular da briga de um casal gay, e viu, através do retrovisor, o namoro reatado por um longo beijo.

As histórias do cotidiano se transformaram em livro pela iniciativa de Mauro Castro, taxista há 21 anos em Porto Alegre (RS). A profissão surgiu como uma segunda opção de trabalho para o então desenhista publicitário.

“Comprei o táxi com um dinheiro que tinha economizado. Logo descobri que o motorista que trabalhava para mim ganhava mais do que eu. Como não dou bola para convenções do tipo ‘olha que emprego legal que eu tenho’, peguei o táxi e fui trabalhar. Hoje é o meu ganha-pão”, conta Mauro.

Até chegar ao livro, Mauro começou escrevendo sobre a profissão, a convite de um editor do jornal Diário Gaúcho. Logo depois teve a idéia de criar o blog *Taxitramas* (<http://www.taxitramas.blogger.com.br/>), que está no ar há quatro anos. O blog fez tanto sucesso, que a editora Sulina o convidou para lançar, em 2006, o livro *Taxitramas – Diário de um taxista*.

Apesar de achar a profissão desprestigiada, Mauro não reclama e prefere ver o lado positivo do convívio com pessoas interessantes. Do volante do carro, ele pode acompanhar as transformações da capital gaúcha.

“A cidade ao mesmo tempo amadurece e tem uma eventual decadência. Bairros residenciais se transformam em áreas empresariais. Isto mostra como a cidade é dinâmica. Para mim, era um local lúdico, mais aprazível. Hoje, a transformação visível nas ruas de Porto Alegre é o empobrecimento da arquitetura. A beleza, aos poucos, dá lugar à praticidade”, analisa o ex-desenhista.



Dados e números

De acordo com o IBGE, o setor de transportes reúne hoje cerca de 2,5 milhões de trabalhadores, representando 7% do PIB do Brasil. Os táxis estão incluídos nesses números. Atualmente, cerca de 76% dos municípios contam com serviço de transporte por táxi.

Segundo o Sindicato Estadual dos Taxistas do Rio de Janeiro, a cidade agrega aproximadamente 30 mil táxis, perdendo apenas para São Paulo, que tem cerca de 55 mil.

Os dados da Secretaria Municipal de Transportes do Rio revelam que a cidade possui cerca de 470 pontos de táxi credenciados com vagas destinadas a 2.600 taxistas.

Na maior parte do Brasil e do mundo, os taxistas trabalham com licenças emitidas pelo Poder Público.

Esta licença comumente adquire um valor de mercado, variando de cidade para cidade. No Rio de Janeiro, uma licença ou alvará, como também é conhecida, custa cerca de R\$ 60 mil, e dependendo do ponto de estacionamento, pode chegar a R\$120 mil.

Portanto, não basta apenas ter um carro para se tornar um taxista. É preciso ter um veículo com uma licença específica. Para aquelas pessoas que não puderem ou não quiserem gastar com uma licença, o jeito é trabalhar com um táxi de frota – veículos disponibilizados por empresas em troca do pagamento de um valor diário, semanal ou mensal.

No Rio de Janeiro, há dois tipos de táxis com tarifas e serviços distintos: os convencionais e os especiais. Os táxis convencionais são os que possuem a cor padrão

(amarelo com faixas azuis nas laterais) e operam por taxímetro. A bandeirada custa no mínimo R\$ 4,30, e o quilômetro rodado varia de R\$1,15 (nos dias úteis e aos sábados, das 6h às 21h) e R\$1,38 (no período noturno de segunda a sábado, além de domingos e feriados). Já os táxis especiais são aqueles organizados em cooperativas. Só há padronização de pintura entre os táxis de uma mesma cooperativa. As tarifas desses táxis são, em média, 80% mais altas do que as tarifas convencionais porque os táxis que operam nesta categoria não podem pegar passageiros ao longo do percurso. Somente o podem fazer mediante chamada radiofônica. A bandeirada custa ao passageiro no mínimo R\$ 5,70, e o quilômetro rodado tem preço fixo de R\$ 2,02.

Muitos não sabem, mas a hora parada ou de espera tem preço fixo. Para os táxis convencionais a quantia é de R\$ 14,50 e para os táxis especiais é de R\$ 25,45. Os taxistas também podem cobrar por volumes maiores de 60x30 cm. Nos táxis convencionais, a tarifa é de R\$ 1,15 e nos especiais de R\$ 2,02.

Também é importante saber que a Superintendência Municipal de Transportes Urbanos (SMTU) fixa tarifas especiais para serem aplicadas em viagens de percursos determinados com pontos de origem, como a Rodoviária Novo Rio, hotéis da Zonal Sul e os dois aeroportos da cidade. Para consultar os valores, acesse o site: <http://www.rio.rj.gov.br/smtr/>.



A relação com os clientes rende muitas histórias

Um condomínio chamado Vila Mimosa

Sexo, comércio e preconceito

FÁBIO LEONI, LUIS PAULO FRAGA, RAFAEL NAGIB E VÍCTOR BARROCO

VÍCTOR BARROCO



As irmãs Mônica e Cristina: "somos confundidas com prostitutas".



e manhã, um condomínio como outro qualquer. A paz das vilas, residentes trocando produtos, fofocas e vivências, além da inocência de um futebol de rua e de degustações nos diversos bares ao redor. Existe, inclusive, uma associação de moradores. Escurece. Reflete-se então o mais antigo reduto de prostituição e ainda um dos mais emblemáticos do país, a Vila Mimosa. Surge a clientela: homens de terno, homens de chinelos, mulheres com amigas e sem amigas; até mesmo uma garotada que se junta apenas para tomar cerveja. Os becos tornam-se ainda mais densos, com um “quê” de proibição. Meninas, mulheres e até senhoras arriscam-se nas vilas, em busca de um trocado. Muitas ainda com o sonho de uma vida melhor.



A perda da inocência por um trocado, esta é a história de muitas mulheres na Vila Mimosa.

Apesar do trabalho com as profissionais do sexo funcionar 24 horas por dia, a noite definiu o estereótipo do local. A Vila Mimosa é formada por quatro galpões com diversos prostíbulos travestidos de bares ou boates que, além de sexo, vendem bebidas baratas. Os quartos são sujos e bem pequenos. As mulheres que ali trabalham têm entre 18 e 50 anos, sem carteira assinada. O preço varia e pode-se encontrar garotas que cobram apenas R\$ 20,00 por período de 20 minutos. Durante todo o tempo, elas rondam as ruas e becos. Algumas trabalham somente durante o horário comercial, porque são casadas.

Cerca de 1.500 garotas trabalham no local de dia e de noite. Há ainda na região uma capela, oficinas

mecânicas, a garagem de uma empresa de ônibus, um posto de saúde e prédios residenciais.

Presidente da AMOCAVIM (Associação de Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa) há 11 anos, Dona Graça, que preferiu não dizer o nome completo, tem 53 anos, desconfia de muita gente e é proprietária de um dos 70 bares existentes no local. A história dela com o lugar começou há cerca de 30 anos, quando a Vila ainda era onde hoje fica a sede da Prefeitura, no Estácio – local popularmente conhecido como “Piranhão”, por ter antes abrigado as profissionais da Vila Mimosa.

Ela conta que a Vila tem alguns projetos em andamento com o Ministério da Cultura, como o “Dama das Camélias”, que consiste em aulas de português e matemática para as meninas que lá trabalham. Outro é a construção de uma sede da FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro). Dona Graça diz que o local é legalizado e conta com ata e estatuto há mais de 10 anos.

Salto alto, pés calejados, um cigarro na mão e uma marca roxa na perna esquerda. Suzana (os nomes foram trocados para preservar a privacidade dos entrevistados) mostra-se satisfeita e objetiva ao tráfegar entre os visitantes do local. Morando com colegas de trabalho, a jovem de 21 anos veio do Espírito Santo. “A vida aqui é dura, mas não tem mesmo outro jeito. Uns dias, a coisa tá boa. Você já entende quem vem procurando. Tem dias que é tudo ruim. Não sou muito feliz, mas pra mim tá bom”, suspira.

Já Verônica, 29 anos, virou chefe de um grupo de meninas, além de também ser prostituta. Ela convidou a equipe de repórteres para conhecer o bar do qual é proprietária. O local tem dois andares, com quatro ou cinco quartos apertados e abafados. Ao entrar, a chefe grita: “Tranquem a porta que a reportagem está subindo”. Meninas tomavam banho juntas na hora. “Aqui é um lugar de passagem. Sonho em fazer faculdade de Direito. O mais difícil para mim é agüentar o preconceito da família”, desabafa Verônica. “Prostituta é a profissão mais antiga do mundo e nós não temos nenhum direito trabalhista. Isso tiraria a gente da clandestinidade e ajudaria a diminuir o preconceito”, conclui.

Danilo Moura, de 25 anos, conta que já foi ao local com amigos apenas para conhecer. “Chegando lá, sentamos em um barzinho e começamos a beber. Lógico que lá pelas tantas você acaba mexendo com as prostitutas, mas só de zoeira mesmo. Elas andam de

calcinha por todos os lugares. O lugar é freqüentado por pessoas de todas as classes sociais, todas as idades. Você vê de tudo, literalmente tudo. Você vê que aquilo é o fundo do poço da sociedade, tem um clima pesado demais, é horrível”, diz o jovem.

A presidente da AMOCAVIM, afirma que os freqüentadores também vêm de lugares distantes, fora do município do Rio. Apesar do grande número de pessoas nos fins de semana, Graça reclama que o comércio por ali anda em baixa. “Aqui é um comércio também, né? Vendem de tudo: bebida, roupa e não só a prostituição. Tem muita menina que vende artesanato, que faz outras coisas. Mas a situação está ruim para todo mundo”, analisa.

Ela relata ainda que a relação com os moradores da região é tranqüila, embora, no passado, não tenha sido muito amigável.

“O pessoal dali já está acostumado. Antigamen-

te eles achavam um absurdo. Hoje eles abriram comércio para ganhar dinheiro, porque a Vila Mimosa foi para ali, né? Aquilo ali era morto antes da Vila”, diz Graça.

A baiana Mônica Sampaio, de 30 anos, é doméstica e mora nas proximidades da Vila Mimosa com a irmã. Ela veio morar no Rio há seis anos. O lugar onde vive é um grande galpão dividido em outras cinco casas, onde moram outras famílias. A doméstica diz que não sabia da existência da Vila. Conta que a primeira vez em que tomou conhecimento da fama do local estava com a cunhada a caminho da casa de uma amiga.

“Para chegar lá, a gente teve que passar pela Vila. Quando ia andando, eu via as mulheres peladas na frente da rua. Aí, eu me perguntei o que era aquilo. Nem sabia o que era *zona* quando cheguei. Lá na Bahia isso tem outro nome...”, observa.

VICTOR BARROCO



Mônica já está acostumada com o lugar. O maior problema, segundo a doméstica, é quando ela e a irmã são confundidas com prostitutas. “Um dia eu estava indo para a igreja quando veio um senhor de moto. Ele passou por mim, depois voltou perguntou o preço. Eu disse que estava indo para a igreja e ele pediu desculpas e foi embora”, lembra a irmã de Mônica, Cristina.

Outro problema enfrentado é a violência. Mônica revela que toda semana de duas a três pessoas eram assassinadas por causa de confusões iniciadas dentro dos prostíbulos. “Houve mortes na rua e até dentro de carro. Já mataram também à luz do dia, por volta das 15h. Mas isso parou, porque agora a associação de moradores estipulou uma multa para quem mata”, conta. “Quando a gente está no ônibus e fala que vai descer na Praça da Bandeira, todo mundo já *malda* logo. Pensa que é lá de dentro e não que se trata uma pessoa direita, que não tem condição de morar em outro lugar. Se eu pudesse, mudava”, diz a moça.

Renato Soares, 24 anos, já foi ao local fazer uma reportagem para a faculdade. Ele foi xingado e quase agredido quando chegou à Vila Mimosa com uma filmadora. “O local é como se fosse um mundo particular. Quando alguém chega com alguma câmera fotográfica ou filmadora, eles ficam com medo, não sabem o que vai acontecer”, analisa.



“O lugar é freqüentado por pessoas de todas as classes sociais, todas as idades. Você vê de tudo, literalmente tudo”

“Aqui é um comércio também, né? Vendem de tudo: bebida, roupa e não só a prostituição”

“Mônica já está acostumada com o lugar. O maior problema, segundo a doméstica, é quando ela e a irmã são confundidas com prostitutas”

Um breve histórico

Localizado na Rua Sotero dos Reis, na Praça da Bandeira, Zona Norte da cidade, a Vila Mimosa é o reduto de prostituição mais antigo do país. Sua origem vem do Primeiro Império. Os portugueses teriam importado para o bairro do Estácio, no Centro, polonesas e francesas a fim de atender às necessidades sexuais da Corte.

Com a libertação dos escravos e a falta de empregos, no entanto, o lugar foi mudando seu perfil. Deixou de saciar os instintos mais primitivos da nobreza para suprir os desejos ocultos do povo trabalhador. Especula-se que, na

época, o lugar abrigava cerca de oito mil prostitutas e ocupava em torno de dez ruas.

A Vila começou a diminuir quando o prefeito Pereira Passos iniciou seu projeto de modernização da cidade, no início do século passado. A partir daí, uma série de outros acontecimentos foram colaborando para que a Vila mudasse definitivamente de lugar: as transformações sanitárias promovidas por Oswaldo Cruz e a construção do Metrô, do teleporto e da sede do Governo municipal. Não é à toa que os dois prédios da Prefeitura ali construídos foram

apelidados carinhosamente de “piranhão” e “cafetão”. Entre as personalidades conhecidas que transitavam por lá estão o pintor Di Cavalcanti e o músico Cartola. A transferência da Vila foi obtida mediante uma indenização dada pela Prefeitura no valor de aproximadamente 300 mil reais. No entanto, há quem diga que o dinheiro foi roubado pela antiga presidente da associação de moradores. Apesar do desvio, cafetinas e prostitutas conseguiram arrecadar 100 mil reais e compraram o galpão na Praça da Bandeira, onde permanecem até hoje.

O planejamento urbano e a consagração da rua

De que maneira cidades como Nova York podem sobreviver a períodos de caos e ainda fazer planos para o futuro

CAIO NOLASCO, ROBERTA FREITAS E TOMÁS BATISTA

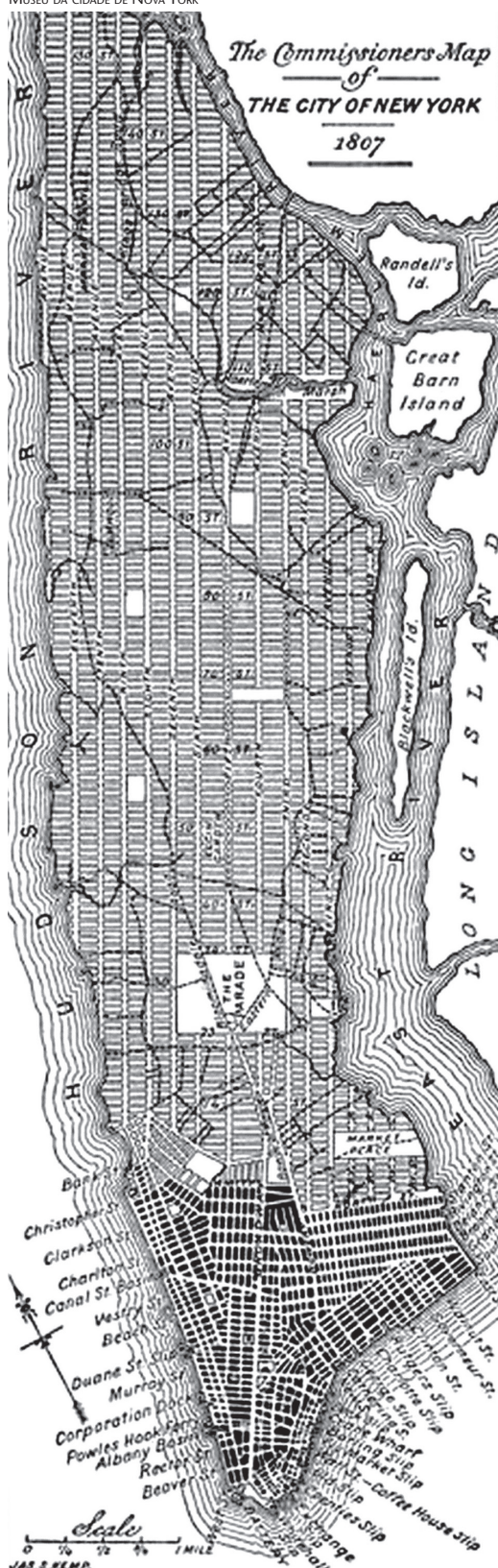
Nova York, capital “semi-oficial” do mundo desde que a Organização das Nações Unidas (ONU) instalou sua sede em Manhattan, é conhecida pela monumentalidade e por abrigar artistas plásticos consagrados, excelentes chefes de cozinha, músicos de vanguarda, além de uma diversidade étnica e cultural pouco vista no planeta – e em uma quantidade avassaladora. A atração que a cidade exerce sobre as pessoas nos mais distantes lugares do mundo, culpa principalmente das muitas produções cinematográficas que escolhem Nova York como cenário, sempre inflou o ego dos habitantes da *Big Apple*. Mas já faz algum tempo que esse fascínio tem preocupado seus moradores, exatamente aqueles que mais se orgulham das qualidades da megalópole.

Estimativas da gestão atual do prefeito Michael Bloomberg dão conta que, nesse ritmo de crescimento observado hoje, a cidade ganhe outro milhão de habitantes nos próximos 25 anos, o suficiente para minar sensivelmente a qualidade de vida dos outros oito. Com nove milhões de residentes, Nova York poderá ter congestionamentos de mais de 12 horas, uma das piores qualidades do ar em ambiente urbano do mundo e



MUSEU DA CIDADE DE NOVA YORK

Edifício Chrysler



Com o Commissioners' Plan, Manhattan ganharia o traçado "racionalista" que marcou o plano de urbanização de várias cidades americanas no início do século XIX

70% de suas usinas geradoras de eletricidade com mais de 50 anos. Além disso, a incidência criminal poderia retornar aos patamares atingidos na década de 1980 – anteriores, portanto, à famosa política de segurança “tolerância zero” levada a cabo pelo prefeito Rudolph Giuliani a partir de 1991. Para se ter uma idéia, em 1990 foram registrados 2,2 mil homicídios na cidade; em 2005, o número baixou para 540, menos de ¼ das ocorrências da década passada. Frente a esses problemas, talvez até a ONU fizesse como a classe-média nova-iorquina de 20 anos atrás que, fugindo do caos, foi ocupar a vizinha Nova Jérsei.

Para evitar esse cenário, Bloomberg lançou no início de maio de 2007 um pacote com 127 programas que transformariam a Nova York de 2030 na metrópole modelo do século XXI. Os projetos refletem preocupações não apenas ambientais e de infra-estrutura, mas também relativas ao fornecimento de energia e ao trânsito de pessoas. Entre outros projetos, pretende-se recuperar espaços poluídos da cidade, plantar 210 mil árvores ao longo de três décadas, reduzir a emissão de gases poluentes pela metade (substituindo os táxis atuais, que rodam apenas com gasolina, por uma frota 100% flex) e dedicar 90% da baía

do rio Hudson para áreas de lazer. A intenção de Bloomberg é que até 2030 nenhum nova-iorquino viva a menos de 10 minutos de um parque. E para absorver o crescimento populacional e aproveitar as pessoas economicamente ativas, serão construídas 300 mil casas e algumas dezenas de edifícios comerciais. O plano, entretanto, causou algum descontentamento. De um lado, quem utiliza carros de passeio terá que pagar um pedágio de US\$ 8.00 para circular no centro da cidade – o valor para veículos de carga será o triplo; de outro, fala-se em melhoras nos serviços nas estradas e aumento da capacidade do transporte público, o que custaria algo em torno de US\$ 50 bilhões, quantia difícil de ser capitalizada mesmo para a cidade-natal de Donald Trump. Entretanto, o fato é que a superfície “útil” de Nova York está saturada há muito tempo. Poucos são os espaços que ainda comportam reformas importantes como as pretendidas no pacote de Bloomberg.

A cidade das ruas em grade

Não é a primeira vez que um projeto de urbanização, visando sanar problemas ainda longínquos, cause, apesar da coerência, certo desconforto para os habitan-

A fim de facilitar a vida dos imigrantes, que chegavam aos montes, optou-se por numerar as ruas, ao invés de nomeá-las

tes da metrópole. Em Nova York, isso já aconteceu algumas vezes. A primeira e mais importante delas data do início do século XIX. No final dessa reforma – idealizada em 1803, aprimorada em 1807 e iniciada em 1811 –, a única coisa que restaria da Nova York do final do século XVIII seria o nome.

Entre as décadas de 1780 e de 1800, Nova York, primeira capital americana, crescia em um ritmo avassalador. Na virada para o século XIX, 60 mil pessoas já ocupavam a cidade (contra 33 mil em 1790), que crescia, em especial, pelas tradicionais boas condições para atividades mercantis. Ali parece que os negócios sempre estiveram em um nível acima ao da política, talvez por ser essa uma concepção comum dos colonizadores holandeses, que em meados do século XVII fundaram a Nova Amsterdã em Manhattan. Mas, no final do século seguinte, artesãos, operários e advogados nativos se misturavam a franceses fugindo da revolução, a uma quantidade enorme de imigrantes irlandeses – encantados com essa colônia que havia se colocado contra a metrópole britânica –, e muitos alemães.

Para se ter uma idéia das transformações ocorridas em tão pouco tempo na paisagem urbana, em apenas sete anos, de 1783 a 1790, o número de casas na cidade havia triplicado, passando de 3 mil para 9 mil. A partir de então, cerca de mil novas habitações eram postas de pé a cada ano. O crescimento acelerado da população, que poderia colocar em risco a sustentabilidade do desenvolvimento econômico, estimulou o governo do estado – de cofres cheios – a bolar um projeto de urbanização que prolongaria e mesmo intensificaria os tempos de boa saúde financeira.



As ruas do Upper East Side em Manhattan, hoje, ao lado do Central Park

Facilitar o trânsito de pessoas e modernizar o ambiente de negócios são os grandes intuitos de prefeitos ao implantar projetos urbanísticos

Sob influência das idéias racionalistas do recém-passado século das luzes, dividiu-se com rigor geométrico a área de Manhattan, sem levar muito em conta sua topografia. Conhecido como *Commissioners' Plan*, o projeto instituiu a demarcação de lotes medindo oito por 30 metros em toda a área não habitada da ilha – a maior parte; 14 avenidas paralelas, que a cruzavam de norte a sul, além das 172 ruas perpendiculares a elas, formavam a grade urbana. A divisão em lotes facilitou a criação de um mercado imobiliário e permitiu também, mais tarde, a incursão maciça da burguesia européia, que buscava novos mercados após o fim das guerras napoleônicas.

Homenagear figuras de uma nação há pouco constituída não fazia muito sentido em uma cidade

que atraía menos recém-independentes do que estrangeiros, onde dialetos galeses e francos superavam em quantidade de falantes o inglês. Por essa razão, as ruas e avenidas, ao invés de nomeadas, foram numeradas, tornando mais fácil inclusive a orientação daqueles que desciam no porto da ilha sem conhecer a língua o suficiente para ir além do *good morning*.

Uma cidade na informalidade

Parece que o planejamento urbano nova-iorquino, ainda no início do século XIX, refletiu duas preocupações básicas: facilitar o trânsito de um contingente populacional que não parava de crescer, e modernizar o ambiente de negócios de um mercado plural que já tinha a vantagem de abrigar um porto – a efervescência econômica experimentada por ali



A área do Central Park, construído em 1853 para servir de escape ao barulho e à poluição

dali a algumas décadas comprovavam o sucesso do empreendimento. Na realidade, passados quase dois séculos, esses ainda parecem ser os grandes intuitos de prefeitos ao implantar projetos urbanísticos. Mas para Luís Carlos Madeira, professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio, nenhum planejamento urbano contempla apenas essas questões. “Toda prefeitura do mundo se esforça em trazer investimentos e desenvolver sua cidade economicamente. A diferença, como Bloomberg já tratou de perceber, é que, hoje, atrair recursos depende também de uma política de urbanização voltada para questões ambientais”, comenta Madeira.

O Brasil, entretanto, que desde o início da década de 1990 com a organização da ECO-92, ao menos demonstra o interesse em encabeçar o grupo de discussões (hoje global) acerca dos problemas am-

***A cidade informal
dificulta o
planejamento
urbano com os
instrumentos
tradicionais***

***Resolver a
questão fundiária
significa integrar
legalmente favela
e cidade***

bientais – como evidencia seu pioneirismo no desenvolvimento dos biocombustíveis –, ainda encontra dificuldades para fazer valer a nova ordem urbanística dentro de suas fronteiras metropolitanas.

Apesar do Estatuto das Cidades, que vigora legalmente desde 2001 e dá plena liberdade aos municípios para avaliar seus respectivos problemas urbanos e aplicar recursos da maneira que convir, as prefeituras, em especial dos grandes centros, encontram como principal obstáculo justamente uma das razões de ser do estatuto: a *cidade informal*, isto é, áreas habitadas que não são reguladas, e com isso dificulta-se o planejamento com os instrumentos tradicionais. São espaços urbanos que, em sua maioria, embora em alguns casos contem com serviços públicos de limpeza ou coleta de lixo – sem dúvida esporádicos –,

raramente possuem alguma infra-estrutura que estimule o desenvolvimento da localidade; o cenário geralmente é o mesmo: clima árido, com poucas árvores, e ruas de terra numeradas.

Segundo Madeira, no Rio de Janeiro a informalidade já totaliza algo em torno de 50% da área urbana – na zona Oeste ultrapassa 60% –, realidade comum em países periféricos. “Em relação a outras cidades, inclusive Nova York, muitas áreas urbanas brasileiras sofreram semelhante processo de ocupação, recebendo levas de imigrantes, por exemplo. A diferença é que aqui o poder público e o capital privado demoraram a entender que prever a ampliação dos limites urbanos evitaria não apenas o surgimento de bolsões de miséria, mas traria eficácia à

“Perdemos uma grande oportunidade com o Pan-americano.

Foi um verdadeiro ‘apagão’ de planejamento”

Luís Carlos Madeira

administração pública e favoreceria o desenvolvimento econômico”, explica.

Ainda para o especialista, poucas vezes o interesse dos planejamentos urbanos foi autêntico com as reais necessidades. “Aqui, planos urbanos quase sempre foram

traçados visando ao benefício da classe dominante. Quando Pereira Passos reformou a cidade, não esteve muito atento para o destino das populações desalojadas com a abertura da Avenida Central. Foi então que se proliferaram os cortiços. Em época recente, o programa favela-bairro de fato respondeu a certos problemas com eficácia, mas não podemos falar, a rigor, de planejamento”, lembra.

Para Madeira, a realização dos jogos Pan-americanos no Rio de Janeiro surgiu, a princípio, como uma grande oportunidade para tirar o atraso e levar desenvolvimento a outras regiões da cidade além da zona oeste. O fato é que pouco do que seria feito saiu do papel. “Para nós do Rio, foi um verdadeiro ‘apagão’ de planejamento”, completa.



Como formalizar uma cidade

Pelo censo de 2000, a Rocinha já alcançou a marca de 65 mil habitantes, número rapidamente contestado pela Light-Rio, que, pela conta de consumo, afirma haver quase o dobro. Por sinal, foi a companhia a responsável pelo mapeamento da favela, o que beneficiou a grande parte dos moradores. As ruas já têm registros no Detran e nos Correios, embora, na maioria das vezes, lhes faltem placas e nomes: tal como em Nova York, as vias são numeradas, só possuindo nomes alguns largos, como o do Terreirão, e travessas, como a da Raiz, batizados segundo a topografia. Enquanto no asfalto as vias públicas levam nomes de personalidades em algum grau importantes para a sociedade, a informalidade chega a refletir um problema de identidade. O planejamento urbano, nesse sentido, pode funcionar como instrumento de inclusão. Sem dúvida, a Rocinha, uma das maiores favelas do mundo, pode ser considerada resultado de todo esse processo desorganizado de crescimento da população. É hoje, porém, um exemplo de como é possível superar a informalidade urbana.

Ali, diversas ONGs, em parceria com a associação de moradores, já há algumas décadas auxiliam na instalação de serviços essenciais, como educação, coleta de lixo, transporte interno, posto médico e policial. Hoje, muitos moradores não se mudam da Rocinha por nada. O poder público já entendeu a importância da sustentabilidade do crescimento da comunidade.

Para setembro/outubro de 2007 está marcado o início das obras do projeto de urbanização e também a entrega de títulos de propriedade para os moradores. É o programa Bairro Legal, a elaboração de um plano diretor que conta com a participação dos moradores. Entre as idéias apresentadas, destaca-se a construção de um anel viário em torno da região, que serviria como limitador da expansão horizontal da favela. Além disso, mais ruas seriam abertas e haveria obras para melhorar a infra-estrutura de saneamento e coleta de lixo; está prevista, ainda, a construção de um novo batalhão da Polícia Militar nas cercanias e de uma unidade pré-hospitalar; serão inaugurados teatros, cinemas e centros culturais; e por fim, também um estacionamento faz parte do programa. Moradores prejudicados por estas obras seriam transportados para prédios que ocuparão a área onde hoje funciona uma garagem para ônibus, dentro da própria comunidade. As ruas serão definitivamente regularizadas: os moradores da Rocinha devem receber títulos de propriedade e estarão, com isso, inseridos no sistema de tributos. Resolvida a questão fundiária poderá haver, enfim, a integração legal da favela com a cidade.





Mamões, mangas e
outras frutas na barraca
da dona Alegria

Os bastidores de uma feira livre

Consumidores e feirantes falam sobre o velho hábito de ir à feira

BERNARD NAGEL, DANIEL GONÇALVES, PEDRO RANGEL E THIAGO PEÇANHA



Todos os dias, em algum lugar da cidade, pessoas acordam cedo para comprar frutas, verduras e carnes. Estariam elas indo ao supermercado? A resposta é não. Preferem ir à feira mais próxima de casa. Em um mundo cada vez mais *on-line*, onde praticamente tudo, inclusive frutas e legumes, podem ser comprados sem sair de casa ou dentro de um supermercado com ar-condicionado, o que faz com que muitas pessoas ainda prefiram ir a uma feira livre?

Relações de amizade

“Na feira, todo mundo é amigo”. Wellington Magalhães, que há 25 anos frequenta a feira que acontece na Rua Ortiz Monteiro, em Laranjeiras, justifica com esta afirmação porque não troca a feira pelo supermercado. Ele sempre compra carne na barraca de Marcos Barbosa, que corta atenciosamente a peça vendida “ao gosto do freguês”. Wellington diz que não gosta de nada resfriado. “E se a carne não estiver boa, a gente vem e devolve”, brinca, mostrando que a sua relação com o feirante não é apenas comercial. “Alguns feirantes não cativaram o freguês e desistiram da feira. Meus clientes não trocam a feira pelo mercado”, afirma Marcos.

Tatiana Glass também só compra carne na feira e destaca o clima de amizade e descontração que falta aos estabelecimentos comerciais mais modernos. “Aqui você encontra os vizinhos e conversa com os feirantes, que já te conhecem e te chamam pelo nome. E se você não tem dinheiro, ainda pode pagar depois. A feira é uma relação de comunidade”, comenta Tatiana.

Apesar da fidelidade demonstrada por alguns fregueses, é possível notar que a feira livre enfrenta uma crise, pelo menos no Rio de Janeiro. De fato, as feiras encontram dificuldades de sobreviver à realidade das grandes metrópoles, onde parece não haver muito tempo para essas “relações de comunidade”. O que será da feira na era da comida industrializada e das compras *on-line*? Aos olhos do mundo moderno, o comércio impessoal dos supermercados parece mais compatível. No entanto, os consumidores que privilegiam a qualidade dos produtos não abandonam a feira. “A gente compra nas barracas onde o produto é sempre bom e fresco”, conta a freguesa Lúcia Ramos.

A concorrência dos supermercados

Muitos feirantes reclamam da concorrência do supermercado, que até bem pouco tempo, não vendia os produtos da feira. Alegria da Fonseca diz que para muitos consumidores a qualidade do produto não é importante. “O mercados tiram os nossos fregueses. A venda de frutas e verduras nos supermercados deveria ser proibida”, reclama a feirante. Alegria exibe uma belíssima barraca de frutas e afirma orgulhosa que seu produto é muito melhor que o do mercado. “Mas tem freguês que não se importa com isso”, completa.

Para Francisco de Assis – funcionário de uma cooperativa de verduras cuja barraca oferece exclusivamente mercadorias de produção própria –, existem

*Aos olhos do mundo moderno,
o comércio impessoal dos
supermercados parece mais
compatível. No entanto, os
consumidores que privilegiam
a qualidade dos produtos não
abandonam a feira*

outros problemas, alguns até mais graves que o da concorrência dos mercados. “A feira está acabada. A Prefeitura acabou com a feira. Não há fiscalização e falta segurança. O movimento cai por falta de organização”, explica.

Diferentes estratégias para atrair consumidores

Apesar dos problemas, as feiras ainda parecem ter vida longa na cidade. Segundo a Prefeitura, são 182 feiras livres espalhadas pelo Rio, as quais empregam cerca de 6 mil feirantes. Entretanto, elas movimentam apenas 10% do volume de hortifrutigranjeiros comercializados na cidade.

A feira de Laranjeiras, que começa na Rua General Glicério e se estende pela Rua Ortiz Monteiro, é uma das maiores e mais conhecidas feiras livres semanais do Rio de Janeiro. Além dos moradores do bairro, que descem de seus apartamentos para garantir o abastecimento semanal de frutas, verduras e carnes, a feira atrai pessoas vindas dos mais diferentes bairros da cidade. Isso porque, por volta da hora do almoço, o grupo Choro na Feira se apresenta no local com sua roda de choro – que, segundo muitos músicos, é de altíssimo nível. Nesse momento, os feirantes começam a ir embora e o movimento fica concentrado na barraca do Luizinho, onde é possível assistir ao *show* e saborear uma variedade enorme de *drinks*. Há também o famoso “Pastel do Bigode”, outra atração que traz à feira gente que mora mais longe.

*“Na feira, todo mundo
é amigo”*

Wellington Magalhães

DANIEL GONÇALVES



Marcos Barbosa corta a carne “ao gosto do freguês”

*Segundo a Prefeitura do
Rio de Janeiro, são 182
feiras livres espalhadas
pela cidade, as quais
empregam cerca de 6
mil feirantes*





A feira da rua Ortiz Monteiro, em Laranjeiras, Rio de Janeiro

O trabalho do feirante

Todo feirante precisa obter uma permissão para participar das feiras, que deve ser requerida junto à Prefeitura. Os pontos que eles ocupam também são marcados para não gerar confusão. Josânias Severino de Araújo, por exemplo, possui permissões para vender suas laranjas em quatro feiras semanais. Na terça-feira ele está no Catete, na quarta em Botafogo, na quinta no Leblon e no sábado em Laranjeiras. Sempre na véspera, ele vai à CEASA, central que abastece a maioria dos feirantes, e encomenda as laranjas. No dia da feira, às 5h da manhã, o produto chega de caminhão e o trabalho começa.

Outros feirantes, como Edson Sanches, preferem ir de madrugada à CEASA e trazer os produtos pessoalmente. “Por volta das 2h da manhã a gente chega lá no CEASA de São Gonçalo, pega a mercadoria e traz no nosso carro para a feira”, explica. Em relação à permissão, ele conta que não é tão difícil de obter, já que o momento não é muito bom para os feirantes.

Jorge de Almeida Pereira é feirante há 20 anos. Ele tem permissão para trabalhar em sete feiras por semana. No entanto, Jorge só vai pessoalmente a quatro feiras e envia empregados para as outras três. “Não dá pra ir todo dia. Ninguém agüenta!”, revela. 🏠

A feira e a cidade

A feira livre floresceu na Europa durante a Idade Média e teve papel fundamental no desenvolvimento das cidades e no chamado renascimento comercial observado durante o século XIII. Na medida em que a produção agrícola foi ganhando sofisticação nos feudos, o excedente passou a ser comercializado nas cidades durante as feiras. Durante a realização das feiras, os conflitos eram interrompidos para que os vendedores pudessem trabalhar com segurança. As trocas comerciais realizadas nos centros urbanos possibilitaram a padronização dos meios de troca e atuaram de maneira decisiva na superação do modelo feudal auto-suficiente. Realizadas estrategicamente em áreas onde rotas comerciais se cruzavam, as feiras ainda incentivaram a criação de uma estrutura bancária que regulasse o câmbio e a emissão de papel-moeda.

No Rio de Janeiro, há registros de feiras desde a época colonial. Uma grande variedade de produtos que chegavam de navio era comercializada informalmente na Praça XV. Somente em 1711, o Marquês do Lavradio, terceiro vice-rei do Brasil, oficializou as feiras nas ruas da cidade. Em 1904, o prefeito Pereira Passos, com o objetivo de exercer um maior controle sobre a atividade comercial no Rio de Janeiro, editou um decreto que autorizava as feiras a funcionar aos sábados, domingos e feriados. Em 1916, os feirantes passaram a trabalhar também durante os dias da semana.



Tatiana Glass recebe o frango, cortado do jeito que gosta, das mãos do feirante

Entenda o funcionamento de uma feira

De acordo com a lei Nº. 492, de 4 de janeiro de 1984, as feiras livres da cidade do Rio de Janeiro têm como objetivo o abastecimento suplementar de legumes, verduras, frutas, pescado, aves abatidas, etc. Cabe à Prefeitura municipal e a seus respectivos órgãos e secretarias, a função de fiscalizar e fixar critérios e normas para o funcionamento de uma feira. Somente pessoas autorizadas pela Coordenação de Feiras, da Secretaria Municipal de Fazenda, podem comerciar nas feiras livres do Rio. Elas recebem a classificação de feirante-produtor – aquele que vende única e exclusivamente produtos de sua própria pesca, lavoura, criação ou produção – ou de feirante-mercador – aquele que vende mercadorias produzidas por terceiros. Cada feirante só pode ter uma matrícula junto à Secretaria de Fazenda. Para participar de uma ou

mais feiras, ele precisa de permissões que correspondem a um mesmo comércio, sendo que cada uma delas associará um dia da semana a uma determinada feira livre. Para conseguir sua matrícula, o candidato deve apresentar os documentos de identidade, certificado sanitário, atestado de produção ou título de propriedade – quando for feirante-produtor. No caso de comércio de aves abatidas e ovos, também são necessários comprovantes de existência do local de criação e abate dos animais, além de certificados de posse e vistoria sanitária do veículo utilizado para o transporte das mercadorias. Para um feirante “entrar” em uma determinada feira, é preciso que haja vagas desocupadas na mesma. Assim, ele terá a permissão para trabalhar, por exemplo, na feira da Rua Maria Eugênia, no Humaitá. Se descumprir qualquer

um dos seus deveres ou não comparecer àquela feira durante 30 vezes consecutivas, perde a permissão. Caso perca todas as suas permissões, o feirante perde, automaticamente, sua matrícula. Somente o Secretário Municipal de Fazenda pode transferir, modificar, criar ou extinguir feiras livres. Também é sua função determinar locais, dias de funcionamento, medidas de higiene, lotação, obrigatoriedade de uso de veículos especiais, metragem e demais especificações de tabuleiros, barracas e veículos utilizados. O feirante, que cumpre todos os seus deveres, vende produtos de qualidade e estabelece uma boa relação com o freguês, tem tudo para ser bem sucedido em sua atividade. Mais informações: www.portalcomercio.org.br/ www.rio.rj.gov.br/clf/feiras/

Barulhos cariocas

Ruídos que dificultam a vida na metrópole

ARIANE BOMGOSTO, ISABEL SIQUEIRA E LAILA BENCHIMOL

A vida na cidade do Rio de Janeiro pode custar caro aos nossos tímpanos. Buzinas, sirenes, bate-estacas, sinaleiras, celulares, briga de vizinhos – tudo isso faz parte do imenso conjunto de ruídos que muitas vezes torna o dia a dia do carioca um verdadeiro caos. Por isso, a consciência de que se deve ao menos evitar o barulho em nossos lares – último reducto de tranquilidade das grandes metrópoles – deveria ser o primeiro passo para que os problemas causados pela poluição sonora fossem minimizados.

A Lei do Silêncio

Em maio de 2004 foi sancionada a Lei nº 4.324, a Nova Lei do Silêncio, de autoria do deputado Carlos Minc (PT-RJ), para tentar diminuir o barulho do Rio de Janeiro. A lei exige, por exemplo, que as sinaleiras de garagem sejam desligadas entre 22h e 6h (podendo manter apenas o alerta luminoso), mas a maioria dos prédios ainda mantém o som ligado. As sinaleiras não irritam apenas moradores e pedestres, mas também os porteiros dos edifícios, que são os mais afetados pelos apitos.

O porteiro Antônio Aristides da Cunha, apelidado de Pelé pelos moradores, exerce a função há cinco anos num prédio de Copacabana e não sabia da existência da lei. “Além das buzinas de carro e dos cachorros aqui da rua, tem



As sinaleiras de garagem perturbam ao invés de alertar

o barulho desses apitos de garagem. Eu não sabia que tinha lei contra isso, acho que os síndicos deveriam prestar mais atenção. Pra gente que fica o dia todo aqui, é muito ruim”, diz.

Ricardo Muzafir, professor do laboratório de acústica e vibrações do programa de engenharia mecânica da COPPE, que já elaborou propostas de mapeamento acústico de bairros em parceria com a Comissão de Meio Ambiente da ALERJ, é o primeiro a levantar a bandeira pelo fim das sinaleiras.

“De todos os tipos de poluição, a sonora é a que tem mais influência da ação individual, já que uma única pessoa pode impedir um quarteirão inteiro de dormir. A grande maioria de campainhas de garagem que existem no Rio toca cada vez que a porta é aberta. Faz sentido o toque da campainha quando o carro sai, pois serve de alerta a cegos e para os pedestres mais distraídos, mas em qualquer outra situação é um absurdo”, afirma.

Proliferação de celulares aumenta poluição sonora

Uma das causas da poluição sonora no Rio de Janeiro – e na maioria das grandes cidades do mundo – se disfarça sob a forma de uma tecnologia que se tornou essencial: o telefone celular. Difícil é sair um dia na rua e não passar por alguém falando no celular – e o que é pior: na maioria das vezes, aos berros.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2001 e 2005 o número de moradias brasileiras com linha fixa convencional diminuiu de 48,9% para 48,1%, enquanto o das que tinham linha móvel celular subiu de 47,8% para 59,3%. Assim, em 2005, o número de residências com linha fixa convencional foi ultrapassado pelo das que



“De todos os tipos de poluição, a sonora é a que tem mais influência da ação individual, já que uma única pessoa pode impedir um quarteirão inteiro de dormir”

Ricardo Muzafir



Automóveis são também responsáveis pelo barulho urbano

tinham linha móvel celular. Claro que esses são números referentes a todo o país, mas refletem bem a realidade do Rio, segunda maior cidade do Brasil.

O problema é que, quando andamos na rua ou estamos em qualquer outro espaço público, esse grande número de celulares contribui ainda mais para todo o barulho que ouvimos. Assim, quando se está em um restaurante, em uma loja, no ônibus ou na faculdade, é difícil não se sentir

incomodado com tantas conversas alheias.

A estudante Carla Moulin trabalha em uma loja de um grande shopping da Zona Norte da cidade e diz que, muitas vezes, o barulho de tantas conversas simultâneas chega a atrapalhar o atendimento ao cliente. “Os clientes já entram na loja falando no celular, e todos ao mesmo tempo, além do barulho que vem do resto do shopping. Assim, nós, vendedoras, também temos que falar mais alto para

sermos ouvidas. Fica o caos”, reclama a estudante.

No entanto, dificilmente uma só pessoa conseguirá ultrapassar o nível máximo de ruído permitido com seu celular, o que torna impossível respaldar-se na lei para evitar esse problema. Podemos contar apenas com a educação e o bom senso de cada um.

Ruídos que prejudicam a saúde

A exposição contínua a níveis de ruído superiores a 50 decibéis pode causar deficiência auditiva. A partir de 55 dB o barulho já provoca estresse e desconforto. Já a perda da audição ocorre na faixa de exposição entre 3000 e 6000 Hz.

O otorrinolaringologista Pedro Hugo Castro Borges de Carvalho diz que seus pacientes, de uma forma geral, freqüentam shows e outros lugares fechados onde o nível de ruído é extremamente alto e, em alguns casos, ocorre lesão auditiva, o chamado trauma sonoro. “No exame de audiometria percebo que a lesão acontece com as freqüências mais agudas. Muitas vezes com medicação nós conseguimos reverter esses quadros de lesão auditiva, mas em outros nem tanto. Outro grande risco que existe para aqueles que vivem em cidades grandes é a exposição diária ao ruído do metrô, das vias públicas, de obras e de buzinas de carro”, diz o médico.

Segundo Pedro, uma vez exposta ao trauma acústico, a pessoa fica mais sujeita a um novo trauma ou lesão mesmo já tendo se recuperado do problema. “O trauma sonoro por explosão, bomba ou apito provoca uma lesão no ouvido da mesma forma que qualquer exposição por tempo muito prolongado. Vale notar que o ruído é um dos fatores que mais perturbam o ritmo do sono”, explica.

Barulho de vizinhos causa brigas entre moradores

Um dos principais problemas de quem mora em prédios é conviver com o barulho produzido pelos vizinhos. Waldir Miranda, advogado especialista em ruídos em edificações, chama atenção para o fato da poluição sonora não ser apenas um problema de desconforto acústico, mas, acima de determinado nível, um causador de distúrbios neurológicos e cardíacos. De acordo com estatística do Código Civil do Consumidor (CDC), nos últimos 10 anos, o número de queixas e reclamações aumentou em cerca de 40% devido a problemas provocados pelo excesso de barulho na vizinhança. Para Miranda, este fenômeno se explica em grande parte pela economia das construtoras, que não se preocupam em incluir uma acústica de qualidade no projeto dos edifícios. Carlos Alberto de Azevedo Antunes, diretor da Márcio Curi e Azevedo Antunes Arquitetura, afirma que o problema não está nos projetos. “Por causa do alto custo, inicialmente os projetos de tratamento acústico eram colocados em prática apenas nos empreendimentos de alto padrão. Hoje a situação está mudando, e a preocupação com a acústica já pode ser observada em imóveis construídos para a classe média”, diz.

Para o arquiteto, esse cuidado está previsto em 100% dos projetos, mas poucos chegam ao final com o tratamento acústico instalado: “Isso acontece devido ao alto custo da implantação do projeto acústico, que requer profissionais especializados e materiais com alta qualidade”.

O fator barulho é um grande gerador de conflitos entre vizinhos. Pela Lei do Condomínio (4.591/64), em seu artigo 19, “cada condômino tem o direito de

- Você tem que seguir meu tratamento. Assim você voltará a ser uma pessoa normal, como todas as outras...



Um pouco de história

O assunto poluição sonora é bem mais antigo do que pensamos. O imperador romano César (101-44 a.C.) determinou que nenhuma espécie de veículo de rodas poderia permanecer dentro dos limites da cidade do amanhecer à hora do crepúsculo. Os que tivessem entrado durante a noite deveriam ficar parados e vazios à espera da referida hora.

(César - Senatus Consultum - O Automóvel, de Halley). Martial (40-104, d.C.), poeta irônico que glosou os costumes da sociedade de Roma (Martial - El ruido. Documenta Geygi, 1967 - Rio) reclamava dos ruídos da cidade, durante a noite, enumerando-os e dizendo “que não podia dormir, porque tinha Roma aos pés da cama”. Nas andanças pelo passado histórico



do ruído, principalmente na obra *Ecologia e poluição - Problemas do século XX*, de Homero Rangel e Aristides Coelho, o decreto mais original sobre silêncio foi o da Rainha Elizabeth I da Inglaterra, que reinou de 1588 a 1603, e que proibia aos maridos ingleses de baterem em suas mulheres depois das 22h, a fim de não perturbar a vizinhança com os gritos.

usar e fruir, com exclusividade, de sua unidade autônoma, segundo suas conveniências e interesses, condicionados, umas e outros, às normas de boa vizinhança, e poderá usar as partes e coisas comuns de maneira a não causar dano ou incômodo aos demais condôminos e moradores, nem obstáculo ou embaraço ao bom uso das mesmas partes por todos". Muitos condomínios sofrem com problemas de barulho, seja por causa das crianças, pela buzina dos automóveis no portão da garagem, pela realização de festas até altas horas, pelo uso de aparelhos sonoros em volumes acima do normal, pelo caminhar pesado ou arrastar de móveis do vizinho do andar superior e por aí vai.

A estudante de medicina Maria Inês dos Santos, moradora de um prédio no Leblon, diz que sofre com as brigas do vizinho. "Parece que já tem hora marcada. Toda sexta-feira eles gritam tão alto que o prédio inteiro escuta. O pior é que também batem as portas e jogam objetos no chão, aumentando o barulho inconveniente", conta.


Já João Monteiro, que mora na Barra, reclama do som alto do rádio do vizinho. "A gente não tem sossego. Ele liga o aparelho até de madrugada, na maior altura. Como sempre chama uns amigos, também sofremos com o barulho dos sapatos andando pela casa", diz.

Atento a estes problemas, João Gualberto de Azevedo, arquiteto responsável pela parte acústica em edificações no Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), analisa o termo "conforto acústico": "Muitos colocam o assunto no plano do bem-estar supérfluo, esquecendo-se que, por falta de cuidados acústicos, uma parcela expressiva da população pode estar trabalhando ou repousando em circunstâncias adversas. O prejuízo

"Outro grande risco que existe para aqueles que vivem em cidades grandes é a exposição diária ao ruído do metrô, das vias públicas, de obras e de buzinas de carro"

Pedro Carvalho

ao desempenho e à saúde dessas pessoas está sendo simplesmente abstraído pelos que confundem 'conforto acústico' com 'salubridade acústica'".

No mesmo trabalho, o arquiteto faz uma severa crítica à má utilização das técnicas de construção econômicas, apontando o crescimento do número de apartamentos construídos com materiais mais leves nas vedações, paredes e lajes, para aliviar fundações e diminuir custos, como causa de um isolamento sonoro abaixo dos valores recomendados. No caso dos dormitórios, a preocupação com a acústica do projeto praticamente inexistente. "Isso predispõe o surgimento de conflitos entre vizinhos, quando há atitudes antagônicas no que diz respeito a sons e ruídos intrusos e, na maioria das vezes, quando têm atividades desencontradas, como trabalhar à noite, por exemplo", argumenta. 

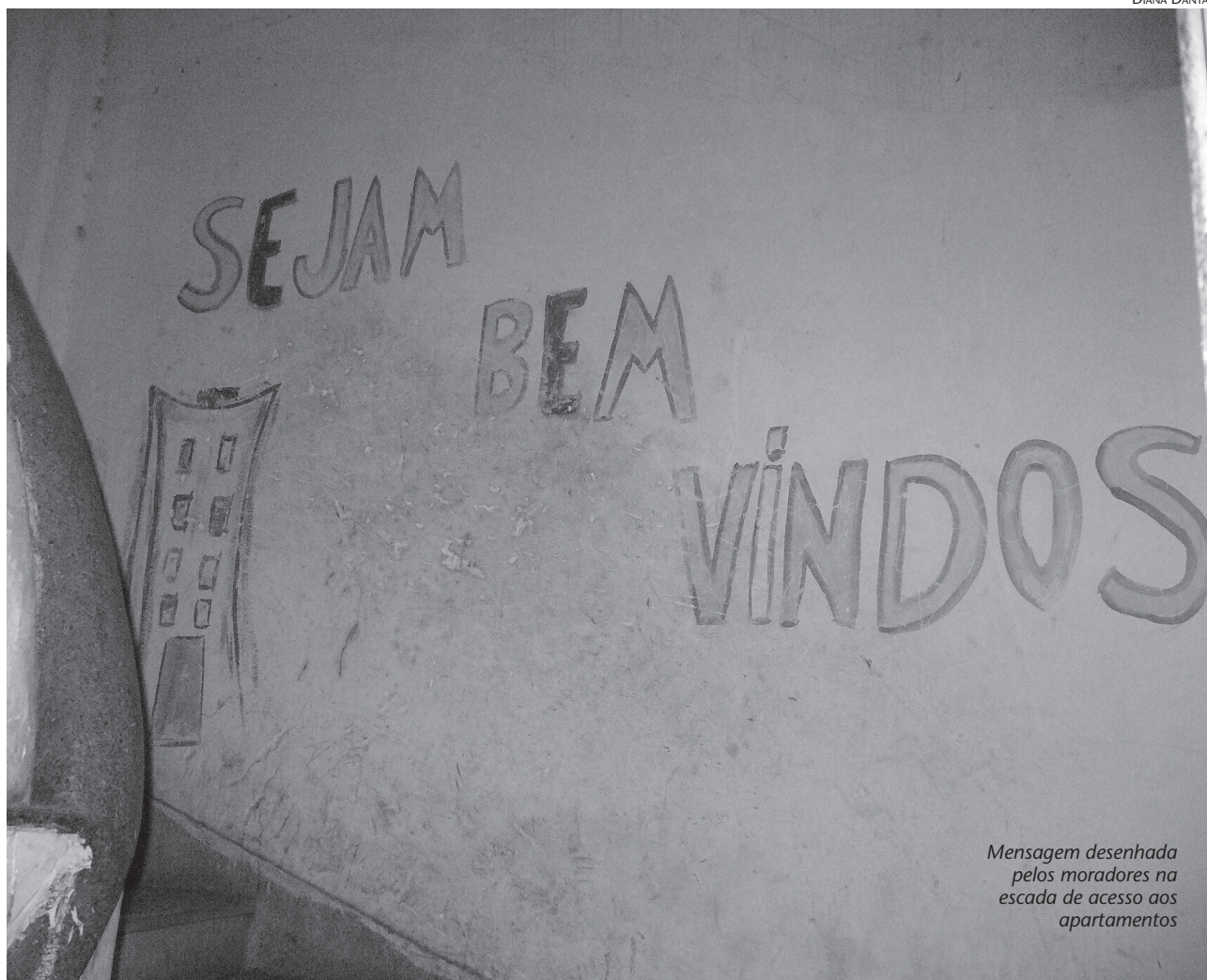
Direito à moradia

Famílias ocupam prédios abandonados para sobreviver

DIANA DANTAS, ELZA ALBUQUERQUE, PATRÍCIA STREIT E RENATA SOUZA

Apartamento 304. O chão de taco, a cortina de lua e estrelas e pôsteres de Marisa Monte e Chico Buarque compõem a decoração do lugar. A trilha sonora é do antigo aparelho de som, uma música da cantora que aparece pendurada na parede. O cheiro é de café fresquinho, que a dona da casa, preocupada em ser o mais hospitaleira possível, fez para suas visitas: justamente nossa equipe de reportagem.

DIANA DANTAS



Mensagem desenhada pelos moradores na escada de acesso aos apartamentos

Nada parece destoar do cotidiano da casa de uma jovem recém-formada em Assistência Social como Andréia Mendes. A única diferença é que o apartamento 304 fica em um antigo edifício do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, o Incra, ocupado pelos sem-teto – como a própria Andréia – desde 2004.

Esta é a realidade dos aproximadamente 30 milhões de brasileiros que vivem em moradias precárias. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 6,6 milhões de famílias não têm onde morar, enquanto um terço dos domicílios não tem acesso à rede de esgotos.

O cenário de descaso com os sem-teto aumenta todos os dias. É difícil alguém passar um dia que seja sem ver uma família sentada na calçada pedindo ajuda. Muita gente se acostuma ou simplesmente ignora. Apesar de ser um problema crônico dos grandes centros urbanos brasileiros, as autoridades ainda fecham os olhos para a questão. Para se ter uma idéia, a ouvidora da Secretaria Municipal de Habitação, Hemisa Fonseca, foi procurada para falar sobre o tema, mas alegou que este não era um assunto da alçada da secretaria, que apenas tratava da favelização. Além disso, as parcas estatísticas que abordam este ponto não ajudam muito na compreensão do caso.

“Não existem dados precisos sobre as ocupações no Rio de Janeiro e isso se estende a todo o Brasil. Nosso país não é bom em estatísticas sociais. Os últimos levantamentos mais detalhados sobre o déficit habitacional datam de 2001. Saber o número de ocupações e o número de famílias envolvidas sem uma pesquisa abrangente e atualizada não é possível, seria especulação. Um levantamento preciso sobre as ocupações é uma tarefa que temos que assumir”, afirma Marcelo Edmundo, membro da Central dos Movimentos Populares (CMP) e um dos idealizadores da Ocupação Chiquinha Gonzaga.

Existem ocupações urbanas de imóveis públicos ou privados por todo o Rio de Janeiro. Essa é a realidade de muitos trabalhadores que movimentam a cidade. Eles estão presentes no comércio informal, como ambulantes, nos prédios, como porteiros e faxineiros, nas esquinas e supermercados. No entanto, a população brasileira sabe muito pouco sobre o que realmente acontece com essas pessoas.

“Ocupar, resistir e lutar para não sair”

Foram com estas palavras de ordem que cerca de 50 famílias sem-teto ocuparam o prédio do Incra, número 110 da Rua Barão de São Félix, próximo

ELZA ALBUQUERQUE



Fachada da Ocupação Chiquinha Gonzaga

“Esses prédios acabam servindo apenas para serem vendidos um dia, para o mercado imobiliário demolir ou construir outra coisa”

Guilherme Marques

à Central do Brasil, no Rio de Janeiro. A ocupação ocorreu na noite do dia 23 de julho de 2004.

Sigilo, companheirismo, organização, pensamento coletivo. Esses são alguns dos conceitos essenciais para este grupo de sem-teto. A Ocupação Chiquinha Gonzaga foi resultado de muitas reuniões, suor e disposição. Não há um líder. O que existe é a luta de todos pelo bem comum.

Esse princípio foi a base para que este grupo conseguisse alcançar seu objetivo na noite da ocupação. O sigilo é necessário para que não haja conflitos com as autoridades. Eles só ficam sabendo do dia exato da ocupação em cima da hora.

Para muitos, estar na ocupação é uma realização pessoal sem precedentes. Quitéria Edilta Soares, cearense, moradora da Chiquinha Gonzaga com o marido Raimundo Nonato Soares e os dois filhos, sonhava em morar no Rio de Janeiro. Antes de irem para a ocupação, eles moraram no morro Tavares de Macedo e viviam de aluguel. “Hoje sou muito feliz. Trabalho no Instituto Benjamim Constant e meu marido é trabalhador autônomo. Tentamos participar sempre das reuniões e dos mutirões. Sempre nos preocupamos com o coletivo. Acho que todo mundo deveria agradecer o que tem aqui” – diz Quitéria.

O artigo 5º, inciso XXIII, da Constituição da República Federativa do Brasil estabelece que “a propriedade atenderá a sua função social”. O artigo 6º é ainda mais abrangente: “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados na forma desta Constituição”. Foi com base na lei e nos direitos de cada brasileiro que os ocupantes do edifício do Incra argumentaram com a polícia naquela noite de julho. Além das garantias previstas pela Constituição, no final de 2006 o presidente Luís Inácio Lula da Silva renovou uma Medida Provisória que prevê o acesso dos moradores de rua aos prédios da União. “Estamos fazendo uma coisa que o próprio Lula definiu quando entrou no governo. Ele falou que transformaria os prédios ociosos em moradia popular. Só estamos adiantando o processo”, explica Andréia Mendes.

O dia a dia de uma ocupação

O perfil de quem mora na Chiquinha Gonzaga não é formado por moradores de rua. Os organizadores da ocupação até tentaram chamar alguns, mas não tiveram sucesso. Eles resistem, não confiam em mais uma promessa de moradia. A maior parte do gru-



po é de pessoas sem condições de pagar aluguel, que moravam de favor ou em abrigos. São trabalhadores formais, informais, desempregados, estudantes e até profissionais graduados. Todos possuem alguma fonte de renda.

A união entre os ocupantes aconteceu desde o início, quando o prédio não tinha pias, vasos sanitários, água ou luz. Mas tinha sujeira, encanamento entupido, entulhos e muito trabalho a ser feito. Foi preciso tornar habitável o edifício ocupado. Vassouras, baldes, produtos de limpeza e colchonetes fizeram parte do material pedido para que os novos morado-

“Acho que todo mundo deveria agradecer o que tem aqui”

Quitéria Edilta Soares

Central do Brasil
área da Ocupação
Chiquinha Gonzaga

res arrumassem o futuro lar. “Por sorte, a estrutura do prédio permitia que fosse feito um banheiro em cada apartamento, porque ele tinha sido projetado para ser um hotel. Mas o dono o perdeu para o governo”, conta Andréia.

Antes da ocupação foi estabelecido um regimento interno para organizar o grupo, um conjunto de leis de convivência. Entre elas, a colaboração de cada morador com o coletivo nas obras e melhorias do prédio. Hoje, as reuniões dos moradores são realizadas quinzenalmente. Nos primeiros meses, no

entanto, elas aconteciam até 14 vezes por semana. A grande frequência era necessária para planejar o futuro da ocupação.

“No início a gente teve problemas com bebidas e drogas. Para a sociedade, quem faz a ocupação já está errado perante a lei da propriedade. Então nós tomamos a decisão de proibir essas coisas por aqui. Tínhamos que ficar atentos a todas as coisas que pudessem prejudicar a gente”, justifica Andréia.

Em determinada situação, os moradores da Chiquinha Gonzaga se viram obrigados a pedir para que um de seus companheiros saísse da ocupação por violar as regras de convivência. Além de ter agredido um colega, ele não permitia que os filhos frequentassem a escola, obrigando as crianças a pedir dinheiro na rua. O coletivo acionou o Conselho Tutelar, mas como o morador não estava em casa nada podia ser feito.

Apesar dos problemas, os ocupantes do prédio recebem muita ajuda de movimentos populares, de voluntários e estudantes universitários. Alguns alunos da UFRJ, agora já formados em Arquitetura, fizeram um projeto de reforma total do prédio sem cobrar nada. O que falta agora são recursos para a compra do material.

“Pretendemos ainda ter alguns cursos de formação, como informática, pré-vestibular e curso de alfabetização de adultos – que já começamos, paramos e queremos voltar. O problema é o espaço para as salas de aula. Pretendemos também fazer uma creche. São projetos que queremos realizar, mas dependemos de tempo, de organização, de boa vontade e de verba”, diz Andréia.

O retrato da moradia no Brasil

No Brasil, há cerca de 500 mil unidades habitacionais em potencial em prédios abandonados, além dos galpões industriais, de acordo com o Observatório Permanente de Conflitos Urbanos. O déficit habitacional no país é atualmente calculado entre 7 e 8 milhões de unidades habitacionais. Considera-se déficit habitacional a soma das famílias que não têm onde morar com as que não podem pagar por uma habitação, além das que vivem em locais sem condições mínimas de moradia e aquelas que dividem espaços pequenos demais para muita gente. Outro dado do Observatório é que 85% dessas famílias possuem renda domiciliar abaixo de três salários mínimos.

Um dos motivos da desigualdade é o que move o processo das ocupações. Prédios públicos abandonados dificilmente serão usados pelos governos. É comum que estejam destruídos, com grandes dívidas

de IPTU, energia, gás e outras. “Esses prédios acabam servindo apenas para serem vendidos ou demolidos um dia. Existem também ocupações em prédios particulares abandonados. São empreiteiras que não terminaram suas construções, prédios que acumulavam dívidas e que foram largados, de empresas que faliram. Esses prédios acabam servindo à especulação imobiliária. Muitos deles têm dívidas tão grandes que se a Prefeitura fosse desapropriar acabaria arcando com custos maiores do que o valor dos prédios. Seria preciso que esses prédios fossem desapropriados e os antigos donos ficassem com as dívidas”, afirma Guilherme Marques, membro do Observatório Permanente de Conflitos Urbanos.

Legalização: soluções

Regularizar a situação da ocupação é um dos principais objetivos dos moradores da Chiquinha Gonzaga, e muitos deles já entraram em contato com as empresas que fornecem energia elétrica e água, mas esbarram em uma questão: o abastecimento está em nome do Incra. “A gente está querendo pagar direitinho as nossas contas, mas a Justiça ainda não determinou se a gente pode ligar a luz com o nosso nome. A água não precisou desse processo todo. A gente teve que criar uma associação para ter o CNPJ. Agora vem uma conta única de água e a gente rateia entre os moradores”, esclarece Andréia.

Do ponto de vista jurídico, a situação da ocupação ainda não está resolvida. O Incra entrou com uma ação de reintegração de posse e o juiz atendeu ao pedido. No entanto, segundo Maria Lúcia Pontes, defensora pública que acompanhou a formulação da defesa da Ocupação, o processo está parado por inércia do Incra, mas não há uma desistência formal. “Nossa batalha agora é para a extinção do processo e a obtenção da cessão de uso, para que possamos incluir a Chiquinha Gonzaga em algum programa público de reforma”, diz Marcelo Edmundo, da CMP.

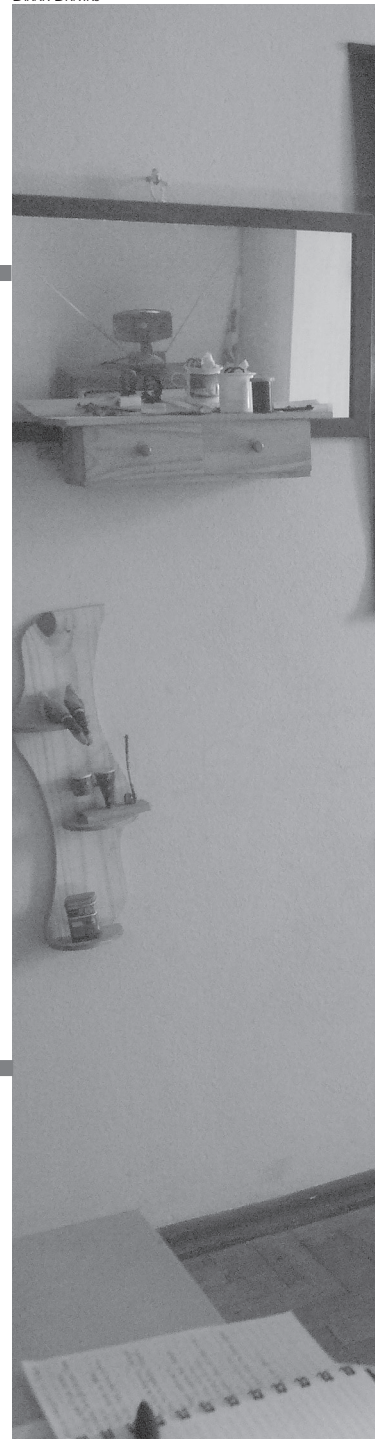
De acordo com o pesquisador Guilherme Marques, a melhor saída para as ocupações é conseguir aprovar no Plano Diretor da Cidade que áreas ocupadas, tais como favelas e prédios, sejam consideradas áreas de Especial Interesse Social. “Área de Especial Interesse Social é um instrumento de política urbana, pouco usado, que possibilita a desapropriação. Desse modo, promove a legalização das moradias nessas áreas. Uma segunda questão importante seria garantir o direito da posse dessas unidades habitacionais por 100 anos. O direito de posse, e não de propriedade, garante que essas moradias não sejam objeto de comércio, de especulação imobiliária nem

“O tema das ocupações coletivas não pode ser tratado pela imprensa nacional e pelo poder judiciário como mais uma briga entre particulares”

Maria Lúcia Pontes

Andréia
Mendes em seu
apartamento

DIANA DANTAS



do interesse de aproveitadores”, explica.

Maria Lúcia lembra que o direito à moradia é protegido por acordos internacionais, como o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos e o Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, ambos ratificados pelo Brasil, em 1992: “Isso



Uma breve história da Andréia

Antes de morar na ocupação Chiquinha Gonzaga, Andréia Mendes enfrentou muitos obstáculos para levar sua vida. Moradora de Guaratiba, ela encarava uma longa maratona para conseguir estudar. A 60 km do Centro do Rio, o bairro é tranquilo, mas pouco desenvolvido e distante das principais universidades públicas da cidade, onde Andréia queria estudar.

Quando começou o curso na UERJ, ela perdia cerca de quatro horas por dia dentro de um ônibus. A possibilidade de morar mais perto do Centro surgiu quando ela foi convidada pela irmã para ocupar um prédio abandonado pelo Incra. Esta não seria sua primeira incursão em um movimento social. Andréia sempre teve contato com essa realidade, uma vez que seu pai sempre fez parte desse tipo de movimento. Sua família participava da Associação de Moradores de Guaratiba, que promoveu várias melhorias na comunidade. Morar mais perto da faculdade e, mais tarde, de seu local de trabalho, permitiu que Andréia concluísse a graduação com mais tranquilidade. Hoje ela é assistente social e continua engajada na luta por um mundo mais justo. Desse modo, participa do Fórum de Meio Ambiente e Qualidade de Vida do Trabalhador, indiretamente do sindicato dos servidores da UERJ e do movimento dos sem-teto, que inclui a Ocupação Chiquinha Gonzaga. Ela é uma das partes que constitui o coletivo deste Brasil marginalizado.

significa que o tema das ocupações coletivas não pode ser tratado pela imprensa nacional e pelo poder judiciário como mais uma briga entre particulares, individualizados, ou um simples litígio envolvendo propriedade e posse. O Estado brasileiro assumiu o compromisso de reduzir as desigualdades entre ricos

e pobres em sua Carta Maior, art.3º. incisos I e II da CR/88, e perante a comunidade internacional, por isso deve tomar atitudes concretas para resolver o problema da moradia". Ela acredita que desse modo as pessoas não recorreriam à ocupação como única saída para ter onde morar.



Do outro lado da ponte

Os 13 quilômetros que separam Niterói do Rio de Janeiro permitiram que a indústria de moda carioca descobrisse um novo mercado de consumo. Nos últimos anos, muitas grifes famosas atravessaram a ponte, escolhendo a Rua Moreira César para abrigar suas coleções

ANA PAULA KALSING, DÉBORA PALMEIRA, PAULINE MENDEL E VÍCTOR MACHADO



Todo niteroiense já escutou ao menos uma vez as piadas cariocas que colocam Niterói como o quintal do Rio de Janeiro. Ou a máxima de que o melhor da cidade é a vista privilegiada para a capital do estado. No entanto, já vai longe o tempo em que para determinadas compras o consumidor local tinha que atravessar a Baía da Guanabara. De cinco anos para cá, as

grandes lojas de moda migraram para a Rua Coronel Moreira César, que pode ser considerada a Visconde de Pirajá niteroiense. Conhecida como Vera Cruz no século XIX e localizada no bairro residencial de Icaraí, hoje a rua não só oferece o que há de mais moderno no mundo *fashion* para os quase 480 mil niteroienses, como também aglutina atividades variadas de comércio, prestação de

serviços, além de um verdadeiro *shopping* a céu aberto com ambulantes e camelôs.

O clima da região favorece ao comércio. Paralela à Praia de Icaraí, sendo o trajeto natural para os moradores que descem da Região Oceânica em direção ao Centro da cidade, a rua é alvo constante dos interesses de empresários. Atentos ao comportamento dos moradores locais, que preferem ir à Moreira César a ter que se deslocar até o Plaza Shopping – único grande *shopping* de Niterói –, as lojas brigam por pontos estratégicos. Ao longo de 1,5 km de extensão, encontram-se quatro galerias, três supermercados, a famosa Confeitaria Beira-Mar, três lanchonetes, além de agências bancárias, farmácias, restaurantes, academias e cursos de idiomas, entre outros serviços.

Segundo José Luiz Valente Pascoal, presidente do Sindicato dos Lojistas do Comércio de Niterói (Sindilojas), cada vez mais os consumidores têm optado por fazer suas compras no comércio local, o que vem fazendo com que os índices de vendas venham batendo seguidos recordes nos últimos anos. Em datas comemorativas, como o Dia das Mães, as vendas na cidade crescem entre 3% a 5% aproxima-

damente, de acordo com dados do Sindilojas. “Finalmente estamos vendo os frutos das campanhas que estimulam os moradores a prestigiar o comércio da nossa cidade. Afinal, o comércio de Niterói está cada vez mais diversificado, com produtos de qualidade e a preços extremamente competitivos”, diz Pascoal. No âmbito estadual, os indicadores também são promissores. O comércio do estado encerrou o 1º trimestre de 2007 com aumento de 0,7% no faturamento, na comparação com o mesmo período de 2006, quando tinha subido 1,7% sobre o 1º trimestre de 2005. Com receitas de 0,5% e -0,1% em janeiro e fevereiro, respectivamente, o comércio se recuperou em março, contabilizando um faturamento 1,8% maior que o do mesmo mês do ano passado, o que impediu um resultado de trimestre abaixo do registrado.

IFashion: o que há de melhor em lojas, conforto e estilo

Pequeno mas sofisticado, o IFashion é considerado o centro de compras chique da cidade. O *shopping* – erguido no lugar da última casa da rua – foi construído com investimento de 3 milhões de reais e tem uma fachada de vidro com 22 metros de altura. “Quisemos fazer um projeto arrojado para atrair as classes A e B. Esse público estava carente de um comércio elegante”, afirma Ubiratan Braga, sócio da NG Empreendimentos Imobiliários. O prédio tem capacidade para até 20 lojas – divididas em três andares –, onde o metro quadrado é vendido por 8 mil reais em média. “O trecho entre as ruas Otávio Carneiro e Lopes Trovão, onde está localizado o IFashion, é uma espécie de Rua Garcia D’Ávila de Niterói. Chique e com lojas selecionadas”, diz Per-



IFashion, sinônimo de elegância para os niteroienses

“O comércio de Niterói está cada vez mais diversificado, com produtos de qualidade e a preços extremamente competitivos” José Luiz Valente Pascoal

“O trecho entre as ruas Otávio Carneiro e Lopes Trovão, onde está localizado o IFashion, é uma espécie de Rua Garcia D’Avila de Niterói”

Perlio Junqueira

lio Junqueira, diretor de comercialização do *shopping*. E o conceito do estabelecimento é ser mesmo uma extensão do comércio da cidade vizinha.

As grifes cariocas Mara Mac, Forum, H.Stern, Tessuti, Farm, Cavendish, Lenny e Rygy abriram no IFashion suas primeiras lojas em Niterói. “Temos uma clientela fiel aqui e, por isso, decidimos abrir uma filial na cidade, que é uma das principais lojas da grife em vendas”, diz Cecília Graça Arahna, gerente operacional da Mara

Mac. A Ellus, que estava há seis anos fora do mercado niteroiense, está de portas abertas na cidade desde dezembro do ano passado e pretende se tornar um novo *point*, refletindo todo o renascimento da Rua Moreira César. De acordo com Beto Vasconcelos, supervisor da marca no Rio, esse crescimento foi fundamental para a volta da loja, também localizada no IFashion.

Concept-store da Espaço Fashion está em Niterói

As irmãs Camila e Bianca Bastos, donas da marca feminina Espaço Fashion, levaram a ginga da patricinha carioca para Niterói, no início de setembro de 2005. Instalada na esquina das ruas Coronel Moreira César com a Álvares de Azevedo, a primeira Espaço Fashion da cidade ocupa um casarão de dois andares onde as clientes se sentem, literalmente, em casa, graças ao projeto da arquiteta Lilian Nóbrega. O segundo andar, por exemplo, é exclusivamente feminino, já que é lá onde estão os provadores. Além do troca-troca de roupas, as meninas podem ficar conversando en-

FRED PONTES



Gastronomia: do mais tradicional ao mais ‘descolado’

Assim como o comércio, a gastronomia da Moreira César também faz parte do intercâmbio Niterói-Rio de Janeiro. A rua, que já abrigava a Confeitaria Beira-Mar, com seus 65 anos de existência, e as lanchonetes niteroienses – Compão e Matinata –, agora também possui uma filial da Bibi Sucos, inaugurada há apenas um ano e líder no segmento.

Mesmo com toda a variedade que foi criada após sua inauguração, em 2 de agosto de 1942, a Beira-Mar é uma inspiração na tradicional doçaria eu-ropéia, que recebe também influências e adaptações da culinária brasileira. Hoje o estabelecimento é considerado o mais moderno do Estado do Rio de Janeiro, com mais de 200 funcionários em uma área de aproximadamente 3.000 m², ou seja, uma indústria de panificação e confeitaria

completa. Além da fama de melhor doçaria de Niterói, consagrada quatro vezes com o prêmio Água na Boca do jornal O Globo, a casa possui um restaurante em anexo, com refeições que vão desde o café da manhã até o jantar, passando pelo “Chá das 4”.

Com mais de 30 anos de tradição, a Bibi Sucos chegou a Niterói para ocupar um nicho de mercado inexistente. Segundo André Siqueira Campos, gerente da loja em Icaraí, ao contrário do que muitos pensam, a empresa não é voltada somente para os sucos e salgados como as concorrentes locais. “Aqui, o cliente encontra um espaço descontraído para lanches bem elaborados, refeições, crepes, as conhecidas vitaminas e o famoso açaí. Nossa loja pode ser comparada com o Balada Mix, por exemplo”, completa Siqueira.



As irmãs Camila e Bianca Bastos abrem loja do Espaço Fashion em Niterói

Niterói em números

Não são poucos os índices que apontam Niterói como uma das melhores cidades do Brasil para viver, trabalhar e investir. Crescendo em silêncio e apostando na capacidade produtiva de seus moradores, Niterói conquistou, de forma sólida, um espaço de destaque no cenário fluminense e nacional que os números não deixam mentir.

Município mais escolarizado do país, segundo dados do INEP (Ministério da Educação), Niterói tem o maior índice de frequência escolar entre a população de 7 a 14 anos (97,52%). A média de anos de estudo chega a 9,5 com uma taxa de alfabetização de 96,4% na população acima de 15 anos. Os investimentos de base dão à cidade a melhor qualificação de mão-de-obra de todo o Estado do Rio de Janeiro, superando inclusive a capital.

Terceiro Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país, segundo o PNUD, Niterói oferece à sua população exemplos de prevenção na área de saúde e saneamento básico. Pioneiro na implantação do Programa Médico de Família, o município é um dos poucos no Brasil a ter 100% de sua área atendida com fornecimento de água tratada e 75% dos dejetos coletados e tratados em uma ampla rede de esgoto que inclui cinco Estações de Tratamento. Fonte: Neltur (Niterói Empresa de Lazer e Turismo)

quanto saboreiam um expresso ou capuccino no *coffee-bar* da loja.

A empresária Bianca Bastos conta que escolheu Niterói para abrigar a sua primeira loja-conceito devido ao número de clientes fluminenses que atravessam a baía para comprar em suas mais de seis lojas espalhadas em pontos nobres do Rio, do Fórum de Ipanema ao Shopping Downtown, na Barra. Já Camila Bastos, que cuida do estilo da Espaço Fashion, diz que antes da inauguração da loja, ainda em obra, recebeu telefonemas de meninas de Niterói com a seguinte dúvida: "Vocês vão mesmo colocar vidro até o alto do casarão? Achei lindo!"



Niterói tem o terceiro índice de desenvolvimento humano (IDH) do país, segundo o PNUD

A 'grande' Barra da Tijuca

Um bairro com crescimento galopante e sinais de saturação

CLARA GONDIN, LUIZ CEZAR MARINHO, MARIANA CORRÊA E VIVIAN BOTTINO

Com cerca de 13km de extensão, a Barra da Tijuca foi projetada para ser um bairro inteligente e inovador. A proposta era organizar os condomínios e o comércio para que a região não se tornasse uma “selva de pedra”, como aconteceu com o Leblon, por exemplo, com uma via expressa cortada por transversais que solucionassem o problema do trânsito. Porém, com o crescimento desordenado, a idéia inicial acabou sendo desrespeitada e os problemas causados pela falta de planejamento não são poucos.

Nas décadas de 1950 e 60, o bairro era uma baixada isolada, cortada por montanhas, rios, lagoas e uma faixa extensa de areia na orla. O acesso era complicado e com poucos caminhos, até que em 1972 foi inaugurada a auto-estrada Lagoa-Barra ligando diretamente as Zonas Oeste e Sul da cidade.

Foi o arquiteto e urbanista Lúcio Costa quem criou o plano-piloto para urbanizar a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá, em 1969. Com isso, além de cultivar a vegetação de picos e lagoas, a intenção era expandir a região conservando o clima árido e seco. Sua primeira idéia procurava respeitar os espaços e manter um padrão.

O plano pretendia evitar a superlotação imobiliária, o trânsito e a violência no local. Contrariando todas as expectativas, o bairro tem hoje inúmeros condomínios de grande porte, centros empresariais importantes, hipermercados e o maior *shopping center* da América Latina.

A área se desenvolveu bastante durante os anos 1980, e um marco desse crescimento foi a inauguração do Barrashopping, em 1981. Seu sucesso se deve principalmente à grande variedade de serviços oferecidos, como um centro médico com 30 clínicas, centros empresariais e até mesmo um *campus* universitário, além de restaurantes, cinemas e 581 lojas distribuídas em 75.835 m².

Um dos primeiros condomínios da Barra foi o Barramares, que teve seu projeto iniciado em 1977. A idéia da construtora João Fortes era apresentar ao carioca um novo conceito residencial, similar a um clube social/esportivo. O objetivo era oferecer serviços e maior segurança aos moradores. O modelo foi copiado à exaustão no bairro.



O rápido desenvolvimento trouxe problemas à região, como trânsito pesado nas grandes vias, falta de uma rede de tratamento de esgoto e aumento significativo da

violência. Alguns edifícios adotaram medidas para suprir tais deficiências, o que refletiu no índice de desenvolvimento humano (IDH) do bairro (0,802 em uma escala até 1), sexto lugar na cidade.

Outra dificuldade da Barra é o acréscimo populacional, que chegou a 45.721 novos moradores na segunda metade da década de 1990, representando um aumento de 26%. Também chama a atenção o alto número de adultos alfabetizados no bairro: 99,38%, o que torna a Barra da Tijuca o segundo bairro com o menor número de analfabetos no Rio de Janeiro. A renda *per capita* da região soma mais de R\$ 2.400,00.



Sorria, você está na Barra

Transporte comunitário: uma saída para o trânsito do bairro

Com o aumento do fluxo migratório populacional e comercial, um problema apareceu: o trânsito. A fim de contornar esta situação, alguns condomínios tiveram a idéia de criar o transporte comunitário. Segundo pesquisa recente publicada no Jornal da ABM, um ônibus fretado, com 48 lugares, é o equivalente a menos 15 carros circulando pelas ruas.

Entre os esquemas de ônibus fretados por condomínios da Barra, o maior é o da Associação do Bosque Marapendi, com 25 veículos na frota e 12 mil usuários ativos. De acordo com o vice-presidente de transportes da comunidade, Themer Mussa, cada síndico

administra a cota de transportes. “Fazem parte da associação 26 condomínios, mas isto não está sendo cumprido com rigidez. Por isso o descontrole e a superlotação”, explica.

Hoje, são seis trajetos distintos, a maioria com destino ao Centro, passando por diferentes bairros como Copacabana, Jardim Botânico ou Tijuca. Cada condômino paga uma taxa pelo serviço, que varia de acordo com o número de quartos no apartamento.

Para a arquiteta Lílían Maria, da Gerência de Planos Locais (GAP), a maior deficiência da Barra são mesmo os engarrafamentos. “Os transportes comunitários auxiliam a minimizar essa desordem, mas uma saída excelente seria o metrô”, afirma a gerente.



Poluição em foco

A Barra da Tijuca é um bairro com recursos hídricos em abundância, cortado por inúmeros rios e lagoas, além de ser margeado por uma praia de 18 km. A negligência de muitos condomínios, que jogam dejetos nos canais, prejudica a fauna e a flora local. Com a construção do emissário submarino, que possui uma central de filtração do esgoto, esta degradação ecológica poderia ser minimizada.

O Departamento de Rios e Lagoas fiscaliza os prédios que desrespeitam a lei e lançam esgoto diretamente nas águas da região. Alguns conjuntos residenciais têm rede própria de esgoto, como é o caso do Mandala e do Mediterrâneo. A iniciativa é muito elogiada e apontada como uma solução para o problema pelo técnico em Engenharia Rafael Barros. O dever de fornecer saneamento básico é do Estado, mas enfim...



O acréscimo populacional chegou a 45.721 novos moradores na segunda metade da década de 1990, representando um aumento de 26%

Segundo pesquisa recente publicada no Jornal da ABM, um ônibus fretado, com 48 lugares, é o equivalente a menos 15 carros circulando pelas ruas

De onde vieram os barrenses?

"Fui o terceiro morador do Barramares", afirma o militar da reserva Sérgio Guarany, 82 anos. Quando ele e sua família se mudaram para a Barra, não havia quase nada e era necessário pegar o carro para ir a qualquer lugar. "Era do shopping para casa, de casa para o mercado. Tudo muito longe", lembra.

A contadora gaúcha Ivaneth Tavares, 48 anos, mora no bairro desde 1995 e se diz satisfeita pela escolha. "A Barra é o bairro do momento e o melhor lugar para se viver, pois oferece uma melhor qualidade de vida. Dá para resolver tudo aqui.", diz. Antes, ela e sua família residiam na Ilha do Governador, onde sofriam com o grave problema da violência.

Já Flávio Fonseca, 50 anos, engenheiro, mora na Barra desde 1982. Ele conta que a Av. das Américas só era iluminada até a altura do condomínio Novo Leblon e não havia nenhuma sinalização para carros e pedestres. O motivo pelo qual Flávio escolheu a região foi a indicação de um amigo que havia comprado um apartamento e estava muito satisfeito. O sistema de transportes públicos, porém, era muito precário, apenas uma linha de ônibus ia até ao Centro da cidade.

Martha Silva, 46 anos, jornalista, ex-moradora do aprazível bairro da Urca e hoje barrense, relembra da infância nas areias do bairro. "A Barra cresceu muito. Quando eu era criança não tinha nada nem ninguém na praia. Éramos somente eu, meus irmãos e meus pais. Esperávamos a manhã inteira para passar um único vendedor de picolé. Agora, não dá nem para sentar na areia no fim-de-semana.

A roça da Zona Sul

Moradores do Horto preservam estilo de vida interiorano em uma das áreas imobiliárias mais valorizadas da cidade

FLÁVIO TABAK, RODRIGO COSTA E PAULA HAEFELI



As casas ainda preservam a arquitetura antiga, mas estão longe de se parecer com locais abandonados

Paulo de Campos Porto foi diretor do Jardim Botânico no fim da década de 1930 e por toda década de 1950 até o início dos anos 1960. Quem trabalhou naquela época garante que ele era rigoroso com os funcionários. Cobrava horários e exigia o parque sempre impecável. Nos polêmicos sete meses do mandato de Jânio Quadros, no último ano da administração de Campos Porto, o horário de saída do serviço não podia ser antes das 18h, obrigando os trabalhadores que moravam no Horto, na Zona Sul do Rio de Janeiro, a voltar pela escuridão entre as árvores centenárias do Jardim Botânico.

Nelson Tinoco morreu dentro do Jardim Botânico atingido por um tiro. Dizem os moradores mais antigos que ele fazia a guarda da casa de um ministro, que na época morava no próprio Jardim Botânico. Ninguém sabe se o disparo foi acidental ou intencional.

O agrônomo Liberato Barroso casou-se com Graziela Maciel Barroso e foi diretor do departamento de Horticultura do Jardim Botânico. “Dona Graziela” é considerada a primeira-dama da Botânica brasileira e foi chefe de outra “dona” da região. Abigail Baptista, 85 anos, é aposentada do Jardim Botânico. Trabalhou manipulando sementes por década

das e foi uma das pessoas obrigadas a voltar para casa de noite em 1961, quando Jânio Quadros iniciou suas peripécias governamentais. Ela confessa que teve medo e precisou da ajuda de um colega de trabalho para atravessar todo o Jardim Botânico até a sua casa.

Abigail mora no Horto com a família desde 1927 e sabe quem são todos os personagens apresentados na reportagem. Para os mais desavisados, eles seriam apenas os nomes das ruas do Caxinguelê, área residencial do Horto que leva o nome de um tipo de esquilo comum na região. Mais do que isso, essas figuras fazem parte da memória de ex-funcionários do Jardim Botânico e da antiga Fábrica de Tecidos Carioca, desativada em 1953. Nem o poderoso sistema de mapas do Google é capaz de destrinchar o labirinto de ruelas na altura da Pacheco Leão, número 1235.

“Quando volto de táxi para casa, gosto de dizer para o *chauffeur* que ele vai entrar numa roça dentro da Zona Sul. Aqui não tem asfalto porque nós não deixamos, preferimos o clima de interior. Não preciso ter assinatura de jornal, por exemplo. É só pagar mensalmente para o jornaleiro que ele joga um exemplar todos os dias aqui em casa. Podemos dormir de janelas abertas porque a violência praticamente não existe”, conta Abigail.

Um Rio de Janeiro quase extinto

Porteiros, cancelas, cones de sinalização, alarmes e câmeras de segurança ficam por conta da “favela rica”, como os filhos da aposentada gostam de chamar as mansões luxuosas que subiram o morro na área onde ficava a fábrica de tecidos. Quem pas-

seia pela Rua Pacheco Leão, no entorno da sede da TV Globo, para almoçar nos restaurantes da área ou para beber cerveja com os amigos, não imagina que, ao virar à esquerda na altura do número 1235, vai encontrar um cenário interiorano com direito à visita de tucanos, macacos-prego, papagaios e rolinhas.

Um dos três filhos de Abigail, Samuel Souza, é editor de imagens da TV Globo, mas também sabe construir corrimãos e abrir trilhas. Para facilitar a travessia, decidiu abrir um caminho da Rua Pacheco Leão para a casa da

família, alguns metros acima da via. Dona Abigail já garante que, em breve, a viela vai ser conhecida como o “Caminho do Samuca”, para fazer companhia aos nomes ilustres das ruas vizinhas. Samuel gosta de dizer que é “minhoca da terra” e não abandona as ruas tranquilas nem na hora de trabalhar. Durante um incêndio nos arquivos da TV Globo, na década de 1970, Samuca, como é conhecido, saiu de casa para ver o que estava acontecendo e acabou conseguindo um emprego: “Ajudei a combater o incêndio e depois a arrumar os destroços.



O casal Abigail Baptista e Aydo Martins: cercados do verde e da tranquilidade, não cogitam sair da região

***“Podemos dormir
de janelas abertas
porque a violência
praticamente
não existe”,***

Abigail Baptista

*Para evitar
confusão, as
lixeiras são
marcadas com
os números
das casas a
que pertencem
e levam até
o nome do
morador*



RODRIGO COSTA



*As calçadas largas e repletas de
árvores e plantas se transformam
na varanda das casas*

***Quem passeia pela
Rua Pacheco Leão
não imagina que
pode encontrar um
cenário com direito
à visita de tucanos,
macacos-prego,
papagaios e rolinhas***

Acabei ficando por lá mesmo. Depois aprendi a editar imagens e trabalho, desde então, no Centro de Documentação da emissora”, lembra Samuel.

Essas ruas do Horto são mais do que um simples endereço ou territórios de valor imobiliário. Quem vive ali luta com unhas e dentes pela região, ainda praticamente intocada pelo crescimento desordenado da cidade. Mas quase nenhum morador da região do Caxinguelê, inclusive Dona Abigail, possuem as escrituras do terreno. Desde os anos 1980, a vizinhança batalha pela permanência na

área, propriedade da União, que está tentando promover a reintegração de posse de terrenos do Jardim Botânico. O objetivo da administração do parque é ampliar a área de pesquisa, considerada parte da Reserva da Biosfera mundial pela Unesco, e que já perdeu 15,8% de sua área devido a ocupações e invasões. Essa tentativa gerou diversas operações para a remoção das casas. Em uma delas, Samuel brigou com policiais da tropa de choque que vieram cumprir as ordens de despejo. “Eles vieram com coletes e armas para nos tirar daqui, era algo inacreditável. Machuquei o meu braço quando tentei conter a ação dos policiais. Os moradores se juntaram para impedir a remoção e acabamos conseguindo”, conta Samuel.

Além de conseguirem permanecer em suas casas, os moradores ficaram nas ruas também. Os vizinhos jogam cartas em frente às casas, características de vilas operárias, e ficam de portas abertas para a rua. Muitas vezes, os moradores usam cadeiras de praia nas calçadas para conversar ou simplesmente para comer tangerinas. A Abreu Fialho é uma das ruas com casas padronizadas. Algumas casas foram reformadas e viraram restaurantes, criando um novo pólo gastronômico no local. A dona de casa Márcia Guarnido, filha de Abigail, que atualmente vive na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio, afirma que gostaria de voltar para o Horto se pudesse comprar uma casa nova: “Aqui todo mundo se conhece. Você vai pra lá e pra cá e cumprimenta todo mundo, se acontecer algum roubo a gente logo sabe quem é.

Tem gente na Barra que entra no elevador do prédio e nem dá bom dia. Aqui são todos iguais, brigas entre vizinhos são raríssimas exceções”.

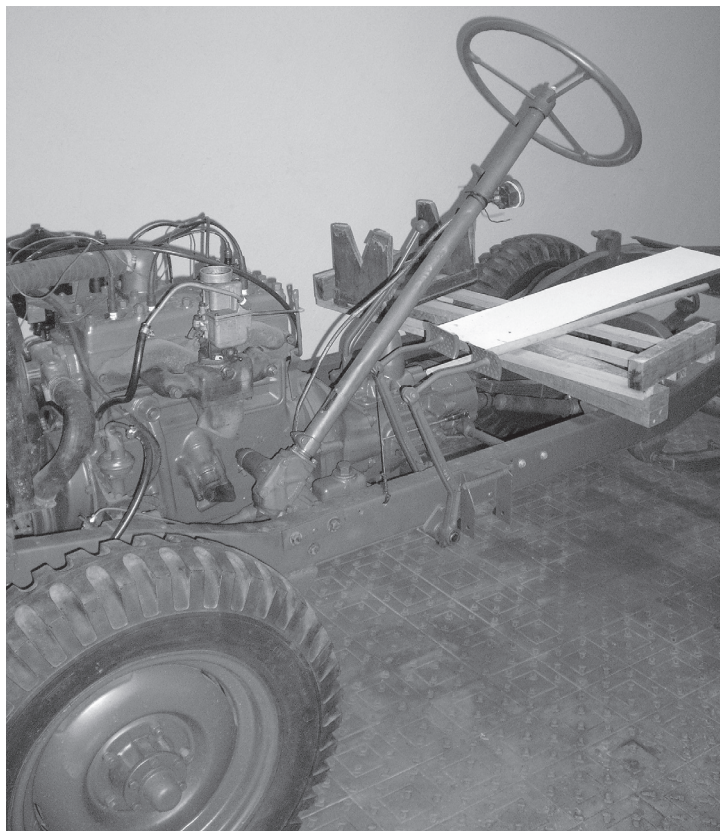
Como as construções não têm escritura, as transações imobiliárias são arriscadas. Mas, se a situação jurídica é nebulosa, a social é recheada de boas lembranças que permanecem vivas. São muitas as organizações de moradores, de blocos de carnaval a clubes de frequentadores do mesmo churrasco. Urubu Cheiroso e Força Jovem são blocos dos mais tradicionais. A banda do Mestre Joviniano, que também é nome de rua na região, alegrou os moradores nas primeiras décadas do século passado. O mestre foi operário da Fábrica de Tecidos e morador do Horto e passou adiante os seus conhecimentos musicais. O Clube dos 13, que realiza churrascos a cada dia 13 do mês, até compôs um samba-enredo para a confraternização. Aydo Martins de Souza, de 89 anos, marido de Abigail, é veterano da Segunda Guerra Mundial. Seu regimento lutou contra os alemães e conquistou Monte Castelo, na Itália. Um de seus filhos comprou um Jipe usado na guerra e o pai garante que vai desfilar com o automóvel na parada do dia sete de setembro.

Em um rápido passeio pela região, é fácil observar que o Horto não é um lugar comum. A Urca, por exemplo, considerada o bairro mais tranquilo da Zona Sul, é mais formal do que essa área do Horto. Já existem alguns vícios da cidade, como guardadores de carro, pichações de muros e furtos de automóveis, principalmente dos funcionários da TV Globo que, segundo alguns moradores, já são “manjados” na região. Mas, até nos problemas, o bairro conserva



O clube Caxinguelê fica de portas abertas e anima a noite fria de moradores e visitantes

RODRIGO COSTA



O jipe de guerra está sendo reconstruído para o desfile de sete de setembro



“A tropa de choque veio com coletes e armas para nos tirar daqui, era algo inacreditável. Mas os moradores se juntaram para impedir a remoção e acabamos conseguindo ficar” Samuel Souza



Mesmo em noite de chuva, a vizinhança se reúne embaixo de uma lona e faz uma confraternização

o ar de cidade do interior. A guardadora de carros adora conversar com a recepcionista do Couve Flor, um dos primeiros restaurantes a quilo da cidade. Mesmo exercendo uma atividade irregular, ela não intimida os motoristas como fazem os flanelinhas da Gávea, bairro vizinho. Pode-se dizer que reina uma espécie de código de ética interiorano na região, que vai continuar existindo se as antigas casas não forem engolidas pelo fervor imobiliário da cidade ou extintas com a fiscalização fundiária da União.



O BUCOLISMO É CULT

De bairro operário a pólo gastronômico e artístico da Zona Sul

A história do Horto pode ser contada desde o século XIX, quando, com a abolição da escravidão, as grandes chácaras do Jardim Botânico foram vendidas e loteadas. Numa delas foi construída a Fábrica de Tecidos Carioca, em 1889, cuja vila operária se situava na Rua Pacheco Leão. Depois de desativada a fábrica, as 132 casas dos operários foram tombadas pelo Departamento Geral de Patrimônio Cultural (DGPC) em 1987.

Moradores, empresários, corretores de imóveis e frequentadores da região são unânimes: a troca por grades do muro que escondia da Rua Pacheco Leão a beleza do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, nos últimos tempos, deu o pontapé na valorização do lugar. Mas os imóveis ainda têm preços acessíveis. As casas, que se desvalorizaram nesses tempos violentos, e prédios antigos, muitos sem garagem ou infra-estrutura, não seguem a explosão imobiliária da

cidade. Assim, os preços acabam não acompanhando o charme da região, o que é ótimo para quem quer adquirir um imóvel por ali.

O baixo custo e o bucolismo têm atraído não só quem está à procura de um imóvel para morar. A região do Horto, em especial as casas da vila operária, está se transformando em um celeiro de ateliês e já é chamada pelos moderninhos de SoHo carioca, em alusão ao bairro nova-iorquino, que acolhe ateliês e restaurantes descolados. Em 2001, foi inaugurada a H.A.P. Galeria, da consultora de arte Heloisa Amaral Peixoto, que abriga exposições de arte contemporânea e conta com um acervo dos maiores nomes das artes plásticas brasileiras, como Beatriz Milhazes e Alex Cerverny. Outra vocação encontrada no Horto é a gastronomia. O Couve-Flor, que funciona na Pacheco Leão há mais de 15 anos, deu o pontapé para outros restaurantes se instalarem na região, como o japonês Yumê, antigo Miss Tanaka.

Ipanema: ontem, hoje e sempre

ANA CAROLINA NOWICKI, CAROLINA BERGIER E RACHEL LEMOS



Poesia à beira-mar



s primeiros moradores foram os índios tamoió, para quem “ipanema” queria dizer “água ruim”. Por volta de 1575, os colonizadores portugueses dizimaram os indígenas e ali instalaram o Engenho Del Rei. Entre várias desapropriações, doações e leilões, a área conhecida como Praia de Fora mudou de mãos várias vezes até ser comprada pelo comendador Francisco José Fialho, que a repassou ao filho, José Antônio Moreira Filho, mais conhecido como Barão de Ipanema. Em 1884, surgiu a Vila Ipanema.

Em 1886, a área nada mais era que um desvalorizado areal da Fazenda Copacabana. Só era possível chegar ao local de barco ou a pé. Apesar dos obstáculos naturais, o Barão decidiu explorar a área comercialmente e esboçou uma planta do futuro bairro com 19 ruas e duas praças. Com a extensão da linha de bonde até a Praia da Igrejinha (atual Posto 6), Ipanema cresceu.

Nos anos 1940 e 50, não existia vida cultural no bairro. Mas, a partir da década de 1960, o bairro começou a exportar modismos. Era na Avenida Vieira Souto que os jovens encontravam-se para estabelecer comportamentos à frente de seu tempo. A partir de então, Ipanema tornou-se um símbolo de vanguarda para o país.

Do Arpoador ao “Coqueirão”, é possível elaborar uma síntese da migração dos jovens pela praia desde a década de 1950 até o início dos anos 1980. A região do Arpoador é lembrada como o “berço do surf no Brasil” e um dos primeiros pontos a reunir os banhistas do bairro. Para o escritor e cartunista Jaguar, autor do livro *Ipanema, se não me falha a memória* (2000), “o Arpoador desponta como um dos espaços mais significativos da memória dos antigos frequentadores das praias de Ipanema”.

Na década seguinte, o principal ponto de encontro da juventude ipanemense foi o Píer – local onde se construiu uma grande plataforma de 200 metros mar adentro para a instalação de um emissário submarino. O Píer é lembrado como um território de uso de drogas variadas e, por esse motivo, também ficou conhecido como “Dunas do Barato” – escavadeiras formavam imensas dunas nas laterais do Píer –, local



Arpoador, palco do antigo Circo Voador

de encontro da “geração desbunde”. O fenômeno da popularização ocorreu no Píer e, já no final dos anos 1970 e início dos 1980, o ponto de referência dos jovens tornou-se o hotel Sol Ipanema, recém construído na orla.

Se um grão de areia falasse...

Os moradores de Ipanema possuem gosto pelo novo e pela transgressão. As atitudes ipanemenses são difundidas e copiadas em outros locais da cidade e do Brasil. A praia serve como pano de fundo para acontecimentos que desmistificam preconceitos, como a aparição da atriz Leila Diniz grávida de biquíni, a do ex-guerrilheiro Fernando Gabeira de “tanga” tomando uma limonada ou a de um grupo de mulheres com os seios à mostra, rodeadas de repórteres e curiosos.

A antropóloga Miriam Goldemberg afirma que a imagem de Leila Diniz de biquíni, com a barriga de grávida à mostra, em 1971, materializou comportamentos transgressores: “A barriga grávida de Leila Diniz, exibida de biquíni nas praias de Ipanema, é

O Píer é lembrado como um território de uso de drogas variadas e, por esse motivo, também ficou conhecido como “Dunas do Barato”

ainda hoje lembrada como símbolo da liberação da mulher no Brasil. Provavelmente sua atitude não teria sido compreendida em outra praia”, diz Miriam.

O rebolado da “Garota de Ipanema” certamente não poderia ser visto sobre outras pedras portuguesas. Em meados de 1962, Tom Jobim e Vinícius de Moraes encantaram-se com a beleza de Helô Pinheiro e compuseram a canção mais tocada no mundo. De seu ponto de observação, o bar Veloso, ambos ficaram maravilhados com o charme da musa a caminho da praia e assim surgiram os versos “Olha que coisa mais linda/ mais cheia de graça”.

Foi também na praia de Ipanema que Glauber Rocha, Jô Soares, João Saldanha e Carlos Leonam iniciaram o costume de bater palmas para o pôr-do-sol; que o *topless* foi aceito e exportado para o resto do país, como aconteceu em janeiro de 1972; que foi construída uma arena do tamanho do Circo Voador, entre o Arpoador e a Praia do Diabo; que o grupo teatral Asdrúbal Trouxe o Trombone poderia contestar a ditadura...



Espectáculo natural ao entardecer na praia de Ipanema

1988: o “Verão da Lata”

Nem durante os maiores delírios, os freqüentadores do Posto 9 de hoje poderiam sonhar com o aparecimento de um barco que fizesse “brotar” maconha na praia. Isso ocorreu no final de 1987, quando o navio pesqueiro panamenho *Solana Star*, que transportava um carregamento de 22 toneladas da erva prensada acondicionada em 20 mil latas lacradas a vácuo, começou a ser perseguido pela Marinha brasileira, que havia sido alertada pelo Drug Enforcement Agency, um instituto americano de repressão às drogas. Diante da perseguição, não restou outra alternativa à tripulação do *Solana* senão lançar toda a droga ao mar.

As correntes marítimas espalharam as latas pelas praias do Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. “Os recipientes com a droga estavam no fundo do mar, presos em engradados”, lembra Salvador de Souza, delegado da Polícia Federal do Rio de Janeiro. “Mas a ação da maresia quebrou as cercas de metal e libertou as latas, que subiram e ficaram boiando na superfície”. As ondas se encarregaram de levar a maconha para a beira da praia, deixando pronto o cenário para o verão de 1988, conhecido como o “Verão da Lata”. Foi uma estação marcante para a população carioca. De um lado, Cid Moreira noticiava a história da maconha no *Jornal Nacional* e a polícia enlouquecida correndo atrás da tripulação do *Solana*. Do outro, jovens especializavam-se no resgate das latas. “O clima do bairro, da cidade até, mudou. Na verdade, eu e meus amigos passamos a ver tudo com outros olhos, por um verão, que fosse. A praia de Ipanema era uma festa só.”, lembra Marcelo Alencar, 47, freqüentador das areias da lata.





Casa de Cultura Laura Alvim:
pólo artístico e cultural na Av.
Vieira Souto

As garotas de Ipanema

Não se pode falar de Ipanema sem falar sobre a beleza de suas musas. Para ilustrar as variações desse imaginário é interessante refletir sobre a mudança no perfil das musas e do principal emblema do bairro: o espaço da praia. Se Leila Diniz foi eleita musa de Ipanema na década de 1960, a esportista e apresentadora de televisão Cíntia Howlett é o símbolo de beleza atual.

Se antes a praia era um lugar de transgressão, onde o corpo era tido como polêmico e irreverente; hoje é um local saudável que dá ao corpo uma nova moralidade, através do valor às formas atléticas e malhadas. Helô Pinheiro, musa inspiradora da canção "Garota de Ipanema", cede seu lugar para as jogadoras de vôlei de praia Carolina Souberg e Maria Clara Salgado, famosas por seus corpos esculpturais.



Barril 1800: o
único bar da Av.
Vieira Souto atrai
turistas



*Em meados de 1962, Tom Jobim e Vinícius de Moraes
encantaram-se com a beleza de Helô Pinheiro e compuseram a
canção mais tocada no mundo*

Rio de Janeiro: uma cidade deficiente

Falta de infra-estrutura dificulta o dia-a-dia dos portadores de necessidades especiais no município

BRUNA DIAS, BRUNO SOUZA, FERNANDA THURLER E RAFAEL NUNAN

RAFAEL NUNAN



Daniel
Gonçalves



Rio de Janeiro não está preparado para abrigar os 828 mil habitantes portadores de algum tipo de deficiência. De acordo com o Censo 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os seus mais de 5,8 milhões de moradores do município, pelo menos 14% sofrem de alguma limitação física ou mental. Apesar deste número elevado, a cidade não tem uma infra-estrutura urbana adequada. Gran-

de parte da população tampouco está ciente dos problemas que os portadores de necessidades especiais enfrentam em seu cotidiano. Destaca-se o caso dos deficientes físicos, que sofrem com a falta de vias públicas e de um sistema de transporte adequados.

Renato, Lucas e Daniel são três jovens de classe média, moradores da Zona Sul, com diferentes tipos de deficiência física. Daniel Gonçalves, 21 anos, estudante de Jornalismo da PUC-Rio, convive desde o nascimento com uma rara doença neurológica, que lhe deixou com problemas motores leves. Renato Ribeiro, 29 anos, tecnólogo em informática, também tem deficiência motora. Complicações no parto provocaram falta de oxigenação no cérebro, deixando seqüelas permanentes. Lucas Maia, 20 anos, estuda na PUC como Daniel. Sua deficiência visual, no entanto, não impediu que ele estudasse Cinema. Com a ajuda de seu inseparável cão-guia, Lucas circula pela universidade aparentemente sem problemas. O dia a dia destes três jovens, porém, mostra uma realidade muito diferente.

Para ir à aula, Daniel, morador de Botafogo, pega um ônibus municipal da linha 592, Gávea-Leme. E o desafio começa: os carros da linha são antigos, não têm acessos

especiais para deficientes e estão em péssimo estado de conservação. Além disso, o jovem tem de enfrentar a falta de educação dos motoristas, que arrancam com o ônibus antes que os passageiros possam se sentar.

“Já cansei de ver pessoas de idade e até mesmo outros deficientes que não caem por sorte, porque, na maioria das vezes, o motorista não quer nem saber. Ele sai acelerando, dando tranco e dane-se o resto”, conta Daniel.

O estudante lamenta a falta de civismo e solidariedade dos motoristas cariocas. “Há umas duas semanas, em Ipanema, eu estava dentro do ônibus e uma mulher entrou se arrastando. O motorista nem se moveu para ajudá-la a entrar. Ela entrou rastejando e uma outra pessoa entrou com a cadeira de rodas depois. Foi o cúmulo do absurdo! Aqui no Rio, falta respeito a essas pessoas. A quantidade de ônibus adaptados para cadeiras de rodas é ridícula. Não deve chegar nem a 10%”, desabafa.

Segundo a Secretaria Municipal de Transportes (SMTR), das 114 linhas de ônibus da cidade, 48% possuem um carro adaptado para deficientes físicos, mas apenas um. Dado o tamanho do município e o número de ônibus que circulam, trata-se de uma proporção baixís-



Calçada mal conservada dificulta o pedestre

sim. Já imaginou ficar no ponto esperando um carro específico da linha que você deseja?

Renato, por outro lado, sequer consegue pegar um ônibus, em função do grau de sua deficiência motora. Ele sempre se locomove de carro ou metrô. “Tenho melhores condições em estações de metrô mais modernas como as da Siqueira Campos e do Cantagalo. Nas outras, quebro o galho: subo de escada rolante com acompanhante. Nas estações que não têm escadas rolantes, a pessoa que está comigo pede ao funcionário do metrô para me ajudar a subir”, explica Renato.

O que diz a lei

A legislação municipal procura ajudar o portador de necessidades especiais. A lei nº 276, de 23 de outubro de 1981, autoriza os coletivos da cidade a parar fora

dos pontos de ônibus quando o sinal for feito por um deficiente. No entanto, a determinação legal esbarra mais uma vez na má vontade de alguns motoristas, que desrespeitam o cidadão.

O município também garante outros benefícios ao portador de necessidades especiais, como o passe livre em transportes coletivos (lei nº 968, de 1987) e assentos reservados em local privilegiado no veículo (lei nº 317, de 1982). Estas e outras leis são conquistas que começaram a surgir aos poucos, a partir da formação da Assembleia Constituinte e de uma nova política de reforma urbana. O ano de 1980 foi marco de uma nova postura, a partir da instituição de uma Comissão Nacional dos Deficientes (AIPD).

Apesar das determinações legais para facilitar a vida dos portadores de deficiência durante trajetos

no transporte público, o drama de Daniel continua mesmo ao descer do ônibus, a poucos metros da faculdade. O caminho, apesar de curto, é tortuoso: buracos, ruas desniveladas e calçamento irregular dificultam sua locomoção.

“Eu sinto dificuldade de ter que ficar desviando dos buracos. Há bairros onde a situação é melhor, como Ipanema e Leblon, e outros como Botafogo, Humaitá, Jardim Botânico e até a Gávea, onde o calçamento tem buracos, as pedras portuguesas já saíram e aí ficam aquelas armadilhas. Já caí algumas vezes por causa dessas irregularidades das calçadas e até mesmo das ruas. Uma pessoa com um quadro um pouco pior que o meu tem muito mais dificuldade de driblar esses obstáculos. A situação piora ainda mais quando a pessoa usa cadeira de rodas”, descreve Daniel.



Rampa móvel em farmácia

A Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) elaborou uma cartilha de acessibilidade, para adaptar o meio urbano às necessidades dos deficientes físicos.

As rampas localizadas em lados opostos de uma via, por exemplo, devem estar sempre alinhadas. Elas devem ser padronizadas, evitando o desnível entre o fim da

rampa e a rua. Além disso, devem ter sinalização tátil de alerta, para que um deficiente visual possa perceber que está chegando perto da rua. O pedestre cego deveria contar também com a ajuda de um piso-guia para indicar que o caminho está livre de barreiras. Lixeiras, orelhões, bancas de jornal e caixas de correio teriam que ser acessíveis para permitir seu uso por todas as pessoas. A ALERJ especifica ainda as normas de sinalização e o tamanho ideal de uma vaga de estacionamento para portadores de deficiência.

A acessibilidade interna nos prédios e construções também é fundamental. As necessidades especiais de Renato pesaram na escolha de

Linhas de ônibus que contam com carros adaptados circulando diariamente, segundo a Secretaria Municipal de Transportes (SMTR)

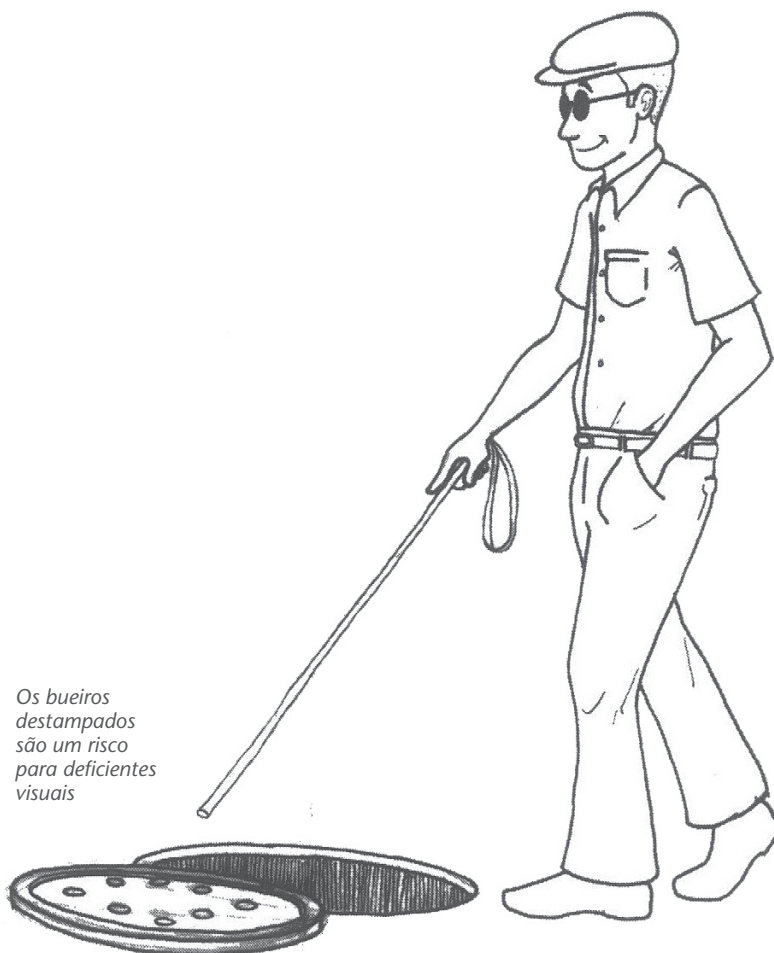
176 - Central - São Conrado	639 - Jardim América - Sáens Peña
222 - INT Vila Isabel - Hosp. Servidores	650 - Marechal Hermes - Eng. Novo
229 - Usina - Castelo	665 - Pavuna - Sáens Peña
239 - Água Santa - Castelo	680 - Penha - Méier
260 - C - Praça XV - Vila Valqueire	696 - Méier - Praia do Dendê
268 - Praça XV - Riocentro	712 - Cascadura - Irajá
284 - Tiradentes - Praça Seca	730 - Hosp. Cardoso Fontes - Covança
198 - Castelo - Acari	747 - Vargem Grande - Madureira
300 VA - Sulacap - Praça XV	754 - Sulacap - Barra da Tijuca
312 - Olaria - Praça Mauá	755 - Cascadura - Gávea
350 - Irajá - Passeio	773 - Pavuna - Cascadura
363 - Castelo - Bangu	779 - Madureira - Pavuna
367 - Realengo - Praça XV	780 - Benfica - Madureira
393 - Castelo - Bangu	790B - Campo Grande - Cascadura
398 - Tiradentes - Campo Grande	843 - Campo Grande - Boa Esperança
404 A - Rio Comprido - Jardim de Alah	846 - Campo Grande - Rio da Prata
409 - Sáens Peña - Horto	858 - Campo Grande - Santa Cruz
410 - Sáens Peña - Gávea	870 - Bangu - sepetiba
460 - São Cristóvão - Leblon	910 - Bananal - Madureira
464 - Maracanã - Leblon	920 - Bonsucesso - Pavuna
476 AR - Méier - Leblon	945 - Pavuna - Cidade Universitária
497 - Méier - Cosme Velho	S03- Campo Grande - sepetiba
572 - Glória - Leblon	6060M - Rodoviária - Engenho de Dentro

uma universidade particular equipada com uma infra-estrutura que lhe proporcionasse mais conforto, como rampas, elevadores e banheiros próprios para cadeirantes. A PUC-Rio é uma dessas instituições de ensino. Graças a instalações adaptadas, Daniel e Lucas não encontram muitas dificuldades em seu dia a dia na universidade.

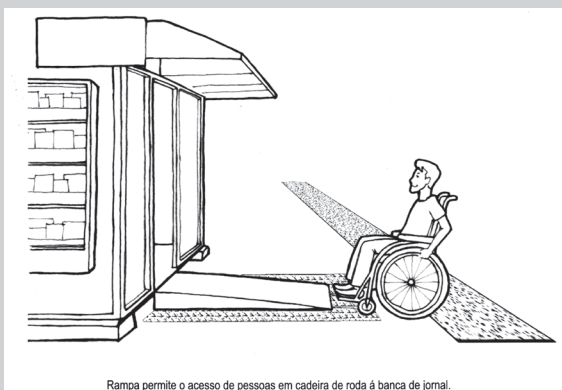
Problemas até para os que não possuem deficiência física

Mesmo para aqueles que não têm problemas motores, mas que apresentam outros tipos de deficiência, como a visual, o Rio de Janeiro também se mostra uma cidade despreparada no que diz respeito à sinalização de suas ruas e avenidas. A lei nº 1.090, de 26 de novembro de 1987, garante a instalação de sinais sonoros nos principais cruzamentos da cidade. Apesar de sua deficiência visual, Lucas é contra este tipo de sinalização.

“Imagine se a cidade inteira tivesse semáforos sonoros? Seria, no



Projetos de lei da Câmara Municipal do Rio de Janeiro voltados para o deficiente



- **Projeto de Lei 4/2005** autoriza o Poder Executivo a duplicar o número de escolas municipais destinadas aos deficientes físicos, sensoriais e mentais.
- **Projeto de Lei 240/2005** dispõe sobre a obrigatoriedade da criação de acessos adequados para deficientes físicos quando da execução de obras na cidade do Rio de Janeiro.
- **Projeto de Lei 396/2005** dispõe sobre o fornecimento de cadeiras de rodas para idosos e deficientes físicos nos centros comerciais.
- **Projeto de Lei 579/2001** dispõe sobre a obrigatoriedade de acesso adequado aos deficientes físicos nos supermercados.
- **Projeto de Lei 2137/2000** institui o programa de

equipagem de praças, complexos esportivos e logradouros públicos com mobiliário urbano adaptado às necessidades dos deficientes físicos.



Banheiro adaptado na PUC-Rio

mínimo, um caos auditivo e um engarrafamento monstruoso. Então, vamos ensinar a esse cego a atravessar a rua com o semáforo possível de existir. É muito mais produtivo do que ficar brigando por algo que não faz o menor sentido de ser implantado”, argumenta.

No entanto, simplesmente fazer valer os mecanismos jurídicos e transformar a estrutura física da cidade já não é o suficiente. A principal barreira enfrentada por muitas organizações não-governamentais é mudar a concepção da sociedade acerca dos deficientes. Lilia Martins, presidente do Centro de Vida Independente do Rio de Janeiro (CVI-Rio), trabalha desde 1988 na luta pela inserção dos portadores de deficiência. Ela explica que transformar a cultura excludente da sociedade é uma das maiores dificuldades. “Ainda percebemos barreiras físicas, humanas e sociais que são indicativas de uma resistência da socieda-

de em aceitar e dar espaço para a diversidade que a deficiência representa. Presenciamos também o desrespeito à legislação. Mesmo com vagas de garagem reservadas para deficientes, muitas pessoas estacionam sem se preocupar. Isso acontece nos banheiros para portadores e até mesmo nas rampas de acesso para deficientes físicos”, afirma a presidente do CVI-Rio.

De acordo com Lilia, a PUC-Rio, além de apresentar uma infra-estrutura adequada, é uma das entidades filantrópicas que procuram dar oportunidades profissionais aos deficientes. Através do setor de Recursos Humanos, a universidade contrata portadores de necessidades especiais, empregando-os em diversas áreas.

No entanto, ela ressalta também que é necessário garantir a acessibilidade aos meios de informação e comunicação. “É preciso transformar a mídia num meio que preveja a acessibilidade ao livro e às publicações em geral para as

pessoas cegas ou de baixa-visão. Além de recursos para disponibilizar filmes, teatro e programas de TV para as pessoas surdas”, diz Lilia.

Lucas, porém, acredita que os próprios deficientes devem se adequar à realidade existente. “Acredito sim, que cabe ao Estado cuidar da integridade física e emocional da população, incluindo os deficientes, mas não dá para o mundo se adaptar a nós. O que precisa ser feito é educar o cego, o surdo e o cadeirante para que possa viver na sociedade que temos”, observa.

O estudante usa seu próprio exemplo para enfatizar que a vida de um deficiente consiste na superação diária de limites. “Não tenho nenhuma força extraordinária ou coragem fora do comum. É só que, quando se está no escuro, você precisa se arriscar ou ficará parado para sempre no mesmo lugar. Não sou do tipo que fica em casa lamentando-se enquanto deixa a vida passar sem vivê-la”, conclui.

Por outro lado, Renato ainda tem esperanças quanto a uma mudança de percepção da sociedade em relação ao deficiente. “As pessoas não acreditam muito no nosso potencial. Acho que podemos viver como qualquer um se a sociedade tiver maior consciência disso. Falta mais solidariedade; mais empatia com o próximo. Sinto que as pessoas ainda precisam aprender muito com os portadores de necessidades especiais. Falta paciência”, desabafa.

Ao final de mais um dia cansativo, Daniel, que mora sozinho, ainda arranja tempo para cuidar dos afazeres domésticos. Amanhã, ele, Lucas e Renato vão acordar e encarar novamente um Rio de Janeiro, que, para eles, será sempre um desafio.

